Autor : NILC – USP / SP - pdf by: Praetoriani.da.ru

A Construção de uma Minigramática

A partir de agora você está convidado a percorrer o vasto mundo da gramática da língua portuguesa!

Trata-se de um conjunto de *normas* postuladas no decorrer da história da língua portuguesa do Brasil. Inúmeros gramáticos contribuíram, ao longo dos anos, para consagrar as formas e construções que hoje compõem as regras da norma *culta* da língua portuguesa. Os princípios estipulados em uma gramática visam, em primeiro lugar, a garantir uma boa utilização dos recursos da língua, em especial a língua escrita e, em segundo lugar, ser um material de referência para a explicação dos fenômenos lingüísticos. Portanto, para a boa construção em linguagem verbal, não basta o dicionário; é também importante o conhecimento da estrutura de cada língua, objeto da gramática.

Este material que estamos lhe apresentando denomina-se *minigramática*. Ele é "mini" por dois motivos fundamentais. O primeiro é que o conjunto de informações contido aqui ainda não cobre todos os fenômenos da nossa língua portuguesa. O segundo motivo é que tivemos como meta a apresentação de textos objetivos e sucintos.

A minigramática está em sua segunda versão. Na primeira fase, optamos pelo tratamento das inadequações gramaticais mais freqüentes, ou seja, momentos em que as normas gramaticais cultas são violadas com maior freqüência. Nessa segunda etapa de trabalho, ocupamo-nos de elaborar um material metalingüístico, isto é, uma fonte de informações definitórias de vários componentes da estrutura da língua: as classes gramaticais, as unidades menores do texto e os termos da oração.

Com a preocupação de lhe responder, em detalhes, sobre as inadequações cometidas sobre um texto escrito, criamos uma minigramática especialmente voltada ao fornecimento de explicações dos fenômenos da língua portuguesa, apresentando, inclusive e na forma de exemplos, as construções aceitáveis e inaceitáveis referentes a cada tópico gramatical. Você conhecerá, por exemplo, as especificidades do fenômeno da concordância, da crase e da regência de alguns verbos. Poderá esclarecer dúvidas sobre o emprego adequado da vírgula, do hífen e de alguns pronomes; terá acesso às particularidades do uso de várias locuções e de palavras como "*se*" e "*capaz*", por exemplo. É uma oportunidade de pesquisar sobre o porquê da expressão "*entre mim e ti*", em vez de "*entre eu e você*", do uso de "*em nível de*", em vez de "*a nível de*" e da construção "*Responda-me assim que puder*", em vez de "*Me responda assim que puder*".

Na maioria das vezes procuramos selecionar alguns tópicos relacionados ao tema de pesquisa (*Tópicos Relacionados)* que podem acrescentar informações sobre o tema que você estará acessando. A presença de vários *links* (destaque sublinhado nos textos) irá permitir que você alcance informações complementares de forma rápida e interativa. Ainda nesse sentido, procuramos evidenciar as informações mais relevantes de cada verbete através dos destaques em negrito. Isso permite que você faça a distinção dos vários usos dos recursos lingüísticos e guarde deles as suas particularidades.

Nosso esforço em fornecer a você um material alternativo, de fácil acesso e manipulação, além de sério com respeito às informações da nossa língua é um processo ainda em andamento. Em alguns momentos, contaremos com o seu conhecimento conceitual referente à gramática, tais como os tipos de orações, a noção de locução, contração, contexto, discurso, etc. Nossa perspectiva, no entanto, é atendê-lo nessas lacunas com as próximas versões da minigramática.

Da maneira como está hoje, este suporte lingüístico caminha para o abandono do seu status de "mini", dadas as informações que agora contemplam o plano conceitual da gramática e os processos que envolvem as estruturas da língua.

Mas, contrariando aqueles que advogam a favor da alta complexidade da língua portuguesa em relação às demais línguas do mundo, acreditamos ser possível assimilar com tranqüilidade a estrutura do português do Brasil e aplicá-la com habilidade. Temos plena certeza, então, que essa excursão pelo mundo da gramática será um enorme prazer para você. Sendo assim, vamos a ela...

Classes Gramaticais: tipos

As classes gramaticais da língua portuguesa são:

Substantivo

Substantivo é a palavra que designa seres em geral:

1. nomes de pessoas, coisas, lugares, gênero, espécie

Exemplos:

nomes	coisas	lugares	gênero	espécie
Maria	espelho	Sergipe	[o] visitante	jacarandá
Paulo	futebol	Canadá	[a] hóspede	homem
Castro	jóia	sapataria	[o] artista	hortaliça
Maia	lago	chácara		

2. nomes de estados ou qualidades, ações, sentimentos, noções que se destinam a denominação de seres:

Exemplos:

estado ou qualidade	ações	sentimentos	noção
juventude	nascimento	felicidade	tamanho
hipocrisia	colheita	hipocrisia	originalidade
médico	[o] pulo	medo	equilíbrio

Considera-se, ainda, substantivo qualquer palavra que ocupe a função sintática particular ao substantivo. Nessa perspectiva, a distribuição do substantivo é bastante ampla, pois pode-se estendê-la para a caracterização de vários termos e orações da nossa língua.

Dizemos que um termo *funciona* como substantivo, embora não se caracterize como tal sob outro ponto de vista. Ou seja, apesar de, em princípio, uma palavra pertencer a certa classe gramatical, essa determinação pode mudar dependendo do papel que a palavra esteja desempenhando na sentença. Dessa forma, qualquer palavra da língua é suscetível de várias categorizações, pois o que impera são suas funções vinculadas a um contexto específico.

Exemplos:

1. **O não é próprio do meu chefe**

   ...[*não* = advérbio]

   ...[*não* (nesta sentença): núcleo do sujeito = substantivo]

   ...[função do *não*: substantivo]

2. **O fazer parece ser mais importante que o pensar.**

   ...[*fazer/pensar* = verbo]

   ...[*fazer/pensar* (nesta sentença): núcleo do sujeito = substantivo]

   ...[função do *fazer/pensar*: substantivo]

Na esfera da classificação das orações esse mesmo critério está presente. Dizemos, por exemplo, que uma oração é substantiva, quando se comporta como um substantivo (em oposição à função de adjetivo ou advérbio).

Exemplo:

1. **"O pior é que eu não estava mentindo..."**

Adjetivo

Adjetivo é a palavra que qualifica os seres em termos de:

- expressão de uma qualidade

Exemplos:

chocolate *quente / gostoso / amargo*
...[*chocolate*: substantivo]

- expressão da aparência ou aspecto

Exemplos:

mesa *quadrada / preta / quebrada*
...[*mesa*: substantivo]

- apresentação do estado do ser

Exemplos:

ventilador *ligado / quebrado / emprestado*
...[*ventilador*: substantivo]

Na perspectiva *funcional*, considera-se *adjetivo* o termo que modifica um substantivo (ou qualquer palavra que exerça a função de substantivo) no sentido de lhe atribuir uma característica. Sob esse ponto de vista, qualquer palavra ou oração que funcione como um modificador deste tipo terá valor de adjetivo. Assim são, por exemplo, os pronomes que indicam propriedade (meu, dele, etc.) ou as orações subordinadas do tipo:

"Era ela mesma uma estrela que ofuscava a própria luz"

Há de se considerar, portanto, o contexto em que as palavras estão inseridas para se prosseguir na análise. As diversas situações da linguagem revelam que uma palavra, em princípio considerada adjetivo, pode funcionar como um substantivo. Observe:

1. **"Os parentes vegetarianos nunca tinham vez em casa!"**

   ...[*parentes*: substantivo]

   ...[*vegetarianos*: adjetivo]

2. **"Os vegetarianos nunca tinham vez em casa!"**

   ...[*vegetarianos*: substantivo]

Em termos sintáticos, os adjetivos, assim como qualquer outro termo determinante, devem estabelecer uma relação de concordância com o substantivo ao qual se referem. Desse modo, a grande maioria dos adjetivos sofre flexão em gênero (masculino ou feminino) e número (singular ou plural) de acordo com o termo ao qual está ligada.

Exemplos:

[o] teatro *reformado*   [a] encomenda *atrasada*

É importante conhecer as particularidades dos adjetivos:

- **Adjetivo x advérbio**
- **Uso dos Adjetivos diante de Particípio**
- **O grau dos advérbios e os adjetivos particípios**
- **A formação do grau e os adjetivos e advérbios anômalos**
- **Formas analíticas dos adjetivos anômalos**

Artigo

Artigo é a palavra que determina ou indetermina os seres ao qual está ligado.

Além dessa função de determinação, o *artigo* exerce outra função muito importante: a *substantivação*. A palavra ligada ao artigo, ou seja, aquela com a qual ele estabelece a concordância, torna-se um substantivo. Desse modo, podemos concluir desde já que o artigo é uma palavra extremamente dependente de outras na oração. Seu elo mais forte é com o substantivo.

Exemplos:

1. **Com um número na cabeça, o rapaz tentava encontrar um lugar de apostas: hoje seria o dia do dragão.**

2. **Nem parecia que a faxina tinha sido feita: as plantas secas, o jantar ainda posto, uma intenção de viagem no ar.**

   ...[em negrito: artigos]

   ...[palavras sublinhadas: substantivos]

Embora o artigo esteja sempre vinculado a um substantivo, a presença deste nem sempre é necessária. É o fenômeno chamado zeugma, bastante comum na nossa língua.

Exemplo:

1. **Havia dias em que eu precisava do colo dele; outros muitos era ele quem procurava o meu.**

   ...[*o meu*: zeugma = elipse do substantivo "colo"]

Os artigos são palavras variáveis, ou seja, sofrem variação em gênero (masculino ou feminino) e número (singular ou plural) em concordância com o substantivo que antecedem. Essa característica, aliás, é bastante importante em muitos casos. Por exemplo, os artigos são fundamentais para determinar o gênero de certos substantivos e, com isso, o seu significado.

Exemplos:

***a* cabeça [parte do corpo]**	***o* cabeça [chefe]**
***a* caixa [recipiente]**	***o* caixa [resposável pelo caixa]**
***a* grama [relva]**	***o* grama [unidade de peso]**
***a* moral [conjunto de regras]**	***o* moral [brio, ânimo]**

Uso de artigos e determinantes

Deve-se evitar o uso do artigo indefinido diante dos pronomes indefinidos por constituir caso de redundância.

Exemplo:

1. **Era um belo pôr-do-sol, com uma certa cor que o casal jamais havia visto. [Inadequado]**

   Era um belo pôr-do-sol, com certa cor que o casal jamais havia visto. [Adequado]

Deve-se evitar o uso do artigo definido diante de pronomes possessivos nos casos em que o possuído não puder pertencer senão ao possuidor.

Exemplo:

1. Lavei as minhas mãos. [Inadequado]

   Lavei minhas mãos. [Adequado]

   ...[Minhas mãos não podem pertencer senão a mim; o artigo torna-se, pois, redundante]

Os pronomes de tratamento não admitem o artigo. A única exceção é o pronome "senhor" e suas variações [senhores, senhora, senhoras].

Exemplos:

1. Não gosto da Vossa Excelência. [Inadequado]

   Não gosto de Vossa Excelência. [Adequado]

2. A senhora deseja alguma coisa? [Adequado]

O pronome relativo "cujo" e suas variações [cujos, cuja, cujas] não admitem o uso do artigo.

Exemplo:

1. O suor descia da cabeça, cujos os cabelos lisos e negros estavam duros. Andava pela velha vila, tão conhecida, por cujas as ruas passeiam assombrações. [Inadequado]

   O suor descia da cabeça, cujos cabelos lisos e negros estavam duros. Andava pela velha vila, tão conhecida, por cujas ruas passeiam assombrações. [Adequado]

Depois de "ambos", "ambas", "todos" e "todas", quando determinantes, é indispensável o uso do artigo definido.

Exemplos:

1. Ou fazia ambas coisas de qualquer maneira ou desistia de uma delas. [Inadequado]

   Ou fazia ambas as coisas de qualquer maneira ou desistia de uma delas. [Adequado]

2. Seu vasto coração abriga todos alunos. [Inadequado]

   Seu vasto coração abriga todos os alunos. [Adequado]

Pronome

Pronome é a palavra que se usa em lugar do nome, ou a ele se refere, ou ainda, que acompanha o nome qualificando-o de alguma forma.

Exemplos:

1. A moça era mesmo bonita. Ela morava nos meus sonhos!

   ...[substituição do nome]

2. A moça que morava nos meus sonhos era mesmo bonita!

   ...[referência ao nome]

3. Essa moça morava nos meus sonhos!

   ...[qualificação do nome]

Grande parte dos pronomes não possui significado fixo, isto é, essas palavras só adquirem significação dentro de um contexto, o qual nos permite recuperar a referência exata daquilo que está sendo colocado por meio dos pronomes no ato da comunicação. Com exceção dos pronomes interrogativos e indefinidos, os demais pronomes têm por função principal apontar para as pessoas do discurso ou a elas se relacionar, indicando-lhes sua situação no tempo ou no espaço. Em virtude dessa característica, os pronomes apresentam uma forma específica para cada pessoa do discurso.

Exemplos:

1. **Minha carteira estava vazia, quando eu fui assaltada.**

   ...[minha/eu: pronomes de 1ª pessoa = aquele que fala]

2. **Tua carteira estava vazia, quando você foi assaltada?**

   ...[tua/você: pronomes de 2ª pessoa = aquele a quem se fala]

3. **A carteira dela estava vazia, quando ela foi assaltada.**

   ...[dela/ela: pronomes de 3ª pessoa = aquele de quem se fala]

Em termos morfológicos, os pronomes são palavras variáveis em gênero (masculino ou feminino) e em número (singular ou plural). Assim, espera-se que a referência através do pronome seja coerente em termos de gênero e número (fenômeno da concordância) com o seu objeto, mesmo quando este se apresenta ausente no enunciado.

Exemplos:

1. **[Fala-se de Roberta]**

2. **Ele quer participar do desfile da nossa escola neste ano.**

   ...[*nossa*: pronome que qualifica "escola" = concordância adequada]

   ...[*neste*: pronome que determina "ano" = concordância adequada]

   ...[*ele*: pronome que faz referência à "Roberta" = concordância inadequada]

São muitos os tipos de pronomes e também diversos as suas funções e empregos. Por isso, é importante conhecer outras particularidades a seu respeito:

- **Pronome reto**
- **Pronome oblíquo**
- **Pronome reflexivo**
- **O pronome em início de sentença**
- **A crase e os pronomes pessoais**
- **A crase e os pronomes demonstrativos**
- **A crase e os pronomes indefinidos**

Além disso, alguns pronomes ocupam posições especiais na sentença. Essa característica dos pronomes é tratada como colocação pronominal.

Pronome substantivo

Pronome substantivo é aquele que substitui um substantivo na sentença. Como o pronome assume para si as características do nome ao qual substitui, ele segue, dessa forma, todas as suas características. São elas:

- ***gênero* - ex: ele**

- ***número* - ex: eles**

- **a *pessoa do discurso* - ex: ele = aquele de *quem* se fala**

- **marca de *sujeito inanimado* - ex: isso**

- **marca de *situação no espaço* - ex: aí**

Para identificar um pronome substantivo, portanto, basta substitui-lo por algum substantivo.

Exemplos:

1. **O carteiro sempre me desafiava!**

   Ele sempre me desafiava!

2. **Os homens e as mulheres da paróquia foram convocados.**

   Todos foram convocados

3. **O presente que está perto de você é bastante grande.**

   Esse presente aí é bastante grande.

Pronome reto

Pronome pessoal do caso reto é aquele que, na sentença, exerce a função de sujeito.

Sendo um *pronome* ele carrega consigo as características próprias a essa classe gramatical, ou seja, é uma palavra que pode:

- **substituir um nome;**
- **qualificar um nome;**
- **determinar a *pessoa do discurso*.**

Os pronomes retos apresentam flexão de número, gênero (apenas na 3ª pessoa) e pessoa, sendo essa última a principal flexão porque marca a pessoa do discurso. Dessa forma, o quadro dos pronomes retos é assim configurado:

- 1ª pessoa do singular (eu): *eu*

- 2ª pessoa do singular (tu): *tu*

- 3ª pessoa do singular (ele, ela): *ele, ela*

- 1ª pessoa do plural (nós): *nós*

- 2ª pessoa do plural (vós): *vós*

- 3ª pessoa do plural (eles, elas): *eles, elas*

Freqüentemente se observa a omissão do pronome reto em Língua Portuguesa. Isso se dá porque as formas verbais marcam, através de suas *desinências*, as pessoas do verbo indicadas pelo pronome reto (ex.: *Dormi cedo ontem*; *Fizemos boa viagem*).

É importante conhecer algumas outras particularidades dos pronomes retos, tais como:

- **O pronome e o verbo no infinitivo**
- **A concordância e o pronome reto como predicativo do sujeito**

Pronome oblíquo

Pronome pessoal do caso oblíquo é aquele que, na sentença, exerce a função de *complemento verbal*, ou seja, objeto direto ou objeto indireto.

Sendo um *pronome* ele carrega consigo as características próprias a essa classe gramatical, ou seja, é uma palavra que pode:

- **Substituir um nome**
- **Qualificar um nome**
- **Determinar a pessoa do discurso**

Em verdade, o pronome oblíquo é uma forma variante do pronome pessoal do caso reto. Essa variação na forma do pronome indica tão somente a função diversa que eles desempenham na oração: pronome reto marca o sujeito da oração; pronome oblíquo marca o complemento verbal da oração.

Os pronomes oblíquos sofrem variação de acordo com a acentuação tônica que possuem. Dessa forma eles podem ser:

Pronomes oblíquos átonos

Pronomes oblíquos tônicos

É importante conhecer algumas particularidades dos pronomes:

- **Formas especiais do pronome oblíquo**
- **Colocação pronominal**
- **O pronome em início de sentença**
- **O pronome e o objeto direto**

Pronome oblíquo átono

São chamados átonos os pronomes oblíquos cuja acentuação tônica é fraca.

Os pronomes oblíquos apresentam flexão de número, gênero e pessoa, sendo essa última a principal flexão porque marca a *pessoa do discurso*. Dessa forma, o quadro dos pronomes oblíquos átonos é assim configurado:

- 1ª pessoa do singular (eu):*me*

- 2ª pessoa do singular (tu):*te*

- 3ª pessoa do singular (ele, ela): *o, a, lhe*

- 1ª pessoa do plural (nós):*nos*

- 2ª pessoa do plural (vós):*vos*

- 3ª pessoa do plural (eles, elas): *os, as, lhes*

O *lhe* é o único pronome oblíquo átono que já se apresenta na forma contraída, ou seja, houve a união entre o pronome *o* ou *a* e *preposição a* ou *para*. Por acompanhar diretamente uma preposição, o pronome *lhe* exerce sempre a função de objeto indireto na oração. Os demais pronomes átonos em geral funcionam como objeto direto.

É importante conhecer algumas particularidades dos pronomes oblíquos átonos:

- **Formas especiais do pronome oblíquo**
- **Colocação pronominal**
- **O pronome em início de sentença**
- **O pronome e o objeto direto**

Pronome oblíquo tônico

São chamados tônicos os pronomes oblíquos cuja acentuação tônica é forte.

Os pronomes oblíquos apresentam flexão de número, gênero (apenas na 3ª pessoa) e pessoa, sendo essa última a principal flexão porque marca a *pessoa do discurso*. Dessa forma, o quadro dos pronomes oblíquos tônicos é assim configurado:

- 1ª pessoa do singular (eu): *mim, comigo*

- 2ª pessoa do singular (tu): *ti, contigo*

- 3ª pessoa do singular (ele, ela): *ele, ela*

- 1ª pessoa do plural (nós): *nós, conosco*

- 2ª pessoa do plural (vós): *vós, convosco*

- 3ª pessoa do plural (eles, elas): *eles, elas*

Os pronomes oblíquos tônicos sempre acompanham uma *preposição*, em geral as preposições *a*, *para*, *de* e *com*. Por esse motivo os pronomes tônicos exercem a função de objeto indireto da oração.

Observe que as únicas formas próprias do pronome tônico são a primeira pessoa (*mim*) e segunda pessoa (*ti*). As demais repetem a forma do pronome pessoal do caso reto.

A forma contraída dos pronomes tônicos (*comigo*, *contigo*, *conosco* e *convosco*) é obrigatória na construção dos pronomes de 1ª e 2ª pessoas do singular e do plural. As terceiras pessoas do singular e plural, por possuírem uma forma iniciada por vogal (*ele*, por exemplo), se apresentam separadas da preposição "com" (*com ele*, *com elas* e etc.).

Os pronomes oblíquos tônicos contraídos (*contigo*, por exemplo) freqüentemente exercem a função de *adjunto adverbial de companhia* (ex.: *Ele carregava este nome consigo*).

Pronome reflexivo

São aqueles que expressam a igualdade entre o sujeito e o objeto da ação.

Os pronomes reflexivos, embora também apontem para o sujeito da oração, exercem sempre a função de *complemento verbal* (objeto direto ou indireto). Por esse motivo são associados aos pronomes pessoais do caso oblíquo, herdando as características desses.

O quadro dos pronomes reflexivos é assim configurado:

- 1ª pessoa do singular (eu): *me*

- 2ª pessoa do singular (tu): *ti*

- 3ª pessoa do singular (ele, ela): *si, consigo*

- 1ª pessoa do plural (nós): *nos*

- 2ª pessoa do plural (vós): *vos*

- 3ª pessoa do plural (eles, elas): *si, consigo*

Com exceção das terceiras pessoas do singular e plural, as demais formas dos pronomes reflexivos repetem as formas do pronome oblíquo átono. Como os pronomes átonos são fracos quanto à acentuação, há determinadas formas (ver formas especiais do pronome oblíquo átono) e posições (ver colocação pronominal) fixas para eles na oração.

A forma contraída dos pronomes reflexivo (*consigo*) é obrigatória na construção dos pronomes de 3ª pessoas do singular e do plural. Essa forma contraída freqüentemente exerce a função de *adjunto adverbial de companhia* (ex.: *Ela veio comigo*).

É importante ainda conhecer algumas particularidades dos pronomes reflexivos:

- A concordância e os pronomes reflexivos
- Verbos com pronome "se"
- O "se" em início de sentença
- Os pronomes pessoais e algumas preposições

Numeral

Numeral é a palavra que qualifica os seres em termos numéricos, isto é, que atribui quantidade aos seres ou os situa em determinada seqüência.

Exemplos:

1. Os quatro últimos ingressos foram vendidos há pouco.

   [*quatro*: numeral = atributo numérico de "ingresso"]

2. Eu quero café duplo, e você?

   ...[*duplo*: numeral = atributo numérico de "café"]

3. A primeira pessoa da fila pode entrar, por favor!

   ...[*primeira*: numeral = situa o ser "pessoa" na seqüência de "fila"]

Os numerais podem ser: cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

Os numerais cardinais indicam a quantidade exata de seres: um, duas, trezentos, milhão.

Os numerais ordinais indicam a ordem dos seres numa determinada série: primeiro, quadragésima.

Os numerais multiplicativos indicam o aumento proporcional da quantidade: duplo, quádruplo.

Os numerais fracionários indicam a diminuição proporcional da quantidade: meio, quarto, dois quinze avos.

Outras palavras que também denotam quantidade, proporção ou ordenação também podem ser consideradas numerais: ***década***, ***dúzia***, ***par***, ***ambos(as)***, ***novena***, etc.

Uso e Grafia de Numerais

No interior do texto, prefira escrever os números de um a dez por extenso; a partir de 11, use algarismos:

> "O assassino matou quatro pessoas" deve ser preferível a "O assassino matou 4 pessoas".

Porém:

> "O assassino matou 22 pessoas" deve se usado em lugar de "O assassino matou vinte e duas pessoas".

Se o número estiver determinando uma unidade de medida ou uma grandeza, prefira o algarismo:

1. São oito horas. [Inadequado]

   São 8 horas. [Adequado]

No interior do texto, procure não iniciar períodos com algarismos.

> "Vinte e nove pessoas foram aprovados" é considerado mais adequado do que "29 pessoas foram aprovadas".

Não se deve usar ponto nas datas:

> "15 de abril de 2002" e não "15 de abril de 2.002"

Não use o algarismo 0 antes de números inteiros a menos que possa haver alguma ambigüidade:

1. Compramos 018 livros. [Inadequado]

   Compramos 18 livros. [Adequado]

O numeral utilizado para designar papas, soberanos, séculos ou partes em que se divide uma obra, deve ser lido como ordinal até o décimo, e como cardinal de onze em diante: *Paulo VI* (sexto), *Canto VIII* (oitavo).

Na numeração de artigos, leis, decretos, portarias e outros textos legais, utilizamos o numeral ordinal até nove e o cardinal a partir de dez: Artigo 9°. (nono), Decreto 12 (doze).

Verbo

Verbo é a palavra que expressa processos, ação, estado, mudança de estado, fenômeno da natureza, conveniência, desejo e existência. Desse modo, enquanto os nomes (substantivo, adjetivo) indicam propriedades estáticas dos seres, o verbo denota os seus movimentos, por isso sua característica de ***dinamicidade***.

Exemplos:

1. Um homem já escorregou neste chão molhado.

...[*escorregar*: verbo = ação que expressa a dinamicidade de "homem"]

2. Por enquanto as matas **continuam** indefesas.

   ...[*continuar*: verbo = estado que expressa a dinamicidade de "matas"]

3. **Anoitecia** rapidamente!

   ...[*anoitecer*: verbo = fenômeno dinâmico da natureza]

4. **Convém** aguardar mais alguns minutos.

   ...[*convir*: verbo = conveniência que expressa a dinamicidade de "aguardar..."]

5. Nossos estudantes **anseiam** um bom emprego.

   ...[*ansiar*: verbo = desejo que expressa a dinamicidade de "nossos estudantes"]

6. **Houve** tumulto no momento da votação.

   ...[*haver*: verbo = existência que expressa a dinamicidade de "tumulto..."]

Em termos sintáticos, os verbos exercem uma função fundamental: **núcleo da predicação** nos predicados verbais. Isto é, o verbo é o constituinte essencial do predicado verbal. Além disso, os verbos também são fundamentais para a constituição das orações. Ao contrário do sujeito, que pode estar ausente na oração, sem verbo *não há* oração. Aliás, classificam-se as orações conforme o número de núcleos verbais existentes.

Exemplos:

1. **É** comum, no interior do país, **surpreender** crianças com doenças graves.

   ...[*é*: verbo = núcleo do predicado "é comum"]

   ...[*surpreender*: verbo = núcleo do predicado "surpreender crianças..."]

2. Se você me **esperar**$_1$, **vou** até lá$_2$, **procuro** pelo endereço$_3$ e **trago**-o aqui$_4$.

   ...[número de orações: 4]

   ...[número de núcleos verbais: 4]

3. **Vou entrar** por esta porta$_1$ e **quero encontrar** tudo$_2$ como eu **havia deixado**$_3$.

   ...[número de orações: 3]

   ...[número de núcleos verbais: 3]

A classe gramatical dos verbos é bastante rica em **flexões**. Trata-se de uma classe que varia em número, pessoa, tempo, modo, aspecto e voz. Essas variações se agrupam em conjuntos flexionais chamados de **conjugação**. É importante, portanto, conhecer as outras particularidades do verbo:

- O subjuntivo e as orações subordinadas
- O subjuntivo e os verbos modais
- Tempo verbal e o emprego de pronomes
- Verbos com pronome "se"
- Os auxiliares e certos verbos abundantes
- A crase e os verbos
- As locuções verbais e o uso de preposições
- Uso do Particípio

Os verbos também exigem formas especiais de combinação com os outros elementos da oração. Esse mecanismo de combinação é compreendido nas chamadas:

- concordância verbal
- regência verbal

Uso do Particípio

Com os verbos auxiliares "ter" e "haver", que formam os tempos chamados compostos, da *voz ativa*, o particípio é invariável, devendo permanecer na forma do masculino singular.

Exemplo:

1. Havíamos pensado em outra solução para aquele problema comum. [Adequado]
2. Elas tinham pensado sobre o assunto, mas acabaram sem opção. [Adequado]

Com os verbos auxiliares "ser" e "estar", que formam os tempos da *voz passiva*, o particípio é variável, e deve concordar com o sujeito da oração.

Exemplo:

1. Já foram tomadas as providências necessárias para as eleições. [Adequado]
2. Todas nós estávamos cercadas pelo fogo. [Adequado]

Uso do Particípio dos Verbos Abundantes

Há verbos - chamados "abundantes" - que possuem mais de uma forma do particípio: a forma regular, terminada em -ado ou -ido, e a forma reduzida, ou irregular, que não obedece à regra geral de formação do particípio. Na maioria dos casos, os verbos auxiliares "ter" e "haver" requerem o uso da forma regular; e os auxiliares "ser" e "estar", o uso da forma irregular.

Exemplo:

1. Meu irmão tinha pego o dinheiro, mas o perdeu. [Inadequado]

   Meu irmão tinha pegado o dinheiro, mas o perdeu. [Adequado]

2. O aluno foi pegado colando na prova. [Inadequado]

   O aluno foi pego colando na prova. [Adequado]

Uso do Gerúndio

Em língua portuguesa, não é recomendado o uso do gerúndio para reforçar a idéia de progressividade no futuro. Este uso constitui *anglicismo* (interferência da língua inglesa) e vem sendo condenado pelos gramáticos contemporâneos como modismo a ser evitado.

Exemplo:

1. Eu vou estar estudando a matéria para a prova. [Inadequado]

   Eu vou estudar a matéria para a prova. [Adequado]

2. Amanhã estaremos indo viajar para Salvador. [Inadequado]

   Amanhã viajaremos para Salvador. [Adequado]

Advérbio

Advérbio é a palavra que se emprega como:

1. modificador do adjetivo ou do próprio advérbio;
2. determinante do verbo

Os *advérbios* são palavras heterogêneas, ou seja, podem exercer funções as mais diversas na oração. Por isso, a cada função exercida, alia-se um valor significativo. Como *modificador*, o advérbio expressa uma propriedade dos seres de modo a acrescentar-lhes um significado diferente, "modificado". Isso acontece em relação ao adjetivo, ao próprio advérbio, ou mesmo a uma oração inteira.

Exemplos:

1. **Ela estava tão apressada que esqueceu sua bolsa comigo.**

   ...[*apressada*: adjetivo]

   ...[*tão*: advérbio = modificador do adjetivo]

2. **Todos passam muito bem, obrigado!**

   ...[*bem*: advérbio]

   ...[*muito*: advérbio = modificador do advérbio]

3. **Felizmente não houve feridos no acidente.**

   ...[não houve feridos no acidente: oração]

   ...[*felizmente*: advérbio = modificador da oração]

4. **Ninguém manda aqui!**

   ...[mandar: verbo]

   ...[aqui: advérbio de lugar = determinante do verbo]

Os advérbios que se relacionam ao verbo são palavras que expressam circunstâncias do processo verbal, por isso considerá-los um *determinante*. Cada uma dessas circunstâncias indicadas pelos advérbios justifica os vários tipos de advérbios na nossa língua (circunstância de lugar, modo, tempo, etc.).

Outra característica dos advérbios se refere a sua organização morfológica. Os advérbios são palavras invariáveis. Isto é, essa classe gramatical não apresenta variação em gênero e número - tal como os nomes -, nem de pessoa, modo, tempo, aspecto e voz - tal como os verbos. Alguns advérbios, porém, admitem a variação em grau (ex.: *cedo* = advérbio de tempo em grau normal; *cedíssimo* = grau superlativo; *cedinho* = diminutivo com valor de grau superlativo do advérbio).

É importante, portanto, conhecer essas outras particularidades do advérbio:

- **Adjetivo x advérbio**
- **O grau dos advérbios e os adjetivos particípios**
- **A formação do grau e os adjetivos e advérbios anômalos**

Preposição

Preposição é a palavra que estabelece uma relação entre dois ou mais termos da oração. Essa relação é do tipo subordinativa, ou seja, entre os elementos ligados pela preposição não há sentido dissociado, separado, individualizado; ao contrário, o sentido da expressão é dependente da união de todos os elementos que a preposição vincula.

Exemplos:

1. **Os amigos de João estranharam o seu modo de vestir.**

   ...[*amigos de João / modo de vestir*: elementos ligados por preposição]

   ...[*de*: preposição]

2. **Ela esperou com entusiasmo aquele breve passeio.**

   ...[*esperou com entusiasmo*: elementos ligados por preposição]

   ...[*com*: preposição]

Esse tipo de relação é considerada uma *conexão*, em que os conectivos cumprem a função de ligar elementos. A preposição é um desses conectivos e se presta a ligar palavras entre si num processo de subordinação denominado regência.

Diz-se regência devido ao fato de que, na relação estabelecida pelas preposições, o primeiro elemento – chamado antecedente - é o termo que rege, que impõe um regime; o segundo elemento, por sua vez – chamado conseqüente – é o temo regido, aquele que cumpre o regime estabelecido pelo antecedente.

Exemplos:

1. **A <u>hora</u> das <u>refeições</u> é sagrada.**

   ...[*hora das refeições*: elementos ligados por preposição]

   ...[*de + as = das*: preposição]

   ...[*hora*: termo antecedente = rege a construção "das refeições"]

   ...[*refeições*: termo conseqüente = é regido pela construção "hora da"]

2. **Alguém <u>passou</u> por <u>aqui</u>.**

   ...[*passou por aqui*: elementos ligados por preposição]

   ...[*por*: preposição]

   ...[*passou*: termo antecedente = rege a construção "por aqui"]

   ...[*aqui*: termo conseqüente = é regido pela construção "passou por"]

As preposições são palavras invariáveis, pois não sofrem flexão de gênero, número ou variação em grau como os nomes, nem de pessoa, número, tempo, modo, aspecto e voz como os verbos. No entanto em diversas situações as preposições se combinam a outras palavras da língua (fenômeno da *contração*) e, assim, estabelecem uma relação de concordância em gênero e número com essas palavras às quais se liga. Mesmo assim, não se trata de uma variação própria da preposição, mas sim da palavra com a qual ela se funde (ex.: de + o = *do*; por + a = *pela*; em + um = *num*, etc.).

É importante conhecer essas outras particularidades da preposição:

- Uso da preposicao
- A crase e as preposições
- Uso das locuções prepositivas
- A regência e o uso de preposições

Uso da Preposição

Algumas particularidades no uso das preposições:

1. O sujeito das orações reduzidas de infinitivo não deve vir contraído com uma preposição.

Exemplo:

1. **A maneira dele estudar não é correta. [Inadequado]**

   A maneira de ele estudar não é correta. [Adequado]

   A maneira de nós estudarmos não é correta. [Adequado]

2. A preposição "a" não deve ser utilizada após a preposição "perante".

Exemplo:

1. **Quando o resultado das provas foi divulgado, ela chorou perante a todos. [Inadequado]**

   Quando o resultado das provas foi divulgado, ela chorou perante todos. [Adequado]

3. Do mesmo modo, não podemos utilizar a preposição "a" depois da preposição "após".

Exemplos:

1. **Todos nos reunimos após à reunião. [Inadequado]**

   Todos nos reunimos após a reunião. [Adequado]

2. O retorno dos alunos após ao intervalo é sempre tumultuado. [Inadequado]

   O retorno dos alunos após o intervalo é sempre tumultuado. [Adequado]

4. A preposição "desde" não admite em sua seqüência a preposição "de".

Exemplo:

1. Estamos esperando aqui desde das 12 h. [Inadequado]

   Estamos esperando aqui desde as 12 h. [Adequado]

5. Em vez de utilizar a preposição "após" antes de verbos no particípio, prefira a locução "depois de".

Exemplo:

1. O aluno partiu após difundida a notícia. [Inadequado]

   O aluno partiu depois de difundida a notícia. [Adequado]

Omissão das preposições

Antes de alguns advérbios de tempo, modo e lugar, a preposição pode ou não ser omitida.

Exemplos:

1. Chegarão domingo. [Adequado]

   Chegarão no domingo. [Adequado]

2. O filho, cabeça baixa, ouvia a reprimenda. [Adequado]

   O filho, de cabeça baixa, ouvia a reprimenda. [Adequado]

Conjunção

Conjunção é a palavra que estabelece uma relação:

- entre dois ou mais termos semelhantes da oração ou entre orações de mesma função gramatical.
- entre duas orações.

No primeiro caso, trata-se de uma relação de *coordenação*, em que os elementos ligados pela conjunção podem ser isolados um do outro. Esse isolamento, no entanto, não acarreta perda da unidade de sentido que cada um dos elementos possui. Já no segundo caso a relação é de *subordinação*, em que cada um dos elementos ligados pela conjunção depende da existência do outro.

Exemplos:

1. As crianças iam e vinham, demonstrando completo entusiasmo pela brincadeira.

   ...[*iam/vinham:* termos semelhantes da oração = verbo]

   ...[*e*: conjunção]

   ...[relação de coordenação]

2. As propostas pareciam um absurdo$_1$, mas eu concordava inteiramente com elas$_2$.

   ...[*segmentos 1 e 2*: orações independentes]

   ...[*mas*: conjunção]

   ...[relação de coordenação]

3. As preocupações só terminariam$_1$ quando Armando chegasse$_2$.

...[*segmentos 1 e 2*: orações dependentes]

...[*quando*: conjunção]

...[relação de subordinação]

Esse tipo de relação é considerada uma *conexão*, em que os conectivos cumprem a função de ligar elementos. A **conjunção** é um desses conectivos e se presta a ligar palavras ou orações entre si a fim de concatenar idéias e formar, com elas, um texto coeso. O encadeamento de idéias num texto (fenômeno da coesão) se deve em grande medida ao bom uso das conjunções, já que elas estabelecem os elos necessários entre palavras formando a oração, ou entre as orações formando o período.

Do ponto de vista morfológico, as conjunções são palavras **invariáveis**, pois não sofrem flexão de gênero, número ou grau como os nomes, nem de pessoa, número, tempo, modo, aspecto e voz como os verbos.

É importante conhecer, ainda, outras particularidades da conjunção:

- A crase e a conjunção "caso"
- Uso das locuções conjuncionais

Interjeição

Interjeição é a palavra que expressa emoções, sentimentos ou pensamentos súbitos.

Trata-se de um recurso da **linguagem afetiva**, em que não há uma idéia organizada de maneira lógica, como são as sentenças da língua, mas sim a manifestação de um suspiro, um estado da alma decorrente de uma situação particular, um momento ou um contexto específico.

Exemplos:

1. **Ah**, como eu queria voltar a ser criança!

   ...[*ah*: expressão de um estado emotivo = interjeição]

2. **Hum**! Esse cuscuz estava maravilhoso!

   ...[*hum*: expressão de um pensamento súbito = interjeição]

As sentenças da língua costumam se organizar de forma lógica: há uma sintaxe que estrutura seus elementos e os distribui em posições adequadas a cada um deles. As interjeições, por outro lado, são uma espécie de **palavra-frase**, ou seja, há uma idéia expressa por uma palavra (ou um conjunto de palavras - locução interjetiva) que poderia ser colocada em termos de uma sentença. Observe:

1. **Bravo**! **Bravo**! **Bis**!

   ...[*bravo* e *bis*: interjeição]

   ...[sentença [sugestão]: "Foi muito bom! Repitam!"]

2. **Ai**! **Ai**! **Ai**! Machuquei meu pé...

   ...[*ai*: interjeição]

   ...[sentença [sugestão]: "Isso está doendo!" ou "Estou com dor!"]

O significado das interjeições está vinculado à maneira como elas são proferidas. Desse modo, o tom da fala é que dita o sentido que a expressão vai adquirir em cada contexto de enunciação. **Exemplos:**

1. **Psiu**!

   ...[contexto: alguém pronunciando essa expressão na rua]

   ...[significado da interjeição [sugestão]: "Estou te chamando! Ei, espere!"]

2. **Psiu**!

   ...[contexto: alguém pronunciando essa expressão em um hospital]

...[significado da interjeição [sugestão]: "Por favor, faça silêncio!"]

3. Puxa! Ganhei o maior prêmio do sorteio!

   ...[*puxa*: interjeição]

   ...[tom da fala: euforia]

4. Puxa! Hoje não foi meu dia de sorte!

   ...[*puxa*: interjeição]

   ...[tom da fala: decepção]

As interjeições são palavras invariáveis, isto é, não sofrem variação em gênero, número e grau como os nomes, nem de número, pessoa, tempo, modo, aspecto e voz como os verbos. No entanto, em uso específico, algumas interjeições sofrem variação em grau. Deve-se ter claro, neste caso, que não se trata de um processo natural dessa classe de palavra, mas tão só uma variação que a linguagem afetiva permite. Exemplos: *oizinho*, *bravíssimo*, até *loguinho*.

Identificando particularidades

Sobre adjetivos:

- Adjetivo x Advérbio
- Uso dos Adjetivo diante de Particípio
- A formação do grau e os adjetivos e advérbios anômalos

Sobre advérbios

- Adjetivo x Advérbio
- A formação do grau e os adjetivos e advérbios anômalos
- Locução prepositiva x Locução adverbial

Sobre determinantes

- Os determinantes e o núcleo composto
- Determinante antes do núcleo composto
- Determinantes depois do núcleo composto

Sobre preposições:

- Locução prepositiva x Locução adverbial

Sobre pronomes:

- Uso dos Pronomes
- Uso de Onde como Pronome Relativo

Sobre substantivos:

- Substantivo de gênero vascilante

Sobre verbos:

- Modo subjuntivo
- Verbos com pronome "se"

Adjetivo x Advérbio

Embora os adjetivos e advérbios constituam *classes gramaticais* bastante distintas, freqüentemente se verifica certa confusão na construção e emprego de algumas palavras que se alternam na função de adjetivo e advérbio. Trata-se do problema da flexão dessas classes gramaticais: o adjetivo varia em gênero e número e o advérbio é invariável.

A seguir indicamos a flexão e o emprego adequados de algumas palavras da Língua Portuguesa que se apresentam ora como advérbios ora como adjetivos:

I. Bastantes/bastante

Exemplos:

1. Os aniversariantes encomendaram bastantes salgadinhos para a festa. [Adjetivo]
2. Os salgadinhos estavam bastante frios. [Advérbio]

Uma regra prática para empregar corretamente as palavras *bastante/bastantes* é tentar substituir esses termos pela palavra *muito*. Se a palavra *muito* flexionar em gênero e número, emprega-se bastantes, se a palavra *muito* não flexionar, emprega-se a palavra bastante.

II. Longes/longe

Exemplos:

1. Eles planejavam a conquista de terras longes e objetos antigos. [Adjetivo]
2. Eles foram longe em busca de objetos antigos. [Advérbio]

III. Sós/só

Exemplo:

1. Meus irmãos estavam sós naquela cidade desconhecida. [Adjetivo]
2. Eles só deixaram meus irmãos saírem apresentando passaporte. [Advérbio]

Uma regra prática para empregar corretamente as palavras *sós/só* é tentar substituir esses termos pelas palavras sozinho e apenas, respectivamente. Onde couber a palavra *sozinho*, emprega-se só flexionado; onde couber a palavra *apenas*, emprega-se só (sem flexão = advérbio).

IV. Meio/meia

Exemplos:

1. Nós pedimos apenas meia garrafa de vinho. [Adjetivo]
2. Ela parecia meio brava hoje. [Advérbio]

V. Alerta

Exemplo:

1. Os pais estavam alerta para a situação do filho doente. [Advérbio]

Observe que a palavra *alerta* só possui uma forma não flexionada. Isso se dá porque a palavra *alerta* é sempre advérbio.

Uso dos Adjetivos diante de Particípio

Não devemos utilizar os adjetivos em suas formas comparativa e superlativa sintética ("melhor", por exemplo) diante de verbos no particípio. Os gramáticos recomendam que, nestes casos, o uso dos adjetivos nas formas comparativa e superlativa analítica ("mais bem", por exemplo).

Exemplo:

1. A professora é melhor informada do que imaginei. [Inadequado]

   A professora é mais bem informada do que imaginei. [Adequado]

A formação do grau e os adjetivos e advérbios anômalos

Uma das propriedades dos advérbios é a *formação do grau* a partir de *um processo de derivação* que consiste no acréscimo de *sufixos* ao *radical* da palavra (advérbio) ou, ainda, no acréscimo de um *advérbio de intensidade* (*mais*, *tão... como*, *menos*). Em geral, estão sujeitos a esse tipo de comportamento os advérbios de modo, expressando, assim, uma intensidade maior ou menor em relação a outro(s) ser(es) (*grau comparativo*) ou uma intensidade maior ou menor em relação à totalidade dos seres (*grau superlativo*).

Cada um dos graus possui as formas absoluta – quando não existe outro elemento em referência - e relativa – quando se estabelece uma comparação entre os seres. Por sua vez, cada uma das formas indicativas dos graus pode ser representada sob as formas sintética – quando o grau é expressado através de *sufixos* -, e analítica – quando ao adjetivo/advérbio é acrescentada uma palavra intensificadora.

Em geral, todos os adjetivos e advérbios se apresentam, na forma *comparativa relativa*, através da estrutura:

- mais + ADJETIVO/ADVÉRBIO + *(do)* que (comparativo de superioridade);
- tão + ADJETIVO/ADVÉRBIO + como (ou quanto) (comparativo de igualdade);
- menos + ADJETIVO/ADVÉRBIO + *(do)* que (comparativo de inferioridade).

Já os adjetivos e advérbios que se apresentam na forma *superlativa relativa*, o fazem segundo a seguinte estrutura:

- mais + ADJETIVO/ADVÉRBIO + de (superlativo de superioridade);
- menos + ADJETIVO/ADVÉRBIO + de (superlativo de inferioridade).

Alguns adjetivos e advérbios, porém, possuem formas especiais quando apresentados nas formas dos graus *comparativo sintético* e *superlativo sintético*. São eles: *bom/bem*, *mau/mal*, *grande* e *pequeno*, para cuja apresentação, assumem as seguintes formas:

ADJETIVO	ADVÉRBIO	COMPARATIVO/SUPERLATIVO SINTÉTICO
bom	bem	melhor
mau	mal	pior
grande		maior
pequeno		menor

Essas formas especiais do comparativo e superlativo sintético são obrigatórias, especialmente porque é assumido em uma única palavra a idéia de intensidade do adjetivo e advérbio:

Exemplos:

Adjetivo

1. Ele é mais bom como vendedor do que como dentista. [Inadequado]

   Ele é melhor como vendedor do que como dentista. Adequado]

Advérbio

1. É mais bem andar do que correr. [Inadequado]

   É melhor andar do que correr. [Adequado]

Em geral, esses advérbios na forma sintética aparecem intensificados pelo acréscimo de outro advérbio de intensidade (*muito*, *bem*, *bastante* e etc.).

Exemplos:

1. Eu considerei bem melhor viajar à noite do que durante o dia.
2. Foi muito pior viajar durante o dia!

Locução prepositiva x Locução adverbial

Não raro, confunde-se *locução prepositiva* e *locução adverbial*, devido à utilização de palavras idênticas na formação da expressão.

Uma locução prepositiva exerce a função de preposição, ao passo que uma locução adverbial exerce a função de advérbio.

Uma regra prática para determinar essa distinção em nível formal é procurar pelo último elemento da locução. Se o último termo for uma preposição, trata-se de uma locução prepositiva; se esse último termo for um advérbio, estamos diante de uma locução adverbial.

Exemplos:

1. **Ele disse que entraria em contato dentro de poucos minutos. [locução prepositiva]**

   ...[dentro: advérbio]

   ...[de: preposição]

2. **O aspecto da casa era outro por dentro. [locução adverbial]**

   ...[por: preposição]

   ...[dentro: advérbio]

Os determinantes e o núcleo composto

Os termos determinantes da oração (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) sempre acompanham o nome, em geral, um substantivo.

Em cada expressão em que ocorra a união entre o determinante e o substantivo, é obrigatória a concordância em gênero e número entre eles. Dessa forma, se a expressão contém mais de um elemento (núcleo composto) é importante verificar a concordância.

Há duas maneiras de se realizar a concordância entre um núcleo composto e os determinantes: concordância com o substantivo mais próximo, e concordância com o gênero e número comum. Para isso é preciso observar a posição ocupada pelo determinante, ou seja,

- **determinante antes do núcleo composto**
- **determinante depois do núcleo composto**

Determinante antes do núcleo composto

A posição dos determinantes é muito importante para se determinar o gênero e o número que eles devem assumir na oração. Como os determinantes sempre acompanham um nome, em geral um substantivo, a concordância entre os dois elementos é obrigatória.

A concordância se dará de acordo com o gênero e o número do substantivo mais próximo se:

- **determinante estiver ligado a um núcleo composto (mais de um elemento)**
- **determinante estiver antes do núcleo composto**

Exemplos:

1. **Algum atletas e treinadores se retiraram da competição. [Inadequado]**

   Alguns atletas e treinadores se retiraram da competição. [Adequado]

2. **Fantásticos fogueira e balões serão premiados na festa. [Inadequado]**

   Fantástica fogueira e balões serão premiados na festa. [Adequado]

Dentre os determinantes, o artigo é a única classe gramatical que ocupa sempre posição anterior ao substantivo (ex: a *casa* ao invés de *casa* a*;* um *sofá* ao invés de *sofá* um). Entre o artigo e o substantivo pode-

se incluir outras palavras, em geral um adjetivo. Mesmo distante, a concordância entre o artigo e o substantivo deve ser realizada.

É aconselhável, ainda, a repetição do determinante para cada um dos elementos do núcleo composto quando eles forem de gênero ou número diferentes (ex.: um *caderno e* umas *canetas* ao invés de uns *caderno e canetas*).

Determinante depois do núcleo composto

A posição dos determinantes é muito importante para se determinar o gênero e o número que eles devem assumir na oração. Como os determinantes sempre acompanham um nome, em geral um substantivo, a concordância entre os dois elementos é obrigatória.

Se o determinante estiver ligado a um núcleo composto (mais de um elemento) e vier depois desse núcleo, há duas maneiras de se realizar a concordância:

1. Com o substantivo mais próximo:

Exemplos:

1. As esperanças e o carinho minhas serão dedicadas aos pobres. [Inadequado]

   As esperanças e o carinho meu serão dedicadas aos pobres. [Adequado]

2. Os pôsteres e a revista masculinas foram vendidos. [Inadequado]

   Os pôsteres e a revista masculina foram vendidos. [Adequado]

2. Com o gênero e número comum:

Exemplos:

1. As esperanças e o carinho minhas serão dedicadas aos pobres. [Inadequado]

   As esperanças e o carinho meus serão dedicadas aos pobres. [Adequado]

2. Os pôsteres e a revista masculinas foram vendidos. [Inadequado]

   Os pôsteres e a revista masculinos foram vendidos. [Adequado]

Observe, portanto, que quando a concordância se dá pelo gênero e número comum, o número será sempre plural. O gênero, por sua vez, vai ser determinado pelos substantivos que compõem o núcleo. O determinante só será feminino plural se os substantivos do núcleo composto também forem femininos; do contrário, o gênero do determinante ligado a um núcleo composto será masculino (ex.: fábrica e escritório fechados; luz e lanterna acesas).

É aconselhável a repetição do determinante para cada um dos elementos do núcleo composto quando eles forem de gênero ou número diferentes (ex.: *o velho perdido e as crianças [também] perdid*as ao invés de *o velho e as crianças perdid*os).

Uso dos Pronomes

Os pronomes pessoais do caso reto "eu" e "tu" não podem exercer a função de complemento das preposições do português. Neste caso, devem ser usadas as formas pessoais oblíquas tônicas "mim" e "ti".

Exemplo:

1. Entre eu e ti existe apenas amizade. [Inadequado]

   Entre mim e ti existe apenas amizade. [Adequado]

O pronome pessoal "eu" não deve ser empregado depois da preposição "para", exceto quando seguido de verbo no infinitivo, ou seja, quando sujeito da oração subordinada adverbial final.

Exemplo:

1. Disseram para mim escrever uma carta. [Inadequado]

   Disseram para eu escrever uma carta. [Adequado]

O pronome pessoal do caso reto não pode funcionar como sujeito da oração subordinada substantiva reduzida de infinitivo. Neste caso, são usados os pronomes átonos do caso oblíquo ("me", "te", "o", etc.).

Exemplo:

1. Deixa eu sair. [Inadequado]

   Deixa-me sair. [Adequado]

Os pronomes reflexivos e os pronomes recíprocos devem concordar com a pessoa a que se referem.

Exemplos:

1. Ele vestiu-se rapidamente, pois estava atrasado.
2. Eu me feri com uma faca.
3. Carlos e eu nos abraçamos.
4. José e Antônio não se cumprimentam.

O pronome indefinido "ambos" já contém a idéia de "dois", sendo dispensável o numeral.

Exemplo:

1. Ambos os dois partiram ontem. [Inadequado]

   Ambos partiram ontem. [Adequado]

O pronome indefinido "cada" repele a forma "um", por isso, utilize apenas os numerais correspondentes a mais de uma unidade:

Exemplo:

1. O relógio soava a cada uma hora. [Inadequado]

   O relógio soava a cada hora. [Adequado]

   O relógio soava a cada duas horas. [Adequado]

O pronome indefinido "cada" não pode ser utilizado como determinante de formas do plural, a menos que venha modificando o numeral.

Exemplo:

1. A cada férias tudo se repetia. [Inadequado]

   Em todas as férias, tudo se repetia. [Adequado]

   A cada duas férias tudo se repetia. [Adequado]

Uso de Onde como Pronome Relativo

A palavra onde, como *pronome relativo*, somente pode ser utilizada para substituir um substantivo que exprima a idéia de lugar. Para a substituição de outros substantivos, utilize as formas "em que", "na qual" ou "no qual" em vez de "onde".

Exemplos:

1. Na rua onde ele mora não há muito movimento. [Adequado]
2. Na oração onde o fiel pedia perdão a Deus não havia sinceridade. [Inadequado]

Na oração em que o fiel pedia perdão a Deus não havia sinceridade. [Adequado]

Substantivo de gênero vascilante

Na língua portuguesa, alguns substantivos são palavras variáveis. Eles podem variar em gênero (masculino ou feminino) e número (singular ou plural).

Alguns substantivos, porém, têm gênero fixo. Nesse caso, eles são reconhecidos somente por esse gênero que está fixado, isto é, não há formas especiais para a apresentação do gênero oposto. Por conseqüência, os determinantes que se relacionam com esse substantivo devem respeitar o gênero do substantivo. A fixação de um gênero e não outro para esse substantivo é apenas um capricho da língua, mas torna-se problema de linguagem o emprego inadequado de suas formas.

Exemplos:

1. Vamos pedir uma champanhe para comemorar a vitória? [Inadequado]

   Vamos pedir um champanhe para comemorar a vitória? [Adequado]

2. Elas participavam de uma clã muito fechada. [Inadequado]

   Elas participavam de um clã muito fechado. [Adequado]

A seguir, os substantivos de gênero fixo mais freqüentemente utilizados na nossa língua e os seus gêneros:

MASCULINO	FEMININO
o agravante	*a usucapião*
o soprano	*a sentinela*
o diabete(s)	*a omoplata*

Modo subjuntivo

Subjuntivo é o *modo verbal* que expressa uma ação incerta, inacabada, uma ação que está para se realizar e, ainda, um fato imaginado. Nesse sentido, o subjuntivo opõe-se completamente ao *indicativo* que é o modo da certeza, do fato real.

Outra característica desse modo verbal advém da sua extrema dependência com outro verbo. Assim, o modo subjuntivo está sempre presente nos verbos de orações subordinadas.

A utilização do modo subjuntivo está ligada ao sentido que se pretende dar à ação verbal. Em geral, verificamos a sua presença em verbos que exprimem:

- *dúvida* (ex.: Talvez você possa me esclarecer isso.)
- *hipótese/condição* (ex.: Se todos chegassem mais cedo, faríamos a reunião)
- *ordem/pedido* (ex.: Pediria a todos que se dirigissem à recepção.)
- *desejo* (ex.: Espero que confiem na minha palavra.)

É importante que se conheçam as conjugações dos verbos no modo subjuntivo, pois o emprego adequado dessas formas implica a construção correta da concordância verbal. Além disso, outras particularidades desse modo verbal podem ser verificadas:

- O subjuntivo e as orações subordinadas
- O subjuntivo e os verbos modais

Verbos com pronome "se"

Certos verbos da Língua Portuguesa expressam, na sua forma infinitiva, a idéia de ação reflexiva. Para indicar que o objeto da ação é a mesma pessoa que o sujeito que a pratica, é obrigatória a concordância em pessoa entre o pronome reflexivo e a pessoa à qual se refere.

O pronome "*se*" torna-se, portanto, parte integrante dos verbos reflexivos. São esses os verbos indicativos de sentimentos ou mudança de estado, tais como *preocupar-se*, *queixar-se*, *indignar-se*, *admirar-se*, *comportar-se*, *congelar-se*, *derreter-se* e etc.

Os pronomes reflexivos (*me*, *te*, *se*, *nos* e etc.) possuem uma forma especial para cada *pessoa verbal*, com exceção da terceira pessoa, que possui uma única forma tanto para o singular quanto para o plural: *se*, *si* e *consigo*.

Exemplos:

1. **Nós se atrevemos a ler seus manuscritos. [Inadequado]**

   Nós nos atrevemos a ler seus manuscritos. [Adequado]

2. **Eu teimava em suicidar-se em tempo breve. [Inadequado]**

   Eu teimava em suicidar-me em tempo breve. [Adequado]

Análise sintática: definição

Análise sintática é uma técnica empregada no estudo da estrutura sintática de uma língua. Ela é útil quando se pretende:

1. ***descrever* as estruturas sintáticas possíveis ou aceitáveis da língua; ou**

2. ***decompor* o texto em unidades sintáticas a fim de compreender a maneira pela qual os elementos sintáticos são organizados na sentença.**

A compreensão dos vários mecanismos inerentes em uma língua é facilitada pelo procedimento analítico, através do qual buscam-se nas unidades menores (por exemplo, a sentença) as razões para certos fenômenos detectados nas unidades maiores (por exemplo, o texto). Dessa forma, a Gramática Normativa (aquela que prescreve as normas da língua culta) sempre se ocupou em decompor algumas unidades estruturais da língua para tornar didática a compreensão de certos fenômenos. No âmbito da *fonologia*, tem-se a *análise fonológica*, em que a estrutura sonora das palavras é decomposta em unidades mínimas do som (os *fonemas*); em *morfologia*, tem-se a análise *morfológica*, da qual se depreendem das palavras as suas unidades mínimas dotadas de significado (os *morfemas*).

A análise sintática ocupa um lugar de destaque em muitas gramáticas da língua portuguesa, porque grande parte das normas do bem dizer e do bem escrever recaem sobre a estrutura sintática, isto é, sobre a organização das palavras na sentença. Para compreender o uso dos pronomes relativos, a colocação pronominal, as várias relações de concordância, por exemplo, é importante, antes, promover uma análise adequada da sintaxe apresentada pela sentença em questão. Nenhuma regra de conduta da língua culta tem sentido sem uma análise sintática da sentença que se estuda. Por isso, antes que se aplique qualquer norma gramatical é preciso compreender de que forma os elementos sintáticos estão dispostos naquela sentença especial. Isso se dá porque os elementos sintáticos também não são fixos na língua. Por exemplo: uma palavra pode funcionar como sujeito em uma sentença e, em outra, funcionar como agente da passiva. Somente a análise sintática poderá determinar esse comportamento específico das palavras no contexto da sentença.

Sendo a análise sintática uma aplicação estritamente voltada para a sentença, parte-se dessa unidade maior para alcançar os seus constituintes - os sintagmas – que, por sua vez, são rotulados através das categorias sintáticas. Como se vê, é um exercício de decomposição da sentença. Vejamos um exemplo de análise sintática:

1. **Teu pai quer que você estuda antes de brincar.**

   ...[há três orações]

   ...[1ª oração: *teu pai quer* = oração principal]

   ...[na 1ª oração: sintagma nominal = *teu pai*; sintagma verbal = *quer*]

   ...[sintagma verbal da 1ª oração: formado por um verbo *modal*]

   ...[2ª oração: *que você estuda* = oração subordinada objetiva direta]

   ...[na 2ª oração: sintagma nominal = *você*; sintagma verbal = *estuda*]

   ...[2ª oração: introduzida pelo pronome relativo *que*]

...[3ª oração: *antes de brincar* = oração subordinada adverbial reduzida de infinitivo]

...[sintagma adverbial: locução adverbial de tempo: *antes de*]

...[sintagma verbal: *brincar*]

Através da análise que desenvolvemos pudemos depreender as várias unidades menores do período, isto é, as três orações (ou sentenças), e, além disso, identificamos as funções dos elementos sintáticos presentes em cada oração (tipo de verbo, qualidade do pronome, tipos de sintagmas, tipo de advérbio). A partir desses resultados é possível verificar um problema de concordância verbal existente na segunda oração. Trata-se da norma gramatical que nos informa o seguinte: "se houver uma oração subordinada objetiva direta introduzida pelo pronome *que* e, se essa oração complementa um verbo modal, então o verbo dessa oração subordinada deve estar no *modo subjuntivo*". Pela análise sintática vemos que esse é o caso do nosso período. Assim, conseguimos compreender a necessidade de alteração da forma verbal, derivando a sentença abaixo.

1. Teu pai quer que você estude antes de brincar.

Para promovermos essa análise, enfim, foi exigido que conhecêssemos alguns elementos fundamentais da sintaxe:

o período

a frase

a oração

os termos das orações

A análise sintática, assim como as outras referentes à língua, é um exercício muito próximo da matemática, pois envolve um raciocínio lógico do tipo: "se você encontrar tal elemento, então admita que esse elemento é um objeto tal". Promover esse tipo de raciocínio no estudo das sentenças é desenvolver uma análise formal, porque as categorias sintáticas são formas que não dependem do conteúdo que expressam. Em outros níveis de análise - a *análise semântica*, a *análise discursiva* e *análise estilística* - esse tipo de raciocínio lógico é bastante complicado, porque envolve elementos cuja representação e estrutura não são fixas. Em todo caso, grande parte das correções gramaticais se aplica ao nível de adequação sintática do texto, por isso a chamada revisão gramatical.

Frase

Frase é a menor unidade da comunicação lingüística. Tem como características básicas:

1. a apresentação de um sentido ou significado completo
2. ser acompanhada por uma *entonação*

Durante o uso cotidiano da língua, os falantes costumam produzir seus textos articulando enunciados. Esses enunciados, quando transmitem uma idéia acabada, isto é, um sentido comunicativo completo, se constituem na chamada *frase*. Não há um padrão definido de frase; contudo, podemos identificá-la em três tipos distintos de construção:

a. quando se compõe de apenas uma palavra.

   Exemplos:

   1. Perigo!

   2. Coragem!

b. quando se compõe de mais de uma palavra, dentre as quais não se verifica a presença de verbo.

   Exemplos:

   1. Que tempestade!

   2. Quanta ingenuidade!

c. quando se compõe de mais de uma palavra, dentre as quais, um verbo ou locução verbal.

Exemplos:

1. Infelizmente, *precisamos* seguir viagem! [presença de verbo]

2. A concorrência *deve determinar* a redução dos nossos preços. [presença de locução verbal]

A identificação de uma frase na situação de comunicação também se deve ao fato de que ela é um produto da entonação, ou seja, da melodia produzida na língua oral. Dessa forma, quando um falante constrói uma frase, ela só se realiza se houver marcas melódicas de início e fim do enunciado. Em geral, na fala essas pausas são expressadas através do silêncio; já no registro escrito as marcas de início são as iniciais maiúsculas das palavras e as marcas finais, os sinais de pontuação.

Exemplos:

1. Jonas!
2. Que vexame!
3. Acordei hoje com fortes dores de cabeça.

Observe-se que nos exemplos (1) e (2) os segmentos não apresentam verbos. No entanto, dada a entonação frasal, podemos extrair dessas construções um sentido comunicativo completo. O contexto da comunicação e a melodia empregada pelos falantes na produção do exemplo (1) são fundamentais para distingui-lo de uma simples palavra sem função comunicativa. Basta imaginarmos para isso um contexto em que alguém está chamando por uma pessoa cujo nome é "Jonas". Nesse caso, a frase (1) poderia expressar alguma coisa como "Ei, Jonas, estou lhe chamando."

Oração

Oração é um segmento lingüístico caracterizado basicamente:

1. pela presença obrigatória do verbo (ou locução verbal), e

2. pela propriedade de se tornar, ela mesma, um objeto de análise sintática

A maioria dos gramáticos da língua portuguesa costuma atribuir à oração uma qualidade discursiva bastante particular que é a de expressar um conteúdo informativo na forma de uma construção dotada de verbo. Independentemente de essa construção expressar um sentido acabado no discurso oral ou escrito, o verbo torna-se fundamental para caracterizar a oração; por isso, a determinação de que o verbo é o núcleo de uma oração. Vejamos alguns exemplos:

1. Gabriel toca sanfona maravilhosamente.

   ...[toca: verbo]

   ...[enunciado em forma de oração com sentido acabado]

2. portanto, traz felicidade.

   ...[traz: verbo]

   ...[enunciado em forma de oração sem sentido acabado]

Nesses dois exemplos observamos ora a expressão de um conteúdo comunicativo completo ora a ausência desse enunciado significativo. No entanto, em nenhum dos casos podemos notar a falta do verbo.

As orações são, além disso, construções que, por contarem com um esquema discursivo definido, podem ser analisadas sintaticamente. Isto é, existindo oração pressupõe-se também a existência de uma organização interna entre os seus elementos constituintes – os termos da oração – que se reúnem em torno do verbo. A esse tipo de exercício chamamos análise sintática, da qual a gramática da língua costuma abstrair as diversas classificações das orações.

É importante, portanto, conhecer outras particularidades das orações:

☐ termos da oração

Para os fins de análise ou, mais modernamente, no uso comum dos termos, costuma-se empregar equivocadamente a palavra sentença em lugar de oração e também de frase. Trata-se de uma tradução imperfeita da noção inglesa de período: no inglês o termo *phrase* refere-se em português a sintagma ; o termo *clause*, a "oração", e *sentence*, a "período".

Período

Período é a unidade lingüística composta por uma *ou mais* orações. Tem como características básicas:

1. **a apresentação de um sentido ou significado completo**

2. **encerrar-se por meio de certos símbolos de pontuação.**

Uma das propriedades da língua é expressar *enunciados articulados*. Essa articulação é evidenciada internamente pela verificação de uma qualidade comunicativa das informações contidas no período. Isto é, um período é bem articulado quando revela informações de sentido completo, uma idéia acabada. Esse atributo pode ser exibido em termos de um período constituído por uma única oração - *período simples* – ou constituído por mais de uma oração – *período composto*.

Exemplos:

1. **Sabrina tinha medo do brinquedo.**

   ...[período simples]

2. **Sabrina tinha medo do brinquedo, apesar de levá-lo consigo todo o tempo.**

   ...[período composto]

Não há uma forma definida para a constituição de períodos, pois se trata de uma liberdade do falante de elaborar seu discurso da maneira como quiser ou como julgar ser compreendido na situação discursiva. Porém a língua falada, mais freqüentemente, organiza-se em *períodos simples*, ao passo que a língua escrita costuma apresentar maior elaboração sintática, o que faz notarmos a presença maior de *períodos compostos*. Um dos aspectos mais notáveis dessa complexidade sintática nos períodos compostos é o uso dos vários recursos de coesão. Isso pode ser visualizado no exercício de transformação de alguns períodos simples em período composto fazendo uso dos chamados conectivos (elementos lingüísticos que marcam a coesão textual).

Exemplo:

1. ***Eu tenho um gatinho muito preguiçoso. Todo dia ele procura a minha cama para dormir. Minha mãe não gosta do meu gatinho. Então, eu o escondo para a minha mãe não ver que ele está dormindo comigo.***

2. ***Eu tenho um gatinho muito preguiçoso, que todo dia procura a minha cama para dormir. Como a minha mãe não gosta dele, eu o escondo e, assim, ela não vê que o gatinho está dormindo comigo.***

Notem que no exemplo (1) temos um parágrafo formado por quatro períodos. Já no exemplo (2) o parágrafo está organizado em apenas dois períodos. Isso é possível articulando as informações por meio de alguns conectivos (*que*, *como*, *assim*) e eliminando os elementos redundantes (*o gatinho*, *minha mãe = ele*, ela).

Finalmente, os períodos são definidos materialmente no registro escrito por meio de uma marca da pontuação, das quais se excluem a vírgula e o ponto-e-vírgula. O recurso da pontuação é uma forma de reproduzir na escrita uma longa pausa percebida na língua falada.

Termos da oração: tipos

Os termos da oração da língua portuguesa são classificados em três grandes níveis:

Termos essencias da oração:

- sujeito
- predicado

Termos integrantes da oração:

- complemento nominal
- **complementos verbais:**
  - objeto direto
  - objeto indireto
  - predicativo do objeto
  - agente da passiva

Termos acessórios da oração:

- adjunto adnominal
- adjunto adverbial
- aposto
- vocativo

Sujeito

Sujeito é um dos temos essenciais da oração. Tem por características básicas:

☐ estabelecer concordância com o núcleo do sintagma verbal

☐ apresentar-se como elemento determinante em relação ao predicado

☐ constituir-se de um substantivo, ou pronome substantivo ou, ainda, qualquer palavra substantivada

O sujeito só é considerado no âmbito da análise sintática, isto é, somente na organização da sentença é que uma palavra (ou um conjunto de palavras) pode constituir aquilo que chamamos *sujeito*. Nesse sentido, é equivocado dizer que o sujeito é *aquele que pratica uma ação* ou é *aquele (ou aquilo) do qual se diz alguma coisa*. Ao fazer tal afirmação estamos considerando o aspecto semântico do sujeito (agente de uma ação) ou o seu aspecto estilístico (o tópico da sentença). Já que o sujeito é depreendido de uma análise sintática, vamos restringir a definição apenas ao seu papel sintático na sentença: aquele que estabelece concordância com o núcleo do predicado. Quando se trata de predicado verbal, o núcleo é sempre um verbo; sendo um predicado nominal, o núcleo é sempre um nome.

Exemplos:

1. **A padaria está fechada hoje.**

   ...[*está fechada hoje*: predicado nominal]

   ...[*fechada*: nome adjetivo = núcleo do predicado]

   ...[*fechada*: nome feminino singular]

   ...[*a padaria*: sujeito]

   ...[*núcleo do sujeito*: nome feminino singular]

2. **Nós mentimos sobre nossa idade para você.**

   ...[mentimos sobre nossa idade para você: predicado verbal]

   ...[*mentimos*: verbo = núcleo do predicado]

   ...[*mentimos*: primeira pessoa do plural]

   ...[*nós*: sujeito]

   ...[*sujeito*: primeira pessoa do plural]

A relação de concordância é, por excelência, uma relação de dependência, na qual dois (ou mais) elementos se harmonizam. Um desses elementos é chamado *determinado* (ou principal) e o outro, *determinante* (subordinado). No interior de uma sentença, o sujeito é o termo determinante, ao passo que o predicado é o termo determinado. Essa posição de determinante do sujeito em relação ao predicado adquire sentido com o fato de ser possível, na língua portuguesa, uma sentença sem sujeito, mas *nunca* uma sentença sem predicado.

Exemplos:

1. **As formigas invadiram minha casa.**

   ...[*as formigas*: sujeito = termo determinante]

   ...[*invadiram minha casa*: predicado = termo determinado]

2. **Há formigas na minha casa.**

...[*há formigas na minha casa*: predicado = termo determinado]

...[*sujeito*: inexistente]

O sujeito sempre se manifesta em termos de sintagma nominal , isto é, seu núcleo é sempre um nome. Quando esse nome se refere a objetos das primeira e segunda pessoas, o sujeito é representado por um pronome pessoal do caso reto (*eu*, *tu*, *ele*, etc.). Se o sujeito se refere a um objeto da terceira pessoa, sua representação pode ser feita através de um substantivo, de um pronome substantivo ou de qualquer conjunto de palavras, cujo núcleo funcione, na sentença, como um substantivo.

Exemplos:

1. Eu acompanho você até o guichê.

   ...[*eu*: sujeito = pronome pessoal de primeira pessoa]

2. Vocês disseram alguma coisa?

   ...[*vocês*: sujeito = pronome pessoal de segunda pessoa]

3. Marcos tem um fã-clube no seu bairro.

   ...[Marcos: sujeito = substantivo próprio]

4. Ninguém entra na sala agora.

   ...[ninguém: sujeito = pronome substantivo]

5. O andar deve ser uma atividade diária.

   ...[o andar: sujeito = núcleo: verbo substantivado nessa oração]

Além dessas formas, o sujeito também pode se constituir de uma oração inteira. Nesse caso, a oração recebe o nome de oração substantiva subjetiva:

1. É difícil optar por esse ou aquele doce...

   ...[*É difícil*: oração principal]

   ...[*optar por esse ou aquele doce*: oração subjetiva = sujeito oracional]

É importante conhecer outras particularidades do sujeito:

sujeito posposto

Predicado

Predicado é um dos termos essenciais da oração. Tem por características básicas:

☐ apresentar-se como elemento determinado em relação ao sujeito

☐ apontar *um atributo* ou acrescentar *nova informação* ao sujeito

Assim como o sujeito, o *predicado* é um segmento extraído da estrutura interna das orações ou das frases, sendo, por isso, fruto de uma análise sintática. Isso implica dizer que a noção de *predicado* só é importante para a caracterização das palavras em termos sintáticos. Nesse sentido, o predicado é sintaticamente o segmento lingüístico que estabelece concordância com outro termo essencial da oração – o sujeito -, sendo este o *termo determinante* (ou subordinado) e o predicado o *termo determinado* (ou principal). Não se trata, portanto, de definir o predicado como "aquilo que se diz do sujeito" como fazem certas gramáticas da língua portuguesa, mas sim estabelecer a importância do fenômeno da concordância entre esses dois termos essenciais da oração.

Exemplos:

1. Carolina conhece os índios da Amazônia.

   ...[sujeito: *Carolina* = termo determinante]

...[predicado: *conhece os índios da Amazônia* = termo determinado]

...[*Carolina*: 3ª pessoa do singular = *conhece*: 3ª pessoa do singular]

2. Todos nós fazemos parte da quadrilha de São João.

...[sujeito: todos nós = termo determinante]

...[predicado: *fazemos parte da quadrilha de São João* = termo determinado]

...[*Todos nós*: 1ª pessoa do plural = *fazemos parte*: 1ª pessoa do plural]

Nesses exemplos podemos observar que a concordância é estabelecida entre algumas poucas palavras dos dois termos essenciais. Na frase (1), entre "Carolina" e "conhece"; na frase (2), entre "nós" e "fazemos". Isso se dá porque a concordância é centrada nas palavras que são núcleos, isto é, que são responsáveis pela principal informação naquele segmento. No predicado o núcleo pode ser de dois tipos: um nome, quase sempre um atributo que se refere ao sujeito da oração, ou um verbo (ou locução verbal). No primeiro caso, temos um predicado nominal e no segundo um predicado verbal. Quando, num mesmo segmento o nome e o verbo são de igual importância, ambos constituem o núcleo do predicado e resultam no tipo de predicado verbo-nominal.

Exemplos:

1. Minha empregada é desastrada.

...[predicado: *é desastrada*]

...[núcleo do predicado: *desastrada* = atributo do sujeito]

...[tipo de predicado: *nominal*]

2. A empreiteira demoliu nosso antigo prédio.

...[predicado: *demoliu nosso antigo prédio*]

...[núcleo do predicado: *demoliu* = nova informação sobre o sujeito]

...[tipo de predicado: *verbal*]

3. Os manifestantes desciam a rua desesperados.

...[predicado: *desciam a rua desesperados*]

...[núcleos do predicado: 1. *desciam* = nova informação sobre o sujeito; 2. *desesperados* = atributo do sujeito]

...[tipo de predicado: *verbo-nominal*]

Nos predicados verbais e verbo-nominais o verbo é responsável também por definir os tipos de elementos que aparecerão no segmento. Em alguns casos o verbo sozinho basta para compor o predicado (verbo intransitivo). Em outros casos é necessário um complemento que, juntamente com o verbo, constituem a nova informação sobre o sujeito. De qualquer forma, esses complementos do verbo não interferem na tipologia do predicado. São elementos que constituem os chamados termos integrantes da oração.

Complemento Nominal

Dá-se o nome de complemento nominal ao termo que complementa o sentido de um nome ou um advérbio, conferindo-lhe uma significação completa ou, ao menos, mais específica.

Como o complemento nominal vem integrar-se ao nome em busca de uma significação extensa para nome ao qual se liga, ele compõe os chamados termos integrantes da oração.

São duas as principais características do complemento nominal:

- sempre seguem um nome, em geral abstrato;

- ligam-se ao nome por meio de preposição, sempre obrigatória.

Os complementos nominais podem ser formados por substantivo, pronome, numeral ou oração subordinada completiva nominal.

Exemplos:

1. Meus filhos têm loucura por futebol.

   ...*[substantivo]*

2. O sonho dele era saltar de pára-quedas.

   ...*[pronome]*

3. A vitória de um é a conquista de todos.

   ...*[numeral]*

4. O medo de que lhe furtassem as jóias a mantinha afastada daqui.

   ...*[oração subordinada completiva nominal]*

Em geral os nomes que exigem complementos nominais possuem formas correspondentes a verbos transitivos, pois ambos completam o sentido de outro termo. São exemplos dessa correlação:

- *obedecer* aos pais □ *obediência* aos pais

- *chegar* em casa □ *chegada* em casa

- *entregar* a revista à amiga □ *entrega* da revista à amiga

- *protestar* contra a opressão □ *protesto* contra a opressão

É importante conhecer outras particularidades do complemento nominal, tais como:

- Complemento nominal X Adjunto adnominal

- A preposição e o complemento nominal

- Saiba mais sobre a preposição e o complemento nominal

Objeto Direto

Do ponto de vista da sintaxe, objeto direto é o termo que completa o sentido de um verbo transitivo direto, por isso, é complemento verbal, na grande maioria dos casos, não preposicionado. Do ponto de vista da semântica, o objeto direto é:

- o *resultado* da ação verbal, ou

- o ser *ao qual se dirige* a ação verbal, ou

- o *conteúdo* da ação verbal.

O *objeto direto* pode ser formado por um substantivo, pronome substantivo, ou mesmo qualquer palavra substantivada. Além disso, o objeto direto pode ser constituído por uma oração inteira que complemente o verbo transitivo direto da oração dita principal. Nesse caso, a oração recebe o nome de oração subordinada substantiva objetiva direta.

Exemplos:

1. O amor de Mariana transformava a minha vida.

   ...[*transformava*: verbo transitivo direto]

   ...[*a minha vida*: objeto direto]

   ...[*núcleo*: vida = substantivo]

2. Conserve isto na tua memória: vou partir em breve.

   ...[*conserve*: verbo transitivo direto]

   ...[*isso*: objeto direto = pronome substantivo]

3. Não prometa mais do que possa cumprir depois.

   ...[*prometa*: verbo transitivo direto]

   ...[*mais do que possa cumprir depois*: oração subordinada substantiva objetiva direta]

Os objetos diretos são constituídos por nomes como núcleos do segmento. A noção de núcleo torna-se importante porque, num processo de substituição de um nome por um pronome deve-se procurar por um pronome de igual função gramatical do núcleo. No exemplo (1) acima verificamos um conjunto de palavras formando o objeto direto (*a minha vida*), dentre as quais apenas uma é núcleo (*vida* = substantivo). Podemos transformar esse núcleo substantivo em objeto direto formado por pronome oblíquo, que é um tipo de pronome substantivo. Além disso, nesse processo de substituição, devemos ter claro que o pronome ocupará o lugar de todo o objeto direto e não só do núcleo do objeto. Vejamos um exemplo dessa representação:

O amor de Mariana transformava a minha vida.

O amor de Mariana a transformava.

Os pronomes oblíquos átonos (*me*, *te*, *o*, *a*, *se*, etc.) funcionam sintaticamente como objetos diretos. Isso implica dizer que somente podem figurar nessa função de objeto e não na função de sujeito, por exemplo . Porém algumas vezes os pronomes pessoais retos (*eu*, *tu*, *ele*, etc.) ou pronome oblíquo tônico (*mim*, *ti*, *ele*, etc.) são chamados a constituir o núcleo dos objetos diretos. Nesse caso, o uso da preposição se torna obrigatório e, por conseqüência, tem-se um objeto direto especial: *objeto direto preposicionado*.

Exemplos:

1. Ame ele que é teu irmão. [Inadequado]

   Ame-o que é teu irmão. [Adequado]

2. Você chamou eu ao teu encontro? [Inadequado]

   Você me chamou ao teu encontro? [Adequado]

   ...[me: pronome oblíquo átono = sem preposição]

   Você chamou a mim ao teu encontro? [Adequado]

   ...[a mim: pronome oblíquo tônico = com preposição]

Objeto Indireto

Do ponto de vista da *sintaxe*, objeto indireto é o termo que completa o sentido de um *verbo transitivo indireto* e vem sempre acompanhado de preposição. Do ponto de vista da *semântica*, o objeto indireto é o ser ao qual se destina a ação verbal.

O objeto indireto pode ser formado por substantivo, ou pronome substantivo, ou numeral, ou ainda, uma *oração substantiva objetiva indireta*. Em qualquer um desses casos, o traço mais importante e característico do objeto indireto é a presença da preposição.

Exemplo:

1. A cigana pedia dinheiro a moça. [Inadequado]

   A cigana pedia dinheiro à moça. [Adequado]

   ...[pedia = verbo transitivo direto e indireto]

   ...[dinheiro = objeto direto]

   ...[à moça = destinatário da ação verbal = objeto indireto]

O objeto indireto pode ser representado por um pronome. Como o núcleo do objeto é sempre um nome, é possível substituí-lo por um pronome. Nesse caso, um pronome oblíquo, já que se trata de uma posição de *complemento verbal* e não de sujeito da oração. O único pronome que representa o objeto indireto é o pronome oblíquo átono lhe(s) – pronome de terceira pessoa. Os pronomes indicativos das demais pessoas verbais são sempre acompanhados de preposição.

Exemplos:

1. Ela contava a seu pai como fora o seu dia na escola.
2. Ela lhe contava como fora o seu dia na escola.
3. Todos dariam ao padre a palavra final.
4. Todos dar-lhe-iam a palavra final.
5. Responderam a Fátima com delicadeza.
6. Responderam a mim com delicadeza.

Não é difícil confundir objeto indireto e adjunto adverbial, pois ambos os termos são construídos com preposição. Uma regra prática para se determinar o objeto indireto e até mesmo o identificar na oração é indagar ao verbo se ele necessita de algum complemento preposicionado. Esse complemento será:

1) Adjunto adverbial, se estiver expressando um significado adicional, como lugar, tempo, companhia, modo e etc.

2) Objeto indireto, se estiver apenas completando o sentido do verbo, sem acrescentar outra idéia à oração.

Exemplos:

1. Ele sabia a lição de cor. [Adjunto adverbial "de modo"]
2. Ele se encarregou do formulário. [Objeto indireto]

Predicativo do Objeto

É o termo ou expressão que complementa o objeto direto ou o objeto indireto, conferindo-lhe um atributo.

O predicativo do objeto apresenta duas características básicas:

- acompanha o *verbo de ligação* implícito;
- pertence ao predicado verbo-nominal.

A formação do predicativo do objeto é feita através de um substantivo ou um adjetivo.

Exemplos:

1. O vilarejo finalmente elegeu Otaviano prefeito.

   ...[objeto: *Otaviano*]

   ...[predicativo: substantivo]

2. Os policiais pediam calma absoluta.

   ...[objeto: calma]

   ...[predicativo: adjetivo]

3. Todos julgavam-no culpado.

   ...[objeto: no]

   ...[predicativo: adjetivo]

Alguns gramáticos admitem o predicativo do objeto em orações com *verbos transitivos indiretos* tais como *crer*, *estimar*, *julgar*, *nomear*, *eleger*. Em geral, porém, a ocorrência do predicativo do objeto em objetos indiretos se dá somente com o verbo *chamar*, com sentido de "atribuir um nome a".

Exemplo:

1. Chamavam-lhe falsário, sem notar-lhe suas verdades.

Agente da Passiva

É o termo da oração que complementa o sentido de um verbo na voz passiva, indicando-lhe o *ser que praticou a ação verbal*.

A característica fundamental do *agente da passiva* é, pois, o fato de somente existir se a oração estiver na voz passiva. Há três vozes verbais na nossa língua: a voz ativa, na qual a ênfase recai na ação verbal praticada pelo sujeito; a voz passiva, cuja ênfase é a ação verbal sofrida pelo sujeito; e a voz reflexiva, em que a ação verbal é praticada e sofrida pelo sujeito. Nota-se, com isso, que o papel do sujeito em relação à ação verbal está em evidência.

Na voz ativa o sujeito exerce a função de agente da ação e o agente da passiva não existe. Para completar o sentido do verbo na voz ativa, este verbo conta com outro elemento – o objeto (direto). Na voz passiva, o sujeito exerce a função de receptor de uma ação praticada pelo *agente da passiva*. Por conseqüência, é este mesmo agente da passiva que complementa o sentido do verbo neste tipo de oração, substituindo o objeto (direto).

Exemplo:

1. O barulho acordou toda a vizinhança. [oração na voz ativa]

   ...[*o barulho*: sujeito]

   ...[acordou: verbo transitivo direto = pede um complemento verbal]

   ...[*toda a vizinhança*: ser para o qual se dirigiu a ação verbal = objeto direto]

2. Toda a vizinhança foi acordada pelo barulho. [oração na voz passiva]

   ...[*toda a vizinhança*: sujeito]

   ...[*foi*: verbo auxiliar / acordada: verbo principal no particípio]

   ...[*pelo barulho*: ser que praticou a ação = agente da passiva]

O agente da passiva é um complemento exigido somente por verbos transitivos diretos (aqueles que pedem um complemento sem preposição). Esse tipo de verbo, em geral, indica uma ação (em oposição aos verbos que exprimem estado ou processo) que, do ponto de vista do significado, é complementada pelo auxílio de outro termo que é o seu objeto (em oposição aos verbos que não pedem complemento: os verbos intransitivos). Como vimos, na voz passiva o complemento do verbo transitivo direto é o *agente da passiva*; já na voz ativa esse complemento é o *objeto direto*. Nas orações com verbos intransitivos, então, não existe agente da passiva, porque não há como construir sentenças na voz passiva com verbos intransitivos.

Observe:

1. Karina socorreu os feridos.

   ...[verbo transitivo direto na voz ativa]

2. Os feridos foram socorridos por Karina

   ...[verbo transitivo direto na voz passiva]

3. Karina gritou.

   ...[verbo intransitivo na voz ativa]

4. Karina foi gritada. (sentença inaceitável na língua)

   ...[verbo intransitivo na voz passiva]

**Os feridos*: objeto direto em (1) e sujeito em (2)

Karina: sujeito em (1) e agente da passiva em (2)

A oração na voz passiva pode ser formada através do recurso de um verbo auxiliar (*ser*, *estar*). Nas construções com verbo auxiliar, costuma-se explicitar o agente da passiva, apesar de ser este um termo de presença facultativa na oração. Em orações cujo verbo está na terceira pessoa do plural, é muito comum ocultar-se o agente da passiva. Isso se justifica pelo fato de que, nessas situações, o sujeito pode ser indeterminado na voz ativa. Porém mesmo nesses casos, a ausência do agente é fruto da liberdade do falante.

Exemplos:

1. Os visitantes do zoológico foram atacados pelos bichos.

   ...[*foram*: verbo auxiliar / passado do verbo "ser"]

   ...[*pelos bichos*: agente da passiva]

2. Nossas reivindicações são simplesmente ignoradas.

   ...[*são*: verbo auxiliar / presente do verbo "ser"]

   ...[agente da passiva: ausente]

3. Cercaram a cidade. [voz ativa com sujeito indeterminado]

   A cidade está cercada.

   ...[*está*: verbo auxiliar / presente do verbo "estar"]

   ...[agente da passiva: ausente]

   A cidade está cercada pelos inimigos.

   ...[*pelos inimigos*: agente da passiva]

O agente da passiva é mais comumente introduzido pela preposição por (e suas variantes: pelo, pela, pelos, pelas). É possível, no entanto, encontrar construções em que o agente da passiva é introduzido pelas preposições de ou a.

Exemplos:

1. O hino será executado pela orquestra sinfônica.

   ...[pela orquestra sinfônica: agente da passiva]

2. O jantar foi regado a champanhe.

   ...[a champanhe: agente da passiva]

3. A sala está cheia de gente.

   ...[de gente: agente da passiva]

Adjunto Adnominal

É a palavra ou expressão que acompanha um ou mais nomes conferindo-lhe um atributo. Trata-se, portanto, de um termo de valor adjetivo que modificará o nome a que se refere.

Os adjuntos adnominais não determinam ou especificam o nome, tal qual os determinantes. Ao invés disso, eles conferem uma nova informação ao nome e por isso são chamados de modificadores.

Além disso, os adjuntos adnominais não interferem na compreensão do enunciado. Por esse motivo, eles pertencem aos chamados termos acessórios da oração.

Os adjuntos adnominais podem ser formados por artigo, adjetivo, locução adjetiva, pronome adjetivo, numeral e oração adjetiva.

Exemplos:

1. **Nosso velho <u>mestre</u> sempre nos voltava à mente.**

   ...[*nosso*: pronome adjetivo]

   ...[*velho*: adjetivo]

2. **Todos querem saber a <u>música</u> que cantarei na apresentação.**

   ...[*a*: artigo]

   ...[que cantarei na apresentação: oração adjetiva]

É importante conhecer algumas outras particularidades dos adjuntos adnominais, tais como:

Complemento nominal X Adjunto adnominal

A concordância e os adjuntos adnominais compostos

Os adjuntos adnominais e o núcleo composto

Adjunto Adverbial

É a palavra ou expressão que acompanha um verbo, um adjetivo ou um advérbio *modificando* a natureza das informações que esses elementos transmitem. Por esse seu caráter, o *adjunto adverbial* é tido como um modificador. Pelo fato de não ser um elemento essencial ao enunciado, insere-se no rol dos termos acessórios da oração.

A modificação que os adjuntos adverbiais conferem aos elementos aos quais se liga na sentença é de duas naturezas: a primeira, de modificação circunstancial, e a segunda, de intensidade.

Exemplos:

1. **Os candidatos foram selecionados aleatoriamente.**

   ...[*aleatoriamente*: modifica o segmento verbal "foram selecionados"]

   ...[natureza do adjunto adverbial: modificador]

2. **Os preços dos remédios aumentaram demais.**

   ...[*demais*: intensifica o segmento verbal "aumentaram"]

   ...[natureza do adjunto adverbial: intensificador]

Os adjuntos adverbiais podem ser representados por meio de um advérbio, uma locução adverbial ou uma oração inteira denominada oração subordinada adverbial.

Exemplos:

1. **Os ingressos para o espetáculo de dança esgotaram-se hoje.**

   ...[hoje: advérbio = adjunto adverbial]

2. **Acompanharemos de perto todos os teus passos!**

   ...[*de perto*: locução adverbial = adjunto adverbial]

3. **Eles sabiam que me magoavam com aquela maneira de falar.**

   ...[com aquela maneira de falar: oração subordinada adverbial]

Freqüentemente observa-se certa confusão estabelecida entre o adjunto adverbial expressado por uma locução adverbial e o objeto indireto. Isso se dá porque ambas as construções são introduzidas por uma preposição. Deve-se ter claro, no entanto, que o *objeto indireto* é essencial para *complementar o sentido* de um verbo transitivo indireto, ao passo que o *adjunto adverbial* é *elemento dispensável* para a compreensão do sentido

tanto de um verbo como de qualquer outro elemento ao qual se liga. Além disso, o objeto indireto é complemento verbal; já o adjunto adverbial pode ou não estar associado a verbos.

Exemplos:

1. Essa minha nota equivale a um emprego.

   ...[*a um emprego*: complementa o sentido do verbo transitivo indireto"equivaler"]

   ...[*a um emprego*: objeto indireto]

2. Estávamos todos reunidos à mesa.

   ...[à *mesa*: modifica a informação verbal "estávamos reunidos"]

   ...[à *mesa*: adjunto adverbial (de lugar)]

É importante conhecer outras particularidades dos adjuntos adverbiais:

- adjunto adverbial de lugar

Aposto

É o termo da oração que se associa a outro termo para especificá-lo ou explicá-lo. O *aposto* tem caráter nominal, ou seja, é representado por nomes e não por verbos ou advérbios. Seu emprego é tido como acessório na oração porque o enunciado sobrevive sem a informação veiculada através do aposto.

Exemplos:

1. Meu nome estava definitivamente fora da lista dos aprovados.

   ...[oração sem aposto]

   Meu nome, Espedito, estava definitivamente fora da lista dos aprovados.

   ...[*Espedito*: aposto / substantivo próprio = nome]

   ...[idéia expressada pelo aposto: especificação (do sujeito)]

2. Nas festas de Santo Antônio as pessoas faziam promessas.

   ...[oração sem aposto]

   Nas festas de Santo Antônio, santo casamenteiro, as pessoas faziam promessas.

   ...[*santo casamenteiro*: aposto / núcleo: substantivo = nome]

   ...[idéia expressada pelo aposto: explicação (do adjunto adnominal)]

Na língua portuguesa o aposto costuma vir acompanhado de uma pausa expressada através da vírgula ou do sinal de dois pontos. No entanto, o uso da pontuação para marcar a posição do aposto na sentença não é obrigatório. Trata-se de uma elegância textual, para a qual a utilização, especialmente das vírgulas, torna o aposto mais destacado.

Exemplos:

1. Aquela rodovia de São Paulo a Campinas foi ampliada recentemente.

   ...[aposto não separado por vírgulas]

2. Tua cunhada, solteira e de muitas posses, ainda quer se casar?

   ...[aposto separado por vírgulas]

3. Ninguém sabia informar sobre a prova: data, horário e local.

...[aposto introduzido pelos dois pontos]

É comum notarmos certa confusão entre aposto e adjunto adnominal, já que o aposto pode ser introduzido por meio da preposição *de*. Deve-se ter claro, no entanto, que o aposto tem sempre o *substantivo* como seu núcleo, ao passo que o adjunto adnominal pode ser representado por um adjetivo. Uma maneira prática de identificar um ou outro termo da oração é transformar o segmento num adjetivo. Se a operação tiver sucesso, tratar-se-á de um adjunto adnominal.

Exemplos:

1. As paredes de fora estão sendo pintadas agora.

   ...[de fora > externo = adjunto adnominal]

   As paredes *externas* estão sendo pintadas agora.

2. A praça da República foi invadida pelos turistas.

   ...[*da República*: aposto]

Uma oração inteira também pode exercer a função de aposto. Nesse caso ela recebe o nome de oração subordinada substantiva apositiva:

1. *Normalmente optamos pelo futebol*, o que é típico de brasileiro.

   ...[aposto associado ao núcleo do objeto indireto "futebol"]

Vocativo

É a palavra ou conjunto de palavras, de caráter nominal, que empregamos para expressar uma invocação ou chamado.

O *vocativo* é um elemento que, embora colocado pelos gramáticos dentre os termos da oração, isola-se dela. Isto é, o vocativo não se integra sintaticamente aos termos essenciais da oração (sujeito e predicado) e pode, sozinho, constituir-se uma frase. Essa propriedade advém do fato de que o vocativo insere, na oração, o interlocutor discursivo, ou seja, aquele a quem o falante se dirige na situação comunicativa.

Exemplos:

1. Por Deus, Amélia, vamos encerrar essa discussão!

2. Posso me retirar agora, senhor?

3. Meninos!

   ...[vocativo constituindo uma frase]

A *entonação melódica* da língua falada costuma acentuar os vocativos. Essa forma de expressão é reproduzida, na língua escrita, por meio de *sinais de pontuação*. Assim, o vocativo é obrigatoriamente acompanhado de uma pausa: curta, através do recurso da vírgula; longa, através do recurso da *exclamação* ou das *reticências*. Não há posição definida para o vocativo na sentença, porém, quando se apresenta no interior da oração, deve ser colocado entre vírgulas.

Além disso, é bastante comum encontrarmos o vocativo associado a alguma forma de ênfase. Se não através da pontuação, o recurso mais popular é vê-lo associado a uma interjeição.

Exemplos:

1. Ah, mãe! Deixe-me ir ao jogo hoje!

2. Ó, céus, para quê tanto espetáculo em dias tão desastrosos?

Há de atentarmos para uma distinção entre o vocativo e frases constituídas por um único substantivo. Nestas não se verifica qualquer invocação ao interlocutor do discurso, mas, antes, se dirigem a alguém expressando um aviso, um pedido ou um conselho. No vocativo, porém, o interlocutor é chamado a integrar o discurso do falante.

Exemplos:

1. Perigo!

   ...[frase constituída por um substantivo]

2. Rebeca!

   ...[vocativo]

Identificando particularidades

Sobre sujeito:

- Sujeito posposto

Sobre predicativos:

- Predicativo do sujeito
- Predicativo do objeto

Sobre complementos:

- Complemento nominal x Adjunto adnominal
- Objeto Indireto

Sobre adjuntos:

- Adjunto adverbial de lugar
- Saiba mais sobre o adjunto adverbial de lugar
- Complemento nominal x Adjunto adnominal

Sujeito posposto

Embora a Língua Portuguesa se apresente predominantemente pela ordem direta (sujeito + verbo + predicado), é comum encontrarmos alguns termos em posições variadas na oração. É o que se entende por ordem inversa, na qual alguns termos são encontrados em combinação contrária ao esperado (ex.: verbo + sujeito = *sujeito posposto*).

Exemplos:

1. Vivendo sozinho o ancião, sua saúde se tornara precária.

2. Sobre esse assunto falo eu!

O fato de se inverter a posição dos termos na oração é movido por fatores gramaticais (ex.: colocação pronominal) ou por fatores estilísticos. A construção de sentenças em que o sujeito é colocado após o verbo (sujeito posposto) surge em decorrência da ênfase que se pretende dar à idéia expressa pelo termo que ocupa a primeira posição na sentença. Trata-se da valorização de algum termo em detrimento de outro e, portanto, de uma alteração estilística.

O sujeito posposto pode ser encontrado:

- nas orações interrogativas;

- em orações com verbos na forma passiva pronominal;

- em orações com verbos na forma imperativa;

- em orações reduzidas;

- em orações que expressem o *discurso direto*;

- em orações absolutas com verbos no subjuntivo;

- em orações subordinadas adverbiais condicionais sem conjunção;

- em orações com verbos unipessoais;
- em orações iniciadas pelos *complementos verbais*.

É muito importante que se localize o sujeito e o verbo na oração. Mesmo em posição que não é a sua habitual, o verbo deve sempre concordar com o sujeito.

Predicativo do sujeito

É o termo ou expressão que complementa o sujeito, conferindo-lhe ou um atributo ou uma referência.

O predicativo do sujeito apresenta duas características básicas:

- acompanha o verbo de ligação;
- pertence ao predicado nominal

A formação do predicativo do sujeito pode ser feita através de um substantivo, ou adjetivo, ou pronome, ou numeral, ou ainda uma oração substantiva predicativa.

Exemplos:

1. Paciência e respeito são virtudes ignoradas nos dias de hoje.

   ...[predicativo: substantivo]

2. As crianças pareciam envergonhadas aos olhos do viajante.

   ...[predicativo: adjetivo]

3. O meu medo sempre foi que ela me encontrasse aqui.

   ...[predicativo: oração substantiva adjetiva]

A maneira mais prática de se identificar o predicativo do sujeito é excluir o verbo da oração e verificar se continua a existir uma unidade de sentido.

Exemplo:

1. O verão foi chuvoso, o outono frio!

   ...[houve a exclusão do verbo de ligação, mantendo a unidade significativa: "o outono foi frio"]

Complemento nominal x Adjunto adnominal

É comum confundirem-se duas categorias sintáticas da língua portuguesa. Isso se verifica em relação ao *complemento nominal* e *adjunto adnominal*, já que ambas as categorias seguem um nome e podem ser acompanhadas de preposição.

É importante lembrar, então, as suas principais funções:

☐ complemento nominal: complementa o sentido do nome, conferindo-lhe uma significação extensa e específica. Ex.: *Sua rapidez* nas respostas *é admirável*.

☐ adjunto adnominal: acrescenta uma informação ao nome. Essa informação tem valor de adjetivo e, em princípio, é desnecessária para a compreensão da expressão. Ex.: *Ela se dizia carioca* da gema.

Uma regra prática para distinguir essas duas categorias sintáticas é tentar transformar o termo relacionado ao nome em adjetivo ou oração adjetiva. Se for possível o emprego de uma dessas construções adjetivas, o termo selecionado será um adjunto adnominal. Do contrário, será um complemento nominal.

Exemplos:

1. O menino tinha uma fome de leão.

...[fome leonina = adjetivo]

...[fome que parecia ser de leão = oração adjetiva]

...[de leão: adjunto adnominal]

2. A leitura de jornais é aconselhável a um bom profissional.

   ...[de jornais: complemento nominal]

Adjunto adverbial de lugar

É aquele que expressa uma circunstância de lugar ligada ao verbo.

Sendo um adjunto adverbial, essa circunstância locativa pode vir expressa por um advérbio, uma *locução adverbial* ou uma *oração adverbial*. Em qualquer uma das três possibilidades de construção da circunstância locativa, é obrigatória a presença de preposição antecedendo o adjunto adverbial de lugar.

Exemplos:

1. Os convidados foram a festa vestidos a caráter. [Inadequado]

   Os convidados foram à festa vestidos a caráter. [Adequado]

2. As atividades desportivas são realizadas à escola. [Inadequado]

   As atividades desportivas são realizadas na escola. [Adequado]

Saiba mais sobre o adjunto adverbial de lugar

Os adjuntos adverbiais de lugar expressam noções diversas relacionadas ao local da ação verbal. Essas noções sempre são apresentadas por um tipo de *preposição*, a saber:

I. Lugar aonde: emprego da preposição "a" apontando para a idéia de movimento do verbo.

Exemplos:

1. Meus filhos iam na escola pela manhã. [Inadequado]

   Meus filhos iam à escola pela manhã. [Adequado]

II. Lugar onde: emprego da preposição "em" (ou sua forma contraída) apontando para o lugar da ação verbal.

Exemplos:

1. Meus filhos estavam à escola pela manhã. [Inadequado]

   Meus filhos estavam na escola pela manhã. [Adequado]

III. Lugar donde: emprego da preposição "de" (ou sua forma contraída) apontando para o lugar de onde partiu a ação verbal.

Exemplos:

1. Meus filhos voltaram na escola pela manhã. [Inadequado]

   Meus filhos voltaram da escola pela manhã. [Adequado]

IV. Lugar para onde: emprego da preposição "para" apontando para a idéia de movimento do verbo.

Exemplos:

1. Meus filhos voltaram em casa. [Inadequado]

Meus filhos voltaram para casa. [Adequado]

V. Lugar por onde: emprego da preposição "por" (ou sua forma contraída) apontando para o lugar por onde se passa a ação verbal.

Exemplos:

1. Meus filhos andam para ruas estreitas ao voltarem da escola. [Inadequado]

   Meus filhos andam por ruas estreitas ao voltarem da escola. [Adequado]

Uma regra prática para se determinar o emprego correto das formas dos adjuntos adverbiais de lugar é formular perguntas iniciadas pelos interrogativos "*Aonde*...?" "*Para onde*...?" e etc. (ex.: *Eu estive dormindo no sofá*. Onde? No sofá./ No sofá = adj. adv. de lugar)

Determinantes

São chamados de *determinantes* os elementos que especificam outro numa expressão lingüística.

Existe um elemento determinante quando se estabelece uma relação com outro elemento. Assim, o primeiro é o elemento *determinante* e o segundo, o elemento *determinado*. Isso justifica a inclusão dessas funções em estruturas de subordinação, ou seja, nos casos onde se observa que um elemento é dependente de outro. Em casos de coordenação, nos quais se verifica uma independência entre os elementos, não se fala em elementos determinante e determinado, mas sim em elementos seqüênciais.

Em um sintagma nominal, por um lado, são determinantes os artigos, adjetivos, pronomes adjetivos, numerais. Em um sintagma superoracional, por outro lado, são determinantes as *orações subordinadas*, já que dependem da oração principal.

Nome

São chamados de *nomes* o conjunto de palavras que constitui as classes abertas da língua portuguesa, mas que se opõe a verbo.

As classes abertas são aquelas em que são possíveis as alterações do falante ao longo da história da língua (neologismos) e as variações morfológicas (flexão de gênero e número). Por oposição, as classes fechadas são aquelas cuja forma se consagrou na língua e onde as mudanças são quase inexistentes.

São as classes abertas da língua portuguesa:

substantivo	adjetivo	verbo

São as classes fechadas:

artigo	pronome	numeral
advérbio	preposição	conjunção
interjeição		

Os elementos considerados *nomes*, na língua portuguesa, são apenas o *substantivo* e o *adjetivo*, pois são responsáveis pelas denominações dos seres. Os verbos, por sua vez, são elementos responsáveis pela expressão dos processos e dos estados. Dessa distinção derivam diversos termos da gramática do português: *sintagma nominal* x *sintagma verbal*, *complemento nominal* x *complemento verbal*, *pronome* (raiz: nome), *advérbio* (raiz: verbo).

Modificadores

São chamados de *modificadores* os elementos que estabelecem relação de modificação dentro de um sintagma.

Na língua portuguesa o modificador por excelência é o advérbio. Os elementos que exercem função de advérbio são, assim, classificados como modificadores.

É importante distinguir a noção de modificador da noção de determinante. Nesse sentido, a própria raiz das duas palavras expressa essa diferença. Vejamos um exemplo:

1. *As formigas são rápidas*.

2. *As formigas andam rapidamente*.

Na sentença (1) os determinantes "*as*" e "*rápidas*" estão especificando/determinando o nome "*formiga*": em primeiro lugar, não se trata de qualquer formiga e, em segundo lugar, essas formigas são rápidas e não lentas. Já na sentença (2) o modificador "*rapidamente*" não especifica a ação de andar, mas a modifica: não se trata de apenas andar, mas sim de "*andar rapidamente*".

Sintagma

Sintagma é um segmento lingüístico que expressa uma relação de dependência.

Nessa relação de dependência, diz-se que existe um elemento determinado e outro determinante (ou subordinado), estabelecendo um elo de subordinação entre ambos. Cada um desses elementos constitui um *sintagma*.

Na concepção original de sintagma, essa noção era utilizada para se referir a qualquer segmento lingüístico: a palavra, a sentença e o período. Mais recentemente, o temo *sintagma* é comumente empregado para se referir às partes da sentença. Dessa forma, o sintagma se caracteriza conforme o tipo gramatical dos seus elementos nucleares:

☐ sintagma nominal (SN): quando o núcleo do sintagma é um nome

☐ sintagma adjetival (SAdj): quando o núcleo do sintagma é um adjetivo

☐ sintagma verbal (SV): quando o núcleo do sintagma é um verbo

☐ sintagma preposicional (SP): quando o núcleo do sintagma é uma preposição

☐ sintagma adverbial (SAdv): quando o núcleo do sintagma é um advérbio

Numa análise sintática, a identificação dos sintagmas e seus tipos é bastante importante. Isso facilita a compreensão do papel sintático exercido pelas palavras na sentença que está em análise. Vejamos um exemplo:

1. Todos silenciosamente acompanhavam a romaria pela cidade.

   ...[*todos*: SN]

   ...[silenciosamente: SAdv]

   ...[acompanhavam: SV]

   ...[*a romaria*: SN]

   ...[pela cidade: SP]

Note que um sintagma pode ser formado por uma ou mais palavras. Por isso buscamos pelo elemento núcleo e classificamos o sintagma segundo a categoria sintática deste núcleo (ex.: *pela cidade*: núcleo: *pela* = preposição [*por* + *ela*]).

Além disso, numa sentença pode existir mais de um sintagma do mesmo tipo. Quando isso ocorre é preciso verificar qual a função sintática que os sintagmas desempenham. No nosso exemplo, o SN aparece duas vezes: uma desempenhando a função de sujeito (*todos*) e outra, a função de objeto direto (*a romaria*).

Núcleo

Dá-se o nome de núcleo à palavra que, em um conjunto, se destaca como a principal.

A noção de núcleo é bastante importante, sobretudo, para a análise sintática. Sendo um elemento destacado de um conjunto de palavras, o núcleo é responsável:

- por indicar a categoria gramatical de todo o segmento

- por apontar o elemento que estabelece relações de concordância e regência

Exemplos:

1. Todos os empréstimos foram bloqueados pelo banco.

...[todos os empréstimos: sintagma]

...[núcleo do sintagma: *empréstimos* = nome]

...[tipo do sintagma: nominal]

2. Apartamentos são, em geral, lugares muito apertados.

   ...[*lugares muito apertados*: predicativo do sujeito]

   ...[núcleo do predicativo: *lugares*]

   ...[*lugares* deve concordar com "apartamentos", seu sujeito]

   ...[*apertados* deve concordar com "lugares", seu determinante]

3. O lucro das vendas está sendo repassado aos funcionários.

   ...[*está sendo repassado*: sintagma verbal]

   ...[núcleo do sintagma verbal: *repassado*]

   ...[*repassado* deve reger a preposição "a" do seu objeto]

Concordância: definição

Os termos que constituem uma oração estabelecem entre si diversas relações, entre elas as relações sintáticas, quando esses termos se distribuem pela oração formando um organismo; e relações semânticas, quando esses termos se organizam na oração formando um todo significativo.

Dá-se o nome de concordância à harmonia que os termos da oração apresentam em nível sintático. Assim, algumas palavras, expressões ou mesmo orações, quando estabelecem uma relação de dependência entre si, devem demonstrar com quais elementos estão ligadas. E isso é evidenciado através das *flexões*: de número e gênero, para os nomes e de número e pessoa, para os verbos.

O fato de a concordância se expressar por meio de flexões pode nos levar a pensar numa série de repetições exigidas pela sintaxe (ex.: marcar o plural no substantivo e no adjetivo que o acompanha). Porém, é a concordância que permite a não repetição do sujeito numa certa construção verbal (ex.: sujeito oculto). De qualquer forma, a concordância é obrigatória nos casos supra-citados.

Em língua portuguesa há dois tipos de concordância:

- Concordância nominal

- Concordância verbal

Embora a concordância se revele um aspecto da sintaxe, como já dissemos, muitas vezes um tipo de construção é determinado pela influência semântica. É o caso de alguns verbos que, quando apresentam um significado específico, exigem que a relação de concordância se estabeleça de forma especial (ex.: verbo *importar*). Portanto, é importante conhecer as especificidades das relações de concordância.

Concordância nominal

É chamada de concordância nominal a relação de concordância que se estabelece entre:

- substantivos e adjetivos
- substantivos e artigos
- substantivos e pronomes
- substantivos e numerais

Os nomes se flexionam em gênero (masculino e feminino) e em número (singular e plural). São essas as características que um *termo determinante ou dependente* (artigo, adjetivo e etc.) deve manter em harmonia com as do *termo determinado ou principal* (substantivo, etc.).

Em língua portuguesa, as relações de concordância são obrigatórias nos casos supra-citados. Por isso, é importante saber de que forma os nomes e sintagmas nominais se relacionam para, assim, promover a concordância adequada.

É importante conhecer as particularidades da concordância nominal:

A concordância e os determinantes

Os termos determinantes da oração (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) sempre acompanham um nome, em geral, um substantivo. Assim, os determinantes herdarão as mesmas características de gênero e número que os substantivos possuírem.

A concordância entre os determinantes e o substantivo (termo determinado) é obrigatória na nossa língua.

Exemplos:

1. Todos sonhavam com a milagre divino. [Inadequado]

   Todos sonhavam com o milagre divino. [Adequado]

2. Havia apenas dois vagas para o cargo. [Inadequado]

   Havia apenas duas vagas para o cargo. [Adequado]

3. Quem se importava com aquele situação? [Inadequado]

   Quem se importava com aquela situação? [Adequado]

A concordância e os determinantes compostos

Os termos determinantes da oração (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) sempre acompanham o nome, em geral, um substantivo.

Um único substantivo pode vir acompanhado de mais de um termo determinante (determinante composto). Quando isso acontece, é obrigatória a concordância em gênero e número entre os determinantes e o substantivo a que eles se referem.

Exemplos:

1. Um cidade iluminadas e divertido era tudo o que ele precisava. [Inadequado]

   Uma cidade iluminada e divertida era tudo o que ele precisava. [Adequado]

Observe que não importa a posição dos adjuntos adnominais para que ocorra a concordância entre eles e o substantivo, senão vejamos:

1. Era generoso e fantásticas o dedicação que me ofereciam. [Inadequado]

   Era generosa e fantástica a dedicação que me ofereciam. [Adequado]

A concordância e os modificadores compostos

Os termos modificadores da oração (adjetivos, pronomes adjetivos e advérbios) acompanham um nome ou um verbo. Sempre que o modificador acompanha um nome, em geral um substantivo, ele deve concordar com este em gênero e número.

Um único substantivo pode vir acompanhado de mais de um termo modificador (modificador composto). Quando isso acontece, é obrigatória a concordância em gênero e número entre todos os modificadores e o substantivo a que eles se referem.

Exemplos:

1. Os colecionadores velhos e astuto imaginavam-me uma fraude. [Inadequado]

   Os colecionadores velhos e astutos imaginavam-me uma fraude. [Adequado]

2. Esses e também aquela bonecas encantavam os olhares paternos. [Inadequado]

   Essas e também aquelas bonecas encantavam os olhares paternos. [Adequado]

Os modificadores ligados a verbo são os advérbios, cuja principal característica é não se flexionarem em gênero e número. Dessa forma, como os advérbios não variam, não é requerida a concordância entre o modificador do verbo e o próprio verbo.

1. Os bichos esperavam pacientementes a volta do verde perdido. [Inadequado]

   Os bichos esperavam pacientemente a volta do verde perdido. [Adequado]

A concordância e os substantivos genéricos

O sujeito da oração é sempre formado por um nome, em geral um substantivo, ou um pronome substantivo. Quando esse sujeito é formado por um substantivo que expressa a idéia de generalidade, o predicativo do sujeito deve estar obrigatoriamente no masculino singular.

Exemplos:

1. Cerveja é boa. [Inadequado]

   Cerveja é bom.[Adequado]

   ...[idéia expressada: Cerveja, em geral, é bom.]

1. Férias são gostosas quando se tem dinheiro. [Inadequado]

   Férias é gostoso quando se tem dinheiro.[Adequado]

   ...[idéia expressada: Férias, em geral, é gostoso...]

O predicativo do sujeito, porém, será alterado conforme a *flexão* do sujeito (singular/plural; masculino/feminino) se esse sujeito vier determinado de alguma forma; ou seja, se antes do substantivo que compõe o sujeito houver algum artigo, pronome ou adjetivo determinando-o.

Exemplos:

1. Aquela cerveja é bom. [Inadequado]

   Aquela cerveja é boa.[Adequado]

2. As minhas férias é gostoso quando eu tenho dinheiro. [Inadequado]

   As minhas férias são gostosas quando eu tenho dinheiro.[Adequado]

A concordância e as contrações

Existe em Língua Portuguesa a possibilidade da união de algumas *classes gramaticais*, formando uma única palavra (*contração*). Isso se dá:

- entre artigo e preposição:

  Exemplos:

  ...o + em = *no*;

...a + de = *da*;

...a + a (preposição) = *à* (crase)

- entre pronome e preposição:

  Exemplos:

  ...isso + de = *disso*;

  ...aquele + em = *naquele*

As contrações, além de expressarem as idéias apontadas pelas preposições, são termos que sempre acompanham um nome, em geral um substantivo. Sendo assim, é obrigatória a concordância em gênero e número entre a contração e o substantivo ao qual se refere.

Exemplos:

1. Eles cantaram ao vivo na parque. [Inadequado]

   Eles cantaram ao vivo no parque.[Adequado]

2. A pia do cozinha está quebrada. [Inadequado]

   A pia da cozinha está quebrada.[Adequado]

A concordância e o predicativo do sujeito

O sujeito pode ser apresentado ou modificado por um atributo chamado predicativo do sujeito. Por se tratar de um termo que se refere ao sujeito, o predicativo deve sempre concordar com ele.

Tanto o sujeito quanto o predicativo do sujeito são formados por nomes. Dessa forma, os predicativos herdarão as mesmas características de gênero e número que os sujeitos possuírem.

O predicativo do sujeito somente aparecerá em sentenças em que o predicado seja formado por um verbo de ligação (*predicado nominal*).

Exemplos:

1. Os recibos de pagamento eram falso. [Inadequado]

   Os recibos de pagamento eram falsos. [Adequado]

2. Eles eram apenas duas e já causavam tanta confusão. [Inadequado]

   Eles eram apenas dois e já causavam tanta confusão. [Adequado]

A concordância e o predicativo do objeto

Tanto o objeto direto quanto o objeto indireto podem ser modificados por um *predicativo*. Por se tratar de um termo que acompanha os objetos, o predicativo deve sempre concordar com eles.

Os objetos direto e indireto são formados por nomes. Dessa forma, os predicativos que os acompanham herdarão as mesmas características de gênero e número que os objetos possuírem.

O predicativo do objeto somente aparecerá em sentenças em que o predicado é formado por um *verbo transitivo*, cujo *objeto* esteja qualificado por um atributo (*predicado verbo-nominal*).

Exemplos:

1. O penteado deixou lindo a menina. [Inadequado]

   O penteado deixou linda a menina. [Adequado]

2. A mãe sempre o chamava preguiçosa e malcriada. [Inadequado]

   A mãe sempre o chamava preguiçoso e malcriado. [Adequado]

A concordância e o predicativo "*só*"

Nas orações em que a palavra só for um predicativo do sujeito (portanto, um adjetivo), ela deve concordar em número com o sujeito ao qual se liga.

A concordância nominal, obrigatória em língua portuguesa, procura colocar em harmonia nomes que se relacionam (substantivo e adjetivo, substantivo e pronomes, etc.). Uma oração formada por *verbos de ligação* tem como predicado um predicativo do sujeito. Muitas vezes esse predicativo se compõe de adjetivos que predicam o sujeito.

A palavra só ora funciona como advérbio ora como adjetivo. No primeiro caso, é uma palavra invariável (não se flexiona); no segundo, é uma palavra que se flexiona de acordo com o termo determinado. Em posição de predicativo do sujeito, portanto, a palavra só sempre deve concordar com o seu sujeito.

Exemplos:

1. Os convidados estão só. [Inadequado]

   Os convidados estão sós. [Adequado]

2. Eventualmente Marisa permanecia sós em seu quarto. [Inadequado]

   Eventualmente Marisa permanecia só em seu quarto. [Adequado]

Apesar de a concordância nominal freqüentemente marcar flexões de número e gênero, no caso da palavra só ocorre simplesmente a flexão de número, já que não há uma forma específica para o masculino e o feminino dessa palavra na nossa língua.

A concordância do predicativo e as orações adjetivas

As *orações subordinadas adjetivas*, por qualificarem um termo da *oração principal,* possuem as características de um adjetivo; ou seja: estão ligadas a um nome, em geral um substantivo, ao qual conferem um atributo.

Dentre as características das orações subordinadas adjetivas destacamos:

- são introduzidas pela palavra *que*;
- podem possuir um predicativo do sujeito.

Independentemente da função que exerce na oração (se sujeito, objeto direto, complemento nominal, etc.) é obrigatória a concordância em gênero e número entre o predicativo do sujeito da oração subordinada adjetiva e o substantivo a que se refere representado pela palavra *que*.

Exemplos:

1. Eles, que nem eram tão próximo, conversaram por toda a noite. [Inadequado]

   Eles, que nem eram tão próximos, conversaram por toda a noite. [Adequado]

   ...[que se refere à palavra eles]

   ...[que = sujeito masculino plural]

2. O mercador sabia aquela língua que foi precioso para mim. [Inadequado]

   O mercador sabia aquela língua que foi preciosa para mim. [Adequado]

   ...[que se refere à palavra língua]

   ...[que = sujeito feminino singular]

A concordância e os adjuntos adnominais compostos

O *adjunto adnominal* (artigo, adjetivo, locução adjetiva, numeral, pronome adjetivo e oração adjetiva) sempre acompanha o nome, em geral um substantivo.

Um único substantivo pode vir acompanhado de mais de um adjunto adnominal (adjunto adnominal composto). Quando isso acontece, é obrigatória a concordância em gênero e número entre os adjuntos adnominais e o substantivo a que eles se referem.

Exemplo:

1. Era realmente difícil se ocupar daquela criança travesso e teimosas. [Inadequado]

   Era realmente difícil se ocupar daquela criança travessa e teimosa. [Adequado]

Observe que não importa a posição dos adjuntos adnominais para que ocorra a concordância entre eles e o substantivo, senão vejamos:

1. Sendo travessas e teimosas aquela criança, era difícil ocupar-se dela. [Inadequado]

   Sendo travessa e teimosa aquela criança, era difícil ocupar-se dela. [Adequado]

A concordância e o particípio

A concordância nominal, obrigatória em língua portuguesa, procura colocar em harmonia nomes e determinantes. Já a concordância verbal, também obrigatória na língua, busca a harmonia entre o verbo e o seu sujeito.

Existem algumas expressões que se formam a partir dos verbos SER, ESTAR ou FICAR + verbo no PARTICÍPIO. Nesse tipo de construção, ambos os verbos devem concordar com o núcleo do sujeito ao qual estão ligados.

Exemplos:

1. Tuas sugestões de investimento será rejeitado. [Inadequado]

   Tuas sugestões de investimento serão rejeitadas. [Adequado]

   ...[sujeito: *tuas sugestões de investimento*]

   ...[núcleo do sujeito: *sugestões*]

   ...[*sugestões*: palavra feminina plural]

2. Infelizmente, aqui os juros está embutido nos preços. [Inadequado]

   Infelizmente, aqui os juros estão embutidos nos preços. [Adequado]

   ...[sujeito: *os juros*]

   ...[núcleo do sujeito: *juros*]

   ...[*juros*: palavra masculina plural]

O *particípio* é uma forma nominal do verbo, por isso, se comporta como um adjetivo. Desse modo, os verbos no particípio flexionam-se em gênero e número. Em geral os verbos no particípio apresentam-se acompanhados de outros verbos (auxiliares), formando uma *locução verbal*. Os *verbos auxiliares* (*ser*, *estar*, *haver* e *ter*) e eventualmente o verbo "*ficar*", quando parceiros de verbos no particípio, flexionam-se em pessoa, número, tempo e modo.

Em síntese: nesse tipo de locução verbal, os verbos no particípio devem concordar com o sujeito em gênero e número, já os verbos auxiliares e o verbo "*ficar*" devem concordar com o sujeito em número e pessoa.

Isso se dá mesmo quando o sujeito aparece depois do verbo ou locução verbal (sujeito posposto).

Exemplos:

1. Fica autorizado as visitas diurnas às praias desta região. [Inadequado]

   Ficam autorizadas as visitas diurnas às praias desta região. [Adequado]

   ...[sujeito: *as visitas diurnas*]

...[núcleo do sujeito: *visitas*]

...[*visitas*: palavra feminina plural]

2. Foram corrigidos o valor das moedas locais. [Inadequado]

   Foi corrigido o valor das moedas locais [Adequado]

   ...[sujeito: *o valor das moedas locais*]

   ...[núcleo do sujeito: *valor*]

   ...[*valor*: palavra masculina plural]

A concordância e o pronome *"cujo"*

Os *pronomes relativos* são aqueles que estabelecem a ligação entre a oração principal e a oração subordinada, ao substituir, na oração subordinada, um termo presente na oração principal (termo antecedente). O pronome relativo cujo, que expressa a idéia posse, estabelece essa relação ligando dois elementos distintos: o *possuidor* (termo antecedente) e a *coisa possuída* (termo subseqüente).

Ao contrário de outros relativos, o pronome cujo estabelece a concordância com o termo subseqüente. Além disso, como o pronome cujo funciona também como determinante (função de especificar um elemento da oração), ele deve concordar em gênero e número com o nome ao qual está ligado (termo subseqüente).

Exemplos:

1. Trouxeram flores cujas cor me surpreendeu. [Inadequado]

   Trouxeram flores cuja cor me surpreendeu. [Adequado]

   ...[flores: termo antecedente = nome feminino plural]

   ...[cor: termo subseqüente = nome feminino singular]

   ...[cuja: pronome relativo à "cor", portanto, feminino singular]

2. O filme cujo cenas são indecentes foi censurado. [Inadequado]

   O filme cujas cenas são indecentes foi censurado. [Adequado]

   ...[filme: termo antecedente = nome masculino singular]

   ...[cenas: termo subseqüente = nome feminino plural]

   ...[cujas: pronome relativo a "cenas", portanto, feminino plural]

Para se determinar a relação de posse e, desse modo, promover a concordância nominal adequada, basta reduzir o período composto em um período simples.

Exemplo:

1. Trouxeram flores cuja cor me surpreendeu. (período composto)
2. A *cor* das *flores* me surpreendeu. (período simples)

   ...cor: coisa possuída

   ...flores: possuidor

A concordância e a palavra *"quite"*

Os adjetivos, quando são determinantes, devem concordar com o nome ao qual determinam. A palavra quite, sendo um adjetivo, torna obrigatória a concordância em gênero e número entre ela e o nome ao qual está ligada, mesmo que esse nome não esteja expresso na oração.

Exemplos:

1. Depois daquela vitória estávamos quite em competições estaduais. [Inadequado]

   Depois daquela vitória estávamos quites em competições estaduais. [Adequado]

2. Enfim eu fui declarado quites com o serviço militar. [Inadequado]

   Enfim eu fui declarado quite com o serviço militar. [Adequado]

A palavra quite é também a forma irregular do *particípio* do verbo "*quitar*". É importante lembrar, contudo, que essa forma irregular do verbo é empregada junto aos verbos *ser* e *estar*; junto ao verbo *ter*, emprega-se a forma regular: *quitado(a)*.

Exemplos:

1. Ele está quite comigo. (forma irregular)

2. Ela tinha quitado a dívida atrasada. (forma regular)

Em ambos as construções, porém, a concordância é obrigatória, já que o particípio, nesses casos, funciona como adjetivo.

A concordância e a palavra "grama"

Em língua portuguesa, alguns substantivos se flexionam em gênero e número. O gênero pode ser *masculino* ou *feminino* e, geralmente, o gênero se torna visível devido à terminação das palavras ou aos determinantes (artigo, pronome, numeral e adjetivo) que se vinculam a essas palavras. Isto é, substantivos terminados em "-o" ou que puderem ser acompanhadas por determinantes masculinos são consideradas substantivos masculinos. Aqueles substantivos que terminarem em "-a" ou puderem ser acompanhados por determinantes femininos, são considerados substantivos femininos.

Exemplos:

1. *aluno* (substantivo terminado em "-o" = substantivo masculino)
2. *escola* (substantivo terminado em "-a" = substantivo feminino)
3. *boi* (substantivo acompanhado por determinante masculino = substantivo masculino)
4. *a rede* (substantivo acompanhado por determinante feminino = substantivo feminino)

No entanto, essa forma de reconhecer o gênero dos substantivos nem sempre é produtiva. Alguns fatores implicam vincular um ou outro gênero aos substantivos. É o caso, por exemplo, dos substantivos comuns-de-dois gêneros, em que a uma única forma do substantivo vinculam-se os dois gêneros (exs.: o/a *artista*, o/a *estudante*).

Dentre os casos particulares do gênero dos substantivos, destaca-se aquele em que o gênero do substantivo varia segundo sua significação. A palavra grama é um substantivo que se encaixa nesse caso.

Quando grama tiver sentido de *gramínea cultivada em áreas como jardim*, tratar-se-á de um substantivo feminino. Quando grama tiver sentido de *unidade de medida de peso*, tratar-se-á de um substantivo masculino.

É importante guardarmos essa distinção de gênero ligada ao substantivo grama, pois dela decorre a concordância nominal. Ou seja, os determinantes que se destinam ao substantivo grama devem estar no feminino, se a palavra grama designar planta; em se tratando de unidade de medida, os determinantes de grama devem estar no masculino.

Exemplos:

1. Admirávamos atônitos o grama que implantaram naquele jardim.[Inadequado]

   Admirávamos atônitos a grama que implantaram naquele jardim. [Adequado]

2. Por favor, dê-me trezentas gramas de azeitona! [Inadequado]

   Por favor, dê-me trezentos gramas de azeitona! [Adequado]

Como o substantivo grama com sentido de medida de peso é masculino, todos os substantivos compostos que também expressem medida formados a partir dele também serão masculinos: *miligrama*, *quilograma*. A concordância entre os determinantes e os compostos segue as mesmas orientações do substantivo grama.

Exemplo:

1. Quantas miligramas de bicarbonato existem nesse produto? [Inadequado]

   Quantos miligramas de bicarbonato existem nesse produto? [Adequado]

A concordância e a expressão "o mais ... possível"

Dentre as formas de variação em grau que os adjetivos e os advérbios podem sofrer está o superlativo. O grau superlativo marca um aumento extremo de quantidade ou de intensidade dos adjetivos ou dos advérbios. Uma das formas de construção desse grau superlativo é através da expressão:

...o/a + mais + ______ + possível

...o/a + menos + ______ + possível

Nesses casos o aumento é relativo à intensidade e é dado por toda a expressão ao invés de conter o grau marcado na palavra-alvo (ex.: *claro* = grau normal; *claríssimo* = grau superlativo; marca de variação em grau: "-íssimo").

Quando essa expressão indicar aumento de intensidade de um *adjetivo*, alguns gramáticos costumam apontar para as seguintes possibilidades de concordância:

1. os artigos (o/a) que iniciam a expressão, assim como a palavra *possível*, devem concordar em gênero e número com a palavra que está sendo intensificada; ou

2. a expressão *o mais/menos ... possível* deve se manter fixa no masculino singular independentemente do número e do gênero da palavra intensificada.

Exemplos:

1. Somente discutíamos os trabalhos o mais claras possíveis. [Inadequado]

   Somente discutíamos os trabalhos os mais claros possíveis. [Adequado]

   Somente discutíamos os trabalhos o mais claro possível. [Adequado]

2. Entreguem estas encomendas as mais rápido possíveis.[Inadequado]

   Entreguem estas encomendas o mais rápido possível. [Adequado]

Notem que quando a palavra intensificada é um *advérbio* não há flexão em gênero ou em número. Como ela é uma palavra invariável, a expressão que indica grau superlativo permanece sempre no *masculino singular* (para os artigos) e *singular* (para a palavra "possível").

Os primeiros passos para o emprego correto da expressão de intensidade, nesse caso, são: 1) identificar a palavra intensificada como um adjetivo ou advérbio, e 2) promover a concordância correta entre o adjetivo e o substantivo, quando a palavra intensificada for um adjetivo.

Exemplos:

1. Gostaríamos de uma resposta *o mais* objetivo *possível*. [Inadequado]

   Gostaríamos de uma resposta *a mais* objetiva *possível* [Adequado]

   ...[*objetiva*: adjetivo = concorda em gênero com "resposta"]

   ...[*a*: artigo feminino = concorda com o adjetivo intensificado]

   ...[*possível*: palavra no singular = concorda com o artigo da expressão]

2. Vamos sair daqui *os mais* cedo *possível*. [Inadequado]

   Vamos sair daqui *o mais* cedo *possível*. [Adequado]

   ...[*cedo*: advérbio = palavra invariável = não há concordância]

   ...[*o ... possível*: expressão fixa]

A concordância e o aposto

O aposto é um termo que se liga a outros termos da oração com o objetivo de especificar esse elemento ao qual se refere. Trata-se de um termo de caráter nominal que se relaciona a substantivos ou pronomes substantivos para atribuir-lhes uma explicação ou um esclarecimento.

Como o aposto e o substantivo (ou outro termo com valor de substantivo) são elementos relacionados numa oração, a concordância em gênero e número é obrigatória entre eles.

Exemplos:

1. Os investidores, barulhento e insegura, retiravam-se do mercado. [Inadequado]

   Os investidores, barulhentos e inseguros, retiravam-se do mercado. [Adequado]

   ...[*barulhentos e inseguros*: aposto = refere-se ao substantivo "investidores"]

   ...[*investidores*: substantivo masculino plural]

2. Ela, mais sábio e oportunistas, também inventaria uma desculpa eficaz. [Inadequado]

   Ela, mais sábia e oportunista, também inventaria uma desculpa eficaz. [Adequado]

   ...[*mais sábia e oportunista*: aposto = refere-se ao pronome substantivo "ela"]

   ...[*ela*: pronome feminino singular]

Nos exemplos acima o aposto se apresenta na forma como mais freqüentemente é utilizado: entre vírgulas, imediatamente após o termo ao qual se refere. Há casos, porém, em que o aposto se une ao termo substantivo sem o recurso da pausa expresso pela vírgula:

"O tempo inverno quase não é lembrado no nordeste brasileiro."

Nesse exemplo, em que o aposto – "inverno" – é também um substantivo, não se exige dele a concordância em gênero e número com o substantivo ao qual se liga – "tempo". A obrigatoriedade da concordância nominal é apontada apenas quando o aposto se configura como um adjetivo, como nos exemplos (1) e (2).

Naqueles casos (1) e (2), além disso, observa-se a presença do conectivo "e" interligando os adjetivos que compõem o aposto. É importante lembrar, no entanto, que ainda que a vírgula seja dispensada da construção, a concordância nominal entre o aposto e o substantivo de referência deve ser estabelecida.

Exemplos:

1. As antigo renovada expectativas poderiam se confirmar hoje. [Inadequado]

   As antigas renovadas expectativas poderiam se confirmar hoje. [Adequado]

   ...[*as antigas renovadas*: adjunto adnominal de "expectativas"]

   ...[*renovadas*: adjetivo = núcleo do adjunto adnominal]

   ...[*antigas*: aposto = refere-se ao substantivo "expectativas"]

   ...[*expectativas*: substantivo feminino plural]

2. O velha gentis mensageiro abandonava suas caminhadas diárias. [Inadequado]

   O velho gentil mensageiro abandonava suas caminhadas diárias. [Adequado]

   ...[*o velho gentil*: adjunto adnominal de "mensageiro"]

   ...[*gentil*: adjetivo = núcleo do adjunto adnominal]

   ...[*velho*: aposto = refere-se ao substantivo "mensageiro"]

   ...[*mensageiro*: substantivo feminino plural]

A concordância nas locuções e expressões adjetivas

As locuções ou expressões adjetivas, diferentemente dos adjetivos, não concordam em gênero e número com os substantivos por elas modificados. Quando indicadoras dos elementos ("cigarro", "meia", "fósforo", etc.) de que é constituído o conjunto ("maço", "par", "caixa", etc.), acompanham a forma do plural.

Exemplos:

1. Compramos somente um maço de cigarro. [Inadequado]

   Compramos somente um maço de cigarros. [Adequado]

2. Não acredito que você perdeu seu par de meia. [Inadequado]

   Não acredito que você perdeu seu par de meias. [Adequado]

3. Minha mãe faz economia até com uma caixa de fósforo. [Inadequado]

   Minha mãe faz economia até com uma caixa de fósforos. [Adequado]

4. Fomos a várias bancas de jornais até encontrarmos a revista. [Inadequado]

   Fomos a várias bancas de jornal até encontrarmos a revista. [Adequado]

5. Durante a liquidação compramos muitas toalhas de mesas. [Inadequado]

   Durante a liquidação compramos muitas toalhas de mesa. [Adequado]

6. Costumo guardar todas as páginas de jornais. [Inadequado]

   Costumo guardar todas as páginas de jornal. [Adequado]

A concordância e o predicativo do objeto de alguns verbos

Alguns verbos da língua portuguesa exigem complementos. São os chamados verbos transitivos, cujos complementos podem vir acompanhados de preposição (objeto indireto) ou ser diretamente relacionados ao verbo (objeto direto).

Esses complementos verbais podem sofrer modificações de duas naturezas: uma que é própria ao objeto (adjunto adnominal) e outra que é imposta pelo verbo (predicativo do objeto). Isso quer dizer que, associados a um mesmo verbo, podem ocorrer dois termos da oração: um objeto e um predicativo.

O predicativo do objeto geralmente se vincula aos verbos transitivos diretos, atribuindo uma propriedade ao seu complemento verbal. No entanto, em uma mesma oração podem co-ocorrer um adjunto adnominal e um predicativo do objeto, confundindo a aplicação da concordância adequada entre esses elementos sintáticos. Trata-se de duas etapas de concordância nominal distintas: uma que relaciona o adjunto adnominal ao objeto e a segunda que associa o predicativo ao seu objeto. Vejamos sentenças com os dois termos sintáticos separados:

1. A lua transforma a noite dos namorados.

   ...[*transforma*: verbo transitivo direto]

   ...[*a noite*: objeto direto]

   ...[*dos namorados*: adjunto adnominal = atributo de "noite" livremente apontado]

2. A lua torna a noite iluminada.

   ...[*torna*: verbo transitivo direto]

   ...[*a noite*: objeto direto]

   ...[*iluminada*: predicativo do objeto = atributo de "noite" imposto pelo verbo]

O predicativo do objeto sempre concorda em gênero e número com o termo (o objeto) ao qual se liga, mesmo que junto ao seu objeto haja um adjunto adnominal associado. Exemplo:

1. "A lua torna a noite iluminada dos namorados."

...[*iluminada*: predicativo do objeto direto "noite"]

A posição do predicativo do objeto não é fixa na oração. Ele pode:

1. anteceder o objeto ☐ "... torna **iluminada** a noite dos namorados."
2. proceder imediatamente ao objeto ☐ "... *torna a noite **iluminada** dos namorados*."
3. vir ao final do adjunto adnominal ☐ "... *torna a noite dos namorados **iluminada***."

A confusão na concordância que se observa freqüentemente acontece quando o predicativo está na posição (3) apontada acima, pois o raciocínio mais cômodo faria concordar o predicativo com a última palavra que o antecede. É importante lembrar, porém, que mesmo distante o predicativo deve *manter a concordância com o objeto* que é a sua referência na oração.

Exemplos:

1. A academia consagrou os trabalhos de biologia **pioneira**. [**Inadequado**]

   A academia consagrou os trabalhos de biologia **pioneiros**. [**Adequado**]

   ...[*os trabalhos*: objeto direto = masculino plural]

   ...[*de biologia*: adjunto adnominal]

   ...[*pioneiros*: predicativo do objeto = masculino plural]

2. A paz manteria a bandeira do Brasil **vivo**. [**Inadequado**]

   A paz manteria a bandeira do Brasil **viva**. [**Adequado**]

   ...[*a bandeira*: objeto direto = feminino singular]

   ...[*do Brasil*: adjunto adnominal]

   ...[*viva*: predicativo do objeto = feminino singular]

Note que em certas situações apenas a concordância é que deixará claro o termo que está sendo modificado, pois um adjetivo como no exemplo (2) pode se aplicar tanto ao objeto (no exemplo,"bandeira") como ao núcleo do adjunto adnominal (no exemplo, "Brasil"). É facultativo ao ouvinte/leitor, portanto, compreender a oração da forma como ele preferir se a concordância não esclarece os termos que estão relacionados na oração.

Concordância verbal

A relação de concordância, quando se dá entre o sujeito e o verbo principal de uma oração, é chamada de **concordância verbal**.

Os verbos flexionam-se em pessoa (primeira, segunda e terceira), em número (singular e plural), em tempo (presente, passado e futuro) e em modo (indicativo, subjuntivo e imperativo). Em geral, as características de **número** e **pessoa** são as que um *termo determinante ou dependente* (verbo) deve manter em harmonia com as do *termo determinado ou principal* (substantivo e etc.).

Em língua portuguesa, as relações de concordância são **obrigatórias** nos casos supra-citados. Por isso, é importante saber de que forma os verbos e sintagmas nominais se relacionam para, assim, promover a concordância adequada. Dê uma olhada nas particularidades da concordância verbal:

- A concordância e o sujeito simples
- A concordância e as desinências
- A concordância e o termo determinado
- A concordância e os pronomes indefinido e demonstrativo como sujeito
- A concordância e o pronome interrogativo como sujeito
- A concordância e o pronome reto com predicativo do sujeito
- A concordância e as orações adjetivas
- A concordância e o pronome relativo em orações adjetivas
- A concordância e os pronomes reflexivos
- A concordância e o pronome "que"
- A concordância e o pronome "quem"
- A concordância e os pronomes "o que"
- A concordância e expressões como "É necessário"
- A concordância e expressões como "É preciso"

- A concordância e os verbos indicativos de horas
- A concordância e expressões de quantidade
- A concordância e os verbos modais
- A concordância e o verbo "parecer"
- A concordância e o verbo "importar"

A concordância e o sujeito simples

Dentre os casos de concordância verbal, o que trata do sujeito e o verbo é o mais básico e geral da língua portuguesa.

Sintaticamente, o sujeito é o termo que se mantém em harmonia com o verbo. Esse sujeito ora pode estar expresso na oração através de um nome (substantivo, pronome e etc.) ou uma *oração subordinada substantiva*, ora pode estar implícito na oração, ou ainda, pode ser inexistente na oração. Mesmo que o sujeito seja um elemento não declarado na oração, a concordância de número e pessoa entre ele e o verbo é obrigatória (salvo a exceção da *concordância ideológica*).

Exemplos:

1. Nós quer falar assim! [Inadequado]

   Nós queremos falar assim! [Adequado]

2. As compras chegou ontem. [Inadequado]

   As compras chegaram ontem. [Adequado]

Quando o sujeito não está expresso na oração é preciso recuperá-lo no *contexto* e, então, promover a concordância .

Exemplo:

1. Elas disseram que vai ao jantar.

   ...Elas disseram que vão ao jantar

   ...[sujeito de "vão" = "que" retomando o nome "elas"]

   ...Elas disseram que ele vai ao jantar.

   ...[sujeito de "vão" = "ele"]

Há casos em que um sujeito simples representa não um único elemento, mas toda uma coletividade. Mesmo transmitindo essa idéia de pluralidade, a concordância deve respeitar o número e a pessoa representada pela palavra-sujeito.

Exemplos:

1. A gente não fizemos a lição. [Inadequado]

   A gente não fez a lição. [Adequado]

2. As gentes do Brasil espelha as várias raças. [Inadequado]

   As gentes do Brasil espelham as várias raças. [Adequado]

A concordância e as desinências

As *desinências* (*-s*, *-mos*, *-va* e etc.) são elementos essenciais para se determinar a flexão das palavras em Língua Portuguesa. Por esse motivo são, inclusive, denominadas *morfemas flexionais*.

Por indicarem, na *morfologia*, a *flexão nominal* (gênero, número) e a *flexão verbal* (pessoa, número, tempo, modo, aspecto e voz), é obrigatória a presença das desinências nas palavras. Esse fator é fundamental à construção adequada da concordância nominal e da concordância verbal

Freqüentemente se observa a ausência da desinência -s indicativa da segunda pessoa do singular. Esse comportamento, verificado particularmente na *língua falada*, acarreta problemas de concordância verbal, já que a forma vazia (sem o -s . Ex.: ama) é a forma representativa da terceira pessoa do singular.

Exemplos:

1. **Tu fala por experiência própria! [Inadequado]**

   Tu falas por experiência própria! [Adequado]

A concordância e o termo determinado

A concordância verbal, obrigatória em Língua Portuguesa, ocorre preferencialmente entre o verbo e o sujeito da oração.

Nas orações formadas por um *predicado nominal* (verbo de ligação + *predicativo do sujeito*) o verbo deve concordar não com o sujeito, mas sim com o predicativo do sujeito. Essa possibilidade de concordância ocorre, dentre outros casos, se:

- **sujeito for um nome no plural;**
- **predicativo do sujeito estiver determinado, isto é, se ele for formado por um nome + determinante (artigo, numeral e etc.).**

Exemplos:

1. **Carros roubados são uma coisa normal nesta rua. [Inadequado]**

   Carros roubados é uma coisa normal nesta rua. [Adequado]

2. **Falsas promessas foram a minha desgraça! [Inadequado]**

   Falsas promessas foi a minha desgraça! [Adequado]

A concordância e os pronomes indefinido e demonstrativo como sujeito

A concordância verbal, obrigatória em Língua Portuguesa, ocorre preferencialmente entre o verbo e o sujeito da oração.

Nas orações formadas por um *predicado nominal* (verbo de ligação + predicativo do sujeito) o verbo deve concordar não com o sujeito, mas sim com o predicativo do sujeito. Essa possibilidade de concordância ocorre, dentre outros casos, se o sujeito da oração for:

- **um *pronome indefinido* (*todo*, *tudo*, *nada* e etc.);**
- **um *pronome demonstrativo* neutro (*isto*, *isso* e *aquilo*).**

Exemplos:

1. **Nada é obstáculos para um bom vendedor. [Inadequado]**

   Nada são obstáculos para um bom vendedor. [Adequado]

2. **Tudo é flores! [Inadequado]**

   Tudo são flores! [Adequado]

3. **Para mim isso é histórias mal contadas. [Inadequado]**

   Para mim isso são histórias mal contadas. [Adequado]

4. **Aquilo é manobras sociais. [Inadequado]**

   Aquilo são manobras sociais. [Adequado]

A concordância e o pronome interrogativo como sujeito

A concordância verbal, obrigatória em Língua Portuguesa, ocorre preferencialmente entre o verbo e o sujeito da oração.

Nas orações formadas por um *predicado nominal* (verbo de ligação + predicativo do sujeito) o verbo deve concordar não com o sujeito, mas sim com o predicativo do sujeito. Essa possibilidade de concordância ocorre, dentre outros casos, se o sujeito for um *pronome interrogativo* (*qual*, *quem*, *que*, *quando* e etc.).

Exemplos:

1. **Quem é eles? [Inadequado]**

   Quem são eles? [Adequado]

2. **Quando será as provas? [Inadequado]**

   Quando serão as provas? [Adequado]

A concordância e o pronome reto como predicativo do sujeito

A concordância verbal, obrigatória em Língua Portuguesa, ocorre preferencialmente entre o verbo e o sujeito da oração.

Nas orações formadas por um *predicado nominal* (verbo de ligação + predicativo do sujeito) o verbo deve concordar não com o sujeito, mas sim com o predicativo do sujeito. Essa possibilidade de concordância ocorre, dentre outros casos, se o predicativo do sujeito for um pronome reto (*eu*, *tu*, *ele* e etc.).

Exemplos:

1. **O encarregado da obra é eu. [Inadequado]**

   O encarregado da obra sou eu. [Adequado]

2. **Neste caso continua nós... [Inadequado]**

   Neste caso continuamos nós... [Adequado]

A concordância e as orações adjetivas

As *orações subordinadas adjetivas* são aquelas que têm valor de adjetivo, ou seja, que qualificam ou determinam um nome que pertence à *oração principal*. Como elas estão ligadas a um termo da oração principal através de um pronome relativo, é obrigatório que entre o verbo da oração subordinada e o pronome haja concordância de pessoa e número.

Em geral as orações adjetivas são introduzidas por um *pronome relativo* (*que*, *qual* e etc.) que, substituindo o nome ao qual o verbo da oração subordinada está ligado, comanda a concordância verbal.

Exemplos:

1. **Os homens que mata os animais selvagens devem ser denunciados. [Inadequado]**

   Os homens que matam os animais selvagens devem ser denunciados. [Adequado]

   ...[Os homens devem ser denunciados: oração principal]

   ...[que matam os animais selvagens: oração subordinada adjetiva]

   ...[que: pronome relativo a "os homens"]

2. **As questões que era mais importante foram esquecidas. [Inadequado]**

   As questões que eram mais importantes foram esquecidas. [Adequado]

   ...[As questões foram esquecidas: oração principal]

   ...[que eram mais importantes: oração subordinada adjetiva]

   ...[que: pronome relativo a "as questões"]

Observe que no exemplo (2) não só o verbo, mas também o adjetivo da oração subordinada (*eram*, *importantes*) devem se manter em harmonia com o nome ao qual estão ligados.

Uma regra prática para identificar a oração subordinada adjetiva e, assim, promover a concordância verbal adequada, é substituir toda a oração subordinada pelo adjetivo a ela correspondente.

1. Os homens **matadores** de animais selvagens devem ser denunciados.

2. As questões mais **importantes** foram esquecidas.

A concordância e o pronome relativo em orações adjetivas

As *orações subordinadas adjetivas*, por qualificarem um termo da *oração principal*, possuem as características de um adjetivo; ou seja: estão ligadas a um nome , em geral um substantivo, ao qual conferem um **atributo**.

Dentre as características das orações subordinadas adjetivas destacamos o fato de serem introduzidas pelo *pronome relativo* ***que***.

Nas orações adjetivas o *que* faz referência a algum termo da oração principal (sujeito, objeto, complemento nominal). Desse modo, o *que* carrega consigo todas as marcas de flexão (número, gênero, pessoa) do termo ao qual se refere. Assim, é **obrigatória** a concordância em **número** e **pessoa** entre o verbo da oração subordinada adjetiva e o substantivo a que se refere representado pela palavra *que*.

Exemplos:

1. Os trabalhadores que **fez** greve serão convocados para a reunião. **[Inadequado]**

   Os trabalhadores que **fizeram** greve serão convocados para a reunião. **[Adequado]**

2. Os lustres da sala que **foram inaugurados** destacava-se em delicadeza. **[Inadequado]**

   Os lustres da sala que **foi inaugurada** destacavam-se em delicadeza. **[Adequado]**

A concordância e os pronomes reflexivos

Os pronomes reflexivos (*me*, *te*, *se*, *nos* e etc.) possuem uma forma especial para cada *pessoa verbal*.

Para indicar que o objeto da ação é a **mesma pessoa** que o sujeito que a pratica, é **obrigatória** a concordância em pessoa entre o pronome reflexivo e a pessoa a qual se refere.

É importante lembrar, ainda, que a **terceira pessoa** possui uma única forma tanto para o singular quanto para o plural: *se*, *si* e *consigo*.

Exemplos:

1. Eu se machuquei. **[Inadequado]**

   Eu **me** machuquei. **[Adequado]**

2. Ela foi embora e levou minha juventude **contigo**. **[Inadequado]**

   Ela foi embora e levou minha juventude **consigo**. **[Adequado]**

Observe que a concordância própria aos pronomes reflexivos respeitam **apenas** a pessoa verbal e **não** o gênero da pessoa a qual se refere, senão vejamos os exemplos de sentenças corretas:

Ela está fora de si. / Ele está fora de si.

Além disso, é comum acrescentar algumas expressões reforçativas junto aos pronomes reflexivos. Dessa forma, destaca-se a idéia de igualdade entre as pessoas que estão sujeitas à ação.

Exemplos:

1. Eu **me** machuquei.

   Eu **mesma me** machuquei.

2. Eles se julgavam.

   Eles julgavam-se a **si mesmos**.

A concordância e o pronome *"que"*

Os *pronomes relativos* são aqueles que estabelecem a ligação entre a oração principal e a oração subordinada, ao substituir, na oração subordinada, um termo presente na oração principal (termo antecedente). Dentre os pronomes relativos, o que é o mais comum, sendo empregado em construções diversas. Diferentemente de outros relativos (*qual*, *cujo*, por exemplo), o que não se flexiona em gênero e número. Por isso, muitas vezes é difícil saber a qual elemento o que se refere. Porém, como se trata de um relativo, o pronome que sempre retoma um nome anteriormente apontado e dele herda as características de flexão.

Em geral, o que introduz uma *oração subordinada*. A concordância de número e pessoa entre o verbo da oração subordinada e o elemento ao qual o que está ligado é obrigatória. É o que ocorre quando o termo antecedente for um pronome pessoal do caso reto (*eu*, *tu*, *ele* e etc.)

Exemplos:

1. **Não fui eu que lhe vendeu fiado. [Inadequado]**

   Não fui eu que lhe vendi fiado. [Adequado]

2. **São eles que promete e não cumpre. [Inadequado]**

   São eles que prometem e não cumprem. [Adequado]

É importante lembrar que, em *análise sintática*, o pronome reto que antecede o que é sujeito da oração principal. Já o sujeito da oração subordinada é o próprio que, por isso a necessidade de manter em harmonia os elementos da oração subordinada.

1. **Fomos nós que antecipamos o resultado da pesquisa eleitoral.**

   ...[fomos nós: oração principal]

   ...[que antecipamos o resultado da pesquisa eleitoral: oração subordinada]

   ...[nós: sujeito da oração principal]

   ...[que: sujeito da oração subordinada = pronome relativo a "nós"]

A concordância e o pronome *"quem"*

O *pronome relativo* substitui um nome que pertence à *oração principal*. Para evitar a repetição desse nome, utiliza-se um pronome que se torna "relativo" àquele nome o qual substitui.

Exemplo:

1. **Esses são os anéis que eu dei a você?**

   ...[oração principal: *esses são os anéis*]

   ...[oração dependente: *que eu dei a você*]

   ...[*anéis*: predicativo do sujeito da oração principal]

   ...[*que*: pronome relativo a *anéis* / objeto direto da oração dependente]

O pronome relativo *quem*, quando introduz uma *oração dependente*, se torna sujeito dessa oração. Logo é obrigatória a concordância em pessoa e número entre o verbo e o sujeito ao qual está ligado. Uma das possibilidades de concordância entre o *quem* e o verbo da oração dependente é manter este verbo na terceira pessoa do singular.

Exemplos:

1. **Fui eu quem paguei a conta. [Inadequado]**

   Fui eu quem pagou a conta. [Adequado]

2. **São eles quem nos obrigaram a marchar. [Inadequado]**

   São eles quem nos obrigou a marchar. [Adequado]

A concordância e os pronomes *"o que"*

Há, em língua portuguesa, um tipo de construção que reúne dois pronomes - demonstrativo e relativo - formando as expressões "*o(s) que*" e "*a(s) que*". Quando o termo *que* dessa expressão introduzir uma *oração subordinada*, o verbo dessa oração deve concordar em número e pessoa com o termo *o(s)/a(s)* que o antecede.

Exemplos:

1. **Não ouvi os que falava. [Inadequado]**

   Não ouvi os que falavam. [Adequado]

2. **São dois os que contribui para o time da empresa. [Inadequado]**

   São dois os que contribuem para o time da empresa.[Adequado]

O *pronome demonstrativo* pode ser representado pelas palavras *o(s), a(s)*, geralmente empregadas como artigos. Trata-se de uma forma especial de pronome neutro que pode ser substituída por "aquele(s)", "aquela(s)". Já o *pronome relativo que* retoma um elemento anterior (termo antecedente). A análise sintática da expressão o que, portanto, deve ser compreendida da seguinte forma:

1. **Cartas? Só lia as que chegavam em meu escritório.**

   ...[Só lia as: oração principal]

   ...[que chegavam em meu escritório: oração subordinada]

   ...[as: objeto direto da oração principal = substitui "cartas"]

   ...[que: sujeito da oração subordinada = substitui "as"]

A concordância e expressões como *"É necessário"*

A concordância nominal, obrigatória em Língua Portuguesa, procura colocar em harmonia dois ou mais nomes. Já a concordância verbal, também obrigatória na língua, busca a harmonia entre o verbo e o sujeito ao qual se liga.

Existem algumas expressões que se formam a partir do verbo SER + ADJETIVO (ou verbo no *particípio* funcionando como adjetivo). São exemplos desse tipo de estrutura:

É necessário...	**É adequado...**
É claro...	**É obrigatório..**
É proibido...	**É permitido...**
É importante...	

Quando ocorre esse tipo de construção, o sujeito da oração aparece em posição final, exigindo as seguintes características para a oração:

- **a concordância em gênero e número entre o predicativo do sujeito (*necessário*, *adequado*, *claro*, *obrigatório* e etc.) e o sujeito ao qual se liga (concordância nominal);**
- **a concordância em número e pessoa entre o verbo e o sujeito (concordância verbal).**

Exemplos:

1. **É necessário a autorização para a visita. [Inadequado]**

   É necessária a autorização para a visita. [Adequado]

2. **É necessário as assinaturas nos documentos originais. [Inadequado]**

   São necessárias as assinaturas nos documentos originais. [Adequado]

Observe que o sujeito dessas orações acima estão determinados, ou seja, são formados por um nome e um determinante (no caso, um artigo).

Nas orações em que essas expressões antecederem um sujeito não determinado, não há variação da expressão. Isto é: as expressões devem sempre apresentar:

- verbo *ser* na terceira pessoa do singular;
- predicativo do sujeito no masculino singular.

Exemplos:

1. É proibida entrada de pessoas estranhas. [Inadequado]

   É proibido entrada de pessoas estranhas. [Adequado]

2. São permitidas fotos neste local. [Inadequado]

   É permitido fotos neste local. [Adequado]

A concordância e expressões como *"É preciso"*

A concordância nominal, obrigatória em Língua Portuguesa, procura colocar em harmonia dois ou mais nomes. Já a concordância verbal, também obrigatória na língua, busca a harmonia entre o verbo e o sujeito ao qual se liga.

Algumas expressões são formadas a partir do verbo SER + ADJETIVO (ou verbo no *particípio* funcionando como adjetivo) e apresentam o sujeito em posição final da oração.

Em geral esse tipo de construção estabelece a necessidade de concordância nominal e verbal entre o *sujeito* e o predicativo do sujeito e entre o sujeito e o verbo. No entanto, as expressões *É preciso...* e *É bom...* não sofrem qualquer variação conforme o sujeito que se apresente. Ou seja:

- verbo deve estar sempre na terceira pessoa do singular
- predicativo do sujeito deve estar sempre no masculino

Exemplos:

1. É precisa uma vendedora aqui. [Inadequado]

   É preciso uma vendedora aqui. [Adequado]

2. É boa uma vendedora aqui. [Inadequado]

   É bom uma vendedora aqui. [Adequado]

Esse tipo de construção ocorre porque se omitiu o verbo *ter* da oração. Assim, para se descobrir se há ou não variação de concordância na expressão, basta preencher o vazio deixado pelo verbo *ter*.

Exemplos:

1. É preciso (ter) uma vendedora aqui.
2. É bom (ter) uma vendedora aqui.

A concordância e os verbos indicativos de horas

A concordância nominal, obrigatória em língua portuguesa, procura colocar em harmonia nomes e determinantes. Já a concordância verbal, também obrigatória na língua, busca a harmonia entre o verbo e o seu sujeito.

As palavras ou expressões que indicam horas apresentam particularidades na sua construção. Geralmente esse tipo de construção é formado:

- por verbos como "SOAR", "BATER" ou "DAR"
- por uma omissão, quase sempre da palavra "*relógio*"

Nas orações em que a palavra "*relógio*" ou similares ("*sino*", por exemplo) estiver omitida, o verbo "soar", "bater" e "dar" deve concordar com o número das horas indicado na oração.

Exemplos:

1. Todos concordavam: soava duas horas da tarde. [Inadequado]

   Todos concordavam: soavam duas horas da tarde. [Adequado]

2. No meu relógio já **deu** quatro horas de atraso. [Inadequado]

   No meu relógio já **deram** quatro horas de atraso. [Adequado]

O sujeito dessas orações é a palavra "*horas*", embora a idéia do marcador de tempo (relógio, sineta, sino e etc.) esteja embutida na expressão. Por isso, no exemplo (2) não se deve confundir a palavra "*relógio*" que, nesse caso é um adjunto adverbial de lugar, com o sujeito do verbo "*dar*". Observe agora que, quando o marcador de tempo vem expresso na oração, os verbos tratados aqui devem concordar com a palavra que exprime esse marcador e não mais com a palavra "*horas*".

Exemplos:

1. Muito tempo depois meu relógio **deram** oito horas da manhã. [Inadequado]

   Muito tempo depois meu relógio **deu** oito horas da manhã. [Adequado]

2. Os sinos da igreja **bateu** uma hora certinha! [Inadequado]

   Os sinos da igreja **bateram** uma hora certinha! [Adequado]

A concordância e expressões de quantidade

A concordância verbal, **obrigatória** em língua portuguesa, procura colocar em harmonia sujeito e verbo. Assim, sempre que o sujeito estiver no plural, por exemplo, o verbo também deve se apresentar no plural. Porém certas construções da língua portuguesa rompem esse princípio de concordância verbal. É o caso de expressões que indicam quantidade.

A idéia de quantidade pode querer expressar cada uma das unidades ou a totalidade dos seres contados. Quando expressões de quantidade indicarem uma **totalidade**, o verbo deve se apresentar no **singular**, concordando com o conjunto dos seres.

Exemplos:

1. Creiam-me: três filhos são mais do que eu poderia imaginar! [Inadequado]

   Creiam-me: três filhos é mais do que eu poderia imaginar! [Adequado]

2. Duas semanas **seriam** muito pouco para o Ricardo se recuperar. [Inadequado]

   Duas semanas **seria** pouco para o Ricardo se recuperar. [Adequado]

Essa particularidade de concordância também pode ser determinada pelo tipo de verbo que ela possui.

O verbo "*ser*", comumente empregado na função de verbo de ligação, pode funcionar como *verbo intransitivo*. Nesse caso, esse verbo intransitivo pode se relacionar com um advérbio a ele posposto. Como os advérbios e locuções adverbiais são **invariáveis** (nunca se flexionam em número, gênero ou pessoa), o verbo deve se manter na **terceira pessoa do singular**, independentemente do número e da pessoa do sujeito da oração. Vejamos um exemplo:

1. Desculpe-me, mas três colheres de açúcar são muito. [Inadequado]

   Desculpe-me, mas três colheres de açúcar é muito. [Adequado]

   ...[sujeito: *três colheres de açúcar* = terceira pessoa do plural]

   ...[verbo intransitivo: *é* = terceira pessoa do singular]

   ...[*muito* = advérbio de intensidade]

É importante atentarmos para a formação desse predicado verbal. A concordância verbal só é fixa no singular quando o verbo "*ser*" for intransitivo associado a um advérbio. Nas orações em que esse predicado for um **predicativo do sujeito acompanhado por um advérbio**, a concordância verbal deve respeitar o número e a pessoa do seu sujeito. Conseqüentemente, o adjetivo que forma o predicativo do sujeito também deve ser flexionado de acordo com o sujeito. Vejamos o exemplo:

1. Sem dúvida, estas casas é bem **maior**! [Inadequado]

   Sem dúvida, estas casas são bem **maiores**! [Adequado]

...[*estas casas*: sujeito = terceira pessoa do plural]

...[*bem maiores*: predicativo do sujeito]

...[*bem*: advérbio = palavra invariável]

...[*maiores*: adjetivo plural]

A concordância e os verbos modais

Os *verbos modais* exprimem vontade, necessidade, proibição, enfim, idéias que atenuam ou enfatizam uma ação verbal. Como modais, esses verbos estão sempre associados a outros verbos formando uma *locução verbal* (verbo modal + verbo principal, nesse caso).

Numa locução verbal formada por verbos modais (*querer*, *precisar*, *poder*, *dever* e etc.) a concordância verbal ocorre obrigatoriamente entre o verbo modal e o sujeito ao qual está ligado. Nesse caso, somente o verbo modal deve concordar em número e pessoa com o seu sujeito.

Exemplo:

1. Nós não devemos assinarmos o documento antes de o ler. [Inadequado]

   Nós não devemos assinar o documento antes de o ler. [Adequado]

   ...[*nós*: sujeito = primeira pessoa do plural]

   ...[*devemos assinar*: locução verbal]

   ...[*devemos*: verbo modal]

   ...[*assinar*: verbo principal]

2. Na verdade, eles querem apoiarem a nossa candidatura. [Inadequado]

   Na verdade, eles querem apoiar a nossa candidatura. [Adequado]

   ...[*eles*: sujeito = terceira pessoa do plural]

   ...[*querem* apoiar: locução verbal]

   ...[*querer*: verbo modal]

   ...[*apoiar*: verbo principal]

Em geral, os problemas de concordância relacionados aos verbos modais numa locução verbal ocorrem quando o sujeito ou o objeto da oração se interpõe entre os dois verbos da locução. Mesmo que esse sujeito se apresente entre o verbo modal e o verbo principal, é importante lembrar que somente o *verbo modal* se flexiona em número e pessoa concordando com o sujeito. O verbo principal, por sua vez, permanece sempre na forma infinitiva.

Exemplos:

1. Podem as pessoas reclamarem, mas eu vou cantar agora. [Inadequado]

   Podem as pessoas reclamar, mas eu vou cantar agora. [Adequado]

   ...[*as pessoas*: sujeito = terceira pessoa do plural]

   ...[*podem reclamar*: locução verbal]

   ...[*podem*: verbo modal]

   ...[*reclamar*: verbo principal]

2. Precisamos nos orientarmos sobre os cursos oferecidos neste ano. [Inadequado]

   Precisamos nos orientar sobre os cursos oferecidos neste ano. [Adequado]

...["*nós*": sujeito = primeira pessoa do plural]

...[*nos*: objeto direto]

...[*precisamos orientar*: locução verbal]

...[*precisamos*: verbo modal]

...[*orientar*: verbo principal]

Em termos de concordância verbal, os verbos modais se comportam da mesma maneira que os *verbos auxiliares*. Ou seja, ambos carregam consigo a responsabilidade da flexão de acordo com o sujeito da oração, enquanto os verbos principais se mantêm fixos na forma do *infinitivo impessoal*.

A concordância e o verbo *"parecer"*

Dentre as *locuções verbais* (verbo auxiliar + verbo principal na forma nominal), aquela formada pelo verbo PARECER + INFINITIVO recebe tratamento especial quanto à concordância.

Numa locução verbal o verbo auxiliar marca a flexão verbal (pessoa, número, tempo e etc.), deixando para o verbo principal a idéia significativa da ação verbal. Exemplos: *está fazendo*; *foi feito*; *precisamos fazer* (verbos auxiliares: *estar*, *ser* e *precisar*; verbo principal: *fazer*). Nesse caso, a concordância verbal é centralizada no verbo auxiliar e somente nele.

Nas orações em que aparece a locução introduzida pelo verbo *parecer* a concordância pode ser realizada de duas maneiras:

- apenas o verbo auxiliar (*parecer*) se flexiona. O verbo principal permanece no *infinitivo impessoal*;

- o verbo auxiliar (*parecer*) mantém-se na terceira pessoa do singular. O verbo principal, como infinitivo pessoal, se flexiona em pessoa, número, tempo e modo.

Exemplos:

Os astronautas parece duvidar do que viram. [Inadequado]

1. Os astronautas parecem duvidar do que viram. [Adequado]

   ...[parecem duvidar: locução verbal]

   ...[parecem: verbo auxiliar flexionado]

   ...[duvidar: verbo principal no infinitivo impessoal]

2. Os astronautas parece duvidarem do que viram. [Adequado]

   ...[parece duvidarem: dois verbos distintos]

   ...[parece: verbo na terceira pessoa do singular]

   ...[duvidarem: verbo principal no infinitivo pessoal, portanto, flexionado]

A segunda alternativa de concordância se explica pela função que o verbo *parecer* exerce na oração. Trata-se de uma palavra que, sozinha, representa uma oração (oração principal) a qual uma outra é subordinada. Temos clara essa situação de oração do verbo *parecer* se:

- invertermos a ordem dos termos da oração subordinada e colocarmos a oração *parece* em início de período;
- acrescentarmos a palavra "que" junto ao verbo *parecer*.

Exemplos:

1. Os astronautas **parece duvidarem** do que viram.

   ...[parecem duvidar: locução verbal]

2. **Parece duvidarem** os astronautas do que viram.

   ...[parece: oração principal]

   ...[duvidarem os astronautas do que viram:- 1.oração subordinada; 2.sujeito da oração "parece"]

3. **Parece** que os astronautas **duvidaram** do que viram.

   ...[parece: oração principal]

   ...[duvidarem os astronautas do que viram:- 1.oração subordinada; 2. sujeito da oração "parece"]

A concordância e o verbo *"importar"*

Dentre as significações que o verbo **importar** possui, existe aquela que expressa *revelar interesse*, *ter importância*. Nesse caso, quando o verbo **importar** vier acompanhado de uma *oração subordinada subjetiva*, esse verbo deve se manter na **3ª pessoa do singular**.

A oração subordinada subjetiva exerce a função de sujeito, ou seja, apresenta o sujeito em forma de oração. Em geral esse tipo de oração é introduzido pelo *pronome relativo* (*que*, *quem*, por exemplo) que deve estar em concordância com o termo ao qual está ligado.

Exemplos:

1. Não me **importo** que eles fujam. **[Inadequado]**

   Não me **importa** que eles fujam. **[Adequado]**

2. Quem vai ler estas cartas não **importam**. **[Inadequado]**

   Quem vai ler estas cartas não **importa**. **[Adequado]**

Veja agora como a concordância verbal é alterada quando o sujeito do verbo **importar** não é uma oração subjetiva, mas um sujeito simples.

1. As fugas não **importam** a mim.
2. A pessoa que vai ler estas cartas não **importa**.

Colocação pronominal: definição

Dá-se o nome de **colocação pronominal** ao emprego adequado dos pronomes oblíquos átonos.

O emprego desses pronomes é sempre observado em relação ao verbo. Dessa forma, os pronomes oblíquos átonos podem estar nas seguintes posições:

- Ênclise

- Próclise

- Mesóclise

Em geral, a posição mais adequada desses pronomes é a enclítica. Porém, as **formas do particípio não admitem ênclise**, ou seja, não é possível termos um pronome oblíquo átono após um particípio. Use, neste caso, a próclise.

Exemplo:

1. Ele tinha dado-me um presente. **[Inadequado]**

   Ele tinha me dado um presente. **[Adequado]**

Próclise

É o emprego dos pronomes oblíquos átonos antes do verbo.

O uso da próclise torna-se obrigatório:

- **junto a palavras negativas**
- **junto a palavras interrogativas**
- **em orações subordinativas**
- **junto a advérbios ou expressões adverbiais**
- **em determinados tempos verbais**
- **junto a pronomes indefinidos**

Em cada um desses casos acima relacionados observar-se-á *palavras atrativas* funcionando com condições para o correto emprego dos pronomes.

Advérbios e o uso da próclise

É obrigatório o emprego da próclise em orações que contenham advérbios ou locuções adverbiais antecedendo o verbo. Isso só se dá se não houver qualquer palavra entre o verbo e o advérbio.

São exemplos de advérbios: *aqui*, *lá*, *sempre*, *amanhã*, *assim*, *infelizmente*, *não*, *talvez*, etc. São exemplos de locuções adverbiais: *de vez em quando, com certeza, à direita*, etc.

Exemplos:

1. **Na verdade, *sempre* pediram-me o mesmo trabalho. [Inadequado]**

   Na verdade, *sempre* me pediram o mesmo trabalho. [Adequado]

2. ***De vez em quando* torturavam-nos aquelas lembranças! [Inadequado]**

   ***De vez em quando* nos torturavam aquelas lembranças! [Adequado]**

Palavras negativas e o uso da próclise

É obrigatório o emprego da próclise em orações que contenham palavras negativas (não, nada, jamais, nem, nunca, ninguém, nenhum, etc). Isso só se dá se não houver qualquer palavra entre o verbo e a palavra negativa.

Exemplos:

1. **Ninguém obrigava-o ao trabalho. [Inadequado]**

   Ninguém o obrigava ao trabalho. [Adequado]

2. **Jamais considerei-me singular. [Inadequado]**

   Jamais me considerei singular. [Adequado]

Palavras interrogativas e o uso da próclise

É obrigatório o emprego da próclise em orações que contenham *pronomes interrogativos* ou *advérbios interrogativos* em posição inicial da sentença.

Em geral, esse tipo de sentença é formada por uma locução verbal. Exs.: *posso garantir*, *foi descoberto*, *posso ser*, *quero agradecer*.

Exemplos:

COM PRONOME INTERROGATIVO

1. **Quem perturbava-nos tanto? [Inadequado]**

   Quem nos perturbava tanto? [Adequado]

2. **Em que posso lhe ser útil? [Inadequado]**

   Em que lhe posso ser útil? [Adequado]

COM ADVÉRBIO INTERROGATIVO

1. **Como poderíamos agradecer-lhe? [Inadequado]**

   Como poderíamos lhe agradecer?[Adequado]

2. **Por que ignoras-no dessa maneira? [Inadequado]]**

   Por que o ignoras dessa maneira? [Adequado]

Pronomes indefinidos e o uso da próclise

Se o sujeito da oração for um *pronome indefinido* ou a palavra "ambos", é obrigatório o uso da próclise. Isso só se dá se o sujeito vier antes do verbo.

Exemplos:

1. **Ambos tratavam-me com cortesia. [Inadequado]**

   Ambos me tratavam com cortesia. [Adequado]

2. **Tudo causava-nos cansaço. [Inadequado]**

   Tudo nos causava cansaço. [Adequado]

3. **Era fato: alguém atraía-lhe a atenção. [Inadequado]**

   Era fato: alguém lhe atraía a atenção. [Adequado]

Orações subordinadas e o uso da próclise

É obrigatório o emprego da próclise em *orações subordinadas*, apresentando ou não *conjunções subordinativas*. Em geral, essas orações são intercaladas, ou seja, aparecem no interior de outra oração. Ex.: *A menina* que você amava tanto *era minha filha.*

Exemplos:

COM CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA

1. **O edifício para onde mudei-me foi reformado. [Inadequado]**

   O edifício para onde me mudei foi reformado. [Adequado]

2. **Gostaríamos que avissasem-nos sobre a reunião. [Inadequado]**

   Gostaríamos que nos avisassem sobre a reunião. [Adequado]

3. **O envelope foi lacrado conforme informaram-lhe. [Inadequado]**

   O envelope foi lacrado conforme lhe informaram. [Adequado]

SEM CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA

1. **Ela preferia mandasse-lhe flores ao jantar. [Inadequado]**
2. **Ela preferia lhe mandasse flores ao jantar. [Adequado]**

Ênclise

- **O pronome e as orações reduzidas de infinitivo**

- **O pronome e o objeto direto**

- **O pronome e o verbo no infinitivo**

- **O pronome em início de sentenças**

- O pronome e as orações reduzidas de infinitivo

O pronome e as orações reduzidas de infinitivo

Em geral o pronome reto (*eu*, *tu*, *ele* e etc.) ocupa a posição de sujeito da oração. Essa regra, porém, não se aplica às ***orações reduzidas de infinitivo***, onde o pronome oblíquo átono exerce a função de sujeito.

As orações reduzidas não possuem qualquer conectivo (pronome relativo ou conjunção) ligando-as à ***oração principal***. Por esse motivo preserva-se a possibilidade do emprego do pronome reto apenas na oração principal. Conseqüentemente, o pronome oblíquo átono acumula para si duas funções na oração reduzida: função de sujeito e função de objeto.

Exemplos:

1. Eu mandei as crianças sair.

   Eu mandei elas sair. [Inadequado]

   Eu as mandei sair. [Adequado]

   ...[eu = sujeito da oração principal: "Eu mandei"]

   ...[as = sujeito de "sair" na oração reduzida; objeto direto de "mandei" na oração principal]

2. Enfim deixaram Carina e José entrar.

   Enfim deixaram eles entrar. [Inadequado]

   Enfim deixaram-nos entrar. [Adequado]

   ...[sujeito indeterminado na oração principal "Enfim deixaram"]

   ...[nos = sujeito de "entrar na oração reduzida; objeto direto de "deixaram" na oração principal]

O pronome e o objeto direto

O objeto direto é formado por um nome, em geral um substantivo. Esse nome pode vir substituído por um pronome. Quando isso ocorre, o pronome empregado deve ser o pronome oblíquo (*me*, *te*, *o*, *se* e etc.).

O pronome reto (*eu*, *tu*, *ele* e etc) ocupa sempre a posição de sujeito da oração. Cabe, portanto, ao pronome oblíquo exercer a função de objeto da oração, complementando o *verbo transitivo*.

Exemplos:

1. Ela queria o prêmio para si.

   Ela queria ele para si. [Inadequado]

   Ela o queria para si. [Adequado]

   ...[ela = pronome reto = sujeito da oração]

   ...[o = pronome oblíquo = objeto direto da oração]

2. Chamaram Maria de santa.

   Chamaram ela de santa. [Inadequado]

   Chamaram-na de santa. [Adequado]

   ...[sujeito indeterminado do verbo "chamar"]

   ...[na = pronome oblíquo = objeto direto da oração]

O pronome e o verbo no infinitivo

Nas orações formadas por verbos no *infinitivo*, o sujeito é sempre um nome, em geral um substantivo, que pode ser substituído por um pronome. Se essa oração com verbo no infinitivo não for *uma oração reduzida do infinitivo*, o pronome empregado deve ser obrigatoriamente um pronome reto (*eu*, *tu*, *ele* e etc.).

O pronome reto ocupa sempre a posição de *sujeito* da oração. Já o pronome oblíquo (*me*, *te*, *o*, *se* e etc.) exerce a função de *objeto* da oração, complementando o *verbo transitivo*.

Freqüentemente ocorre uma assimilação do emprego do pronome reto com o emprego do pronome oblíquo em orações com infinitivo. Vejamos os exemplos de duas sentenças corretas:

1. Nunca pediram para eu fazer esse tipo de comida.

2. Nunca pediram esse tipo de comida para mim.

Observe que no exemplo (1) temos duas orações, com dois verbos e, conseqüentemente, dois sujeitos. Já no exemplo (2) temos apenas uma oração e um sujeito. O sujeito do verbo "fazer" no exemplo (1) deve ser um pronome reto. O complemento do verbo "pediram" no exemplo (2) deve ser um pronome oblíquo.

Exemplo:

1. Talvez eles mandem o formulário para mim preencher. [Inadequado]

   Talvez eles mandem o formulário para eu preencher. [Adequado]

Uma regra prática para empregar corretamente o pronome reto nesse caso é observar se a oração termina com verbo (*para eu fazer*). Caso isso não ocorra, o pronome empregado deve ser oblíquo (*fazer para mim*)

O pronome em início de sentenças

O pronome reto (*eu*, *tu*, *ele* e etc.) ocupa sempre a posição de sujeito da oração. Já o pronome oblíquo (*me*, *te*, *o*, *se* e etc.) exerce a função de objeto da oração, complementando *o verbo transitivo*. Como é papel do sujeito iniciar uma sentença, o pronome oblíquo não deve ocupar essa posição inicial.

Embora seja correto o emprego do pronome oblíquo antes do verbo (próclise), se o verbo estiver iniciando sentença é aconselhável o emprego do pronome depois do verbo (ênclise).

Exemplos:

1. Te censuraram em público. [Inadequado]

   Censuraram-te em público. [Adequado]

2. Me passa o sal, por favor!. [Inadequado]

   Passa-me o sal, por favor!. [Adequado]

Crase: definição

Dá-se o nome de crase (*à*) à contração entre a preposição "*a*" e o *artigo definido* feminino singular "*a*".

Os artigos apresentam a propriedade de se contraírem a determinadas preposições (ex.: *de* + *o* = *do*; *em* + *uma* = *numa*). Na contração entre a preposição "*a*" e o artigo definido "*a*" a representação da forma "*aa*" é substituída pelo emprego do acento grave sobre um único "*a*". A esse fenômeno chamamos craseamento.

São condições básicas para a existência da crase:

- que o termo que exige complemento (*termo regente*) também exija a preposição "*a*";

- que a palavra seguinte à preposição "*a*" seja feminina;

- que a palavra seguinte à preposição "*a*" possa ser acompanhada de determinantes, especialmente o artigo definido feminino ("*a*").

Algumas particularidades sobre o uso da crase são tratadas de forma especial:

- A crase e os pronomes relativos
- A crase e os nomes no plural
- A crase e as palavras repetidas

A crase e os pronomes relativos

A crase não deve ser empregada junto aos *pronomes relativos QUE*, *QUEM* e *CUJO(A)*.

Nas orações em que aparece um *termo regido* pela preposição "a" acompanhado dos pronomes relativos acima apontados, não se verifica a contração da preposição e o artigo, portanto o acento grave indicativo da crase não é admitido.

Exemplos:

1. **Havia qualquer problema com a tomada à que ligaram o aparelho. [Inadequado]**

   Havia qualquer problema com a tomada a que ligaram o aparelho. [Adequado

   ...[termo regente: ligar a]

   ...[termo regido: (a) tomada]

2. **Era geniosa a funcionária à quem se reportava. [Inadequado]**

   Era geniosa a funcionária a quem se reportava. [Adequado]

   ...[termo regente: reportar-se a]

   ...[termo regido: (a) funcionária]

3. **A mulher, à cuja filiação se unira, esgotava-se em lágrimas. [Inadequado]**

   A mulher, a cuja filiação se unira, esgotava-se em lágrimas. [Adequado]

   ...[termo regente: unir-se a]

   ...[termo regido: (a) filiação]

A crase e os nomes no plural

A crase não deve ser empregada junto a nomes apresentados na forma plural.

Nas orações em que aparecem um *termo regido* pela preposição "a" acompanhado de nomes no plural, não se verifica a contração da preposição e o artigo, portanto o acento grave indicativo da crase não é admitido.

Exemplos:

1. **Sempre que lembrava, dava contribuições à piadas grosseiras. [Inadequado]**

   Sempre que lembrava, dava contribuições a piadas grosseiras. [Adequado]

...[termo regente: dar (contribuições) a]

...[termo regido: piadas]

2. Quem ganhasse concorria à <u>revistas</u> em quadrinhos. [Inadequado]

   Quem ganhasse concorria a <u>revistas</u> em quadrinhos. [Adequado]

   ...[termo regente: concorrer a]

   ...[termo regido: revistas]

Observe que esses nomes no plural não são determinados, porque a idéia indicada é de uma expressão genérica. Ao contrário, se os nomes no plural regidos pela preposição "*a*" são determinados (ou seja: especificados), o acento grave indicativo da crase deve ser empregado.

Exemplo:

1. A freqüência dos alunos as <u>aulas</u> é facultativa. [Inadequado]

   A freqüência dos alunos às <u>aulas</u> é facultativa. [Adequado]

   ...[termo regente: freqüência a]

   ...[termo regido: as aulas]

A crase e palavras repetidas

A crase não deve ser empregada entre palavras repetidas.

Nas orações em que aparecem palavras repetidas ligadas pelo "*a*", não se verifica a contração da preposição e o artigo, portanto o acento grave indicativo da crase não é admitido. Isso se dá porque esse "*a*" presente entre as palavras repetidas é uma preposição somente, e não uma fusão de preposição e artigo (crase).

Exemplos:

1. O manual explica passo à passo os procedimentos com a ferramenta. [Inadequado]

   O manual explica passo a passo os procedimentos com a ferramenta. [Adequado]

2. Finalmente encontrávamos frente à frente na votação. [Inadequado]

   Finalmente encontrávamos frente a frente na votação. [Adequado]

São exemplos de expressões ligadas pela preposição "*a*":

- ...passo a passo...
- ...frente a frente...
- ...gota a gota...
- ...ponto a ponto...
- ...de mais a mais...

A crase e as locuções prepositivas

A crase deve ser empregada junto a algumas *locuções prepositivas*.

As locuções prepositivas seguidas de palavra feminina e que puderem vir acompanhadas por determinantes (artigo, por exemplo), exigem o acento grave indicativo da crase.

Exemplos:

1. Requeremos o material junto a <u>coordenadoria</u> . [Inadequado]

   Requeremos o material junto à <u>coordenadoria</u>. [Adequado]

2. Não procurei por você devido a total <u>falta</u> de tempo. [Inadequado]

Não procurei por você devido à total falta de tempo. [Adequado]

São exemplos de locuções prepositivas formadas pela preposição "a":

- junto a
- devido a
- em frente a
- graças a

Existem locuções prepositivas cuja preposição "*a*" aparece no início da locução e, em geral, terminam pela preposição "de". O emprego da crase junto a essas locuções é igualmente obrigatório, mesmo se a locução não vier expressa na oração.

Exemplos:

1. Os gabinetes da empresa, diziam, estavam a beira do caos. [Inadequado]

   Os gabinetes da empresa, diziam, estavam à beira do caos. [Adequado]

2. E eu continuei a espera de uma vaga... [Inadequado]

   E eu continuei à espera de uma vaga... [Adequado]

3. Ele proclama a Carlos Gardel! [Inadequado]

   Ele proclama à Carlos Gardel! [Adequado]

   ...[locução prepositiva implícita: à maneira de Carlos Gardel]

São exemplos de locuções prepositivas formadas pela preposição "*a*":

- à beira de
- à espera de
- à maneira de
- à moda de
- à procura de
- à base de

A crase e as locuções adverbiais

A crase deve ser empregada junto a *locuções adverbiais*.

Nas orações em que aparece um *termo regido* pela preposição "*a*" acompanhado de locuções adverbiais, o acento grave indicativo da crase é obrigatório. Isso, porém, só se dá se a palavra seguinte à locução for feminina e puder vir acompanhada por determinantes (artigo, por exemplo).

Exemplos:

1. O segredo é sempre virar a direita... [Inadequado]

   O segredo é sempre virar à direita... [Adequado]

2. A tarde ela trabalha no hospital, mas a noite ela está em casa. [Inadequado]

   À tarde ela trabalha no hospital, mas à noite ela está em casa. [Adequado]

Observe que as palavras femininas que podem ser determinadas participam da locução adverbial; ou seja, são as palavras "(a) direita", "(a) tarde" e "(a) noite".

São outros exemplos de locuções adverbiais formadas pela preposição "*a*":

- à distância
- à toa
- à vontade
- às pressas
- às claras

- **à mão**
- **às vezes**

A crase e as locuções conjuncionais

A crase deve ser empregada junto a algumas *locuções conjuncionais*.

Nas orações em que aparecem um *termo regido* pela preposição "*a*" acompanhado de locuções conjuncionais, o acento grave indicativo da crase é obrigatório. Isso, porém, só se dá se a palavra seguinte à locução for feminina e puder vir acompanhada por determinantes (artigo, por exemplo).

Na Língua Portuguesa somente duas locuções conjuncionais se enquadram nesse emprego da crase. São elas: *à medida que* e *à proporção que*.

Exemplos:

1. **A dose do remédio diminuirá a medida que o problema seja reduzido . [Inadequado]**

   A dose do remédio diminuirá à medida que o problema seja reduzido. [Adequado]

2. **O medo aumentava a proporção que a noite caía. [Inadequado]**

   O medo aumentava à proporção que a noite caía. [Adequado]

Observe que as palavras femininas que podem ser determinadas participam da locução conjuncional; ou seja, são as palavras "(a) medida" e "(a) proporção".

A crase e o objeto indireto

A crase deve ser empregada junto a alguns objetos indiretos.

Nas orações em que aparecem o *termo regido* pela preposição "*a*" introduzindo um objeto indireto, o acento grave indicativo da crase é obrigatório. Isso, porém, só se dá se a palavra seguinte à preposição "*a*" for feminina e puder vir acompanhada por determinantes (artigo, por exemplo).

O objeto indireto exerce a função sintática de complemento preposicionado de um verbo transitivo indireto. A preposição "*a*", portanto, pode introduzir o objeto indireto. Porém, é importante lembrar que a crase só deve ser empregada se essa preposição introduzir uma palavra feminina (determinada ou não).

Exemplos:

1. **O poeta dedicava aquela obra a esposa e aos filhos. [Inadequado]**

   O poeta dedicava aquela obra à esposa e aos filhos. [Adequado]

   ...[dedicar (a): verbo transitivo direto e indireto]

   ...[à esposa (e aos filhos): objeto indireto / (a) esposa = palavra feminina]

2. **Os foliões dariam fôlego a *festa* do carnaval. [Inadequado]**

   Os foliões dariam fôlego à *festa* do carnaval. [Adequado]

   ...[dar (a): verbo transitivo direto e indireto]

   ...[à festa: objeto indireto / (a) festa = palavra feminina]

A crase e os numerais

A crase não deve ser empregada junto a numerais cardinais ou ordinais, exceto em casos especiais.

Nas orações em que aparece um *termo regido* pela preposição "*a*" acompanhado de numerais, o acento grave indicativo da crase é dispensado.

Exemplos:

1. Isso tudo foi explicado à três crianças desatentas. [Inadequado]

   Isso tudo foi explicado a três crianças desatentas. [Adequado]

   ..[termo regente: explicar a]

   ..[três: numeral cardinal]

   ..[crianças: palavra feminina plural]

2. Os informes chegavam à dois lugares distintos. [Inadequado]

   Os informes chegavam a dois lugares distintos. [Adequado]

   ...[termo regente: chegavam a]

   ...[dois: numeral cardinal]

   ...[lugares: palavra masculina plural]

É importante assinalar, ainda, que o emprego da crase é dispensado quando a expressão composta pelo numeral for indicativa de datas.

Exemplos:

1. De 03/04 à 20/05 estarão abertas as inscrições para o curso de extensão. [Inadequado]

   De 03/04 a 20/05 estarão abertas as inscrições para o curso de extensão. [Adequado]

Caso especial:

Indicação de horas: se a expressão composta pelo numeral indicar horas o emprego da crase torna-se obrigatório.

Exemplos:

1. O vôo partirá as 13h00. [Inadequado]

   O vôo partirá às 13h00. [Adequado]

A crase e as preposições

A crase não deve ser empregada junto a algumas preposições.

Dois casos, no entanto, devem ser observados quanto ao emprego da crase. Trata-se das preposições "a" e "até" empregadas antes de palavra feminina. Essas únicas exceções se devem ao fato de ambas indicarem, além de outras, a noção de movimento. Por isso, com relação à preposição "a" torna-se obrigatório o emprego da crase, já que haverá a fusão entre a preposição "*a*" e o artigo "*a*" (ou a simples possibilidade de emprego desse artigo). Já a preposição "até" admitirá a crase somente se a idéia expressa apontar para movimento.

Exemplos:

1. A entrada será permitida mediante à entrega da passagem. [Inadequado]

   A entrada será permitida mediante a entrega da passagem. [Adequado]

2. Desde à assembléia os operários clamavam por greve. [Inadequado]

   Desde a assembléia os operários clamavam por greve. [Adequado]

3. Os médicos eram chamados a sala de cirurgia. [Inadequado]

   Os médicos eram chamados à sala de cirurgia. [Adequado]

   ...[termo regente: chamar a / "a" = preposição indicativa de movimento]

...[termo regido: (a) sala / "a" = artigo]

...[sala: palavra feminina]

4. Os escravos eram levados vagarosamente até a senzala.

   Os escravos eram levados vagarosamente até à senzala.

   ...[termo regente: levar a / "a" = preposição indicativa de movimento]

   ...[termo regido: (a) senzala / "a" = artigo]

   ...[senzala: palavra feminina]

Observe que não foi apontado no exemplo (4) o uso inadequado e adequado das ocorrências de crase. Isso se dá porque atualmente no Brasil o emprego da crase diante da preposição "*até*" é facultativo.

A crase e os artigos

A crase não deve ser empregada junto a artigos, exceto junto ao artigo "a".

Os artigos (*o*, *a*, *um*, *uma* e suas flexões) são palavras que determinam um nome; por isso serem chamados de determinantes. Eles podem ser apresentados na forma de *contração*, sendo a crase uma dessas formas. Isto é, a crase é a contração, numa única palavra, entre o artigo definido feminino "*a*" e a preposição "*a*".

Antecedendo um artigo indefinido (*um*, *uma*, *uns*, *umas*) a crase não é admitida, uma vez que a palavra seguinte à preposição, mesmo que feminina, já está acompanhada de um determinante.

Exemplos:

1. A homenagem está sendo entregue a a pesquisadora neste momento. [Inadequado]

   A homenagem está sendo entregue à pesquisadora neste momento. [Adequado]

2. Você pode se dirigir à uma sala ao teu lado esquerdo. [Inadequado]

   Você pode se dirigir a uma sala ao teu lado esquerdo. [Adequado]

Quando o termo "*uma*" é associada à palavra hora, ele funciona como um numeral e, nesse caso, deve-se empregar a crase.

Exemplos:

1. Os ingressos esgotaram-se a uma hora do espetáculo. [Inadequado]

   Os ingresso esgotaram-se à uma hora do espetáculo. [Adequado]

A crase e os verbos

A crase não deve ser empregada junto a verbos.

O fenômeno da crase existe quando há uma fusão (ou *contração*) entre a preposição "*a*" e o artigo definido feminino "*a*". Logo, se a palavra seguinte à preposição "*a*" for um verbo, o acento grave indicativo da crase não é admitido.

Os verbos são palavras que não admitem determinantes (artigo, por exemplo). Como a condição básica da existência da crase é a referência (mesmo que implícita) do artigo definido feminino, diante de verbos a crase se torna absurda.

Exemplos:

1. Aquilo dava à entender que realmente havia conflitos em família. [Inadequado]

   Aquilo dava a entender que realmente havia conflitos em família. [Adequado]

2. O prefeito se propôs à estudar melhor o assunto. [Inadequado]

O prefeito se propôs a estudar melhor o assunto. [Adequado]

A crase e os pronomes de tratamento

A crase não deve ser empregada junto a *pronomes de tratamento*, exceto em alguns casos, como "*senhora*(*s*)".

Nas orações em que aparece um *termo regido* pela preposição "*a*" acompanhado de pronomes de tratamento, o acento grave indicativo da crase não é admitido.

Exemplos:

1. Eu só empresto meu livro à você se for realmente necessário. [Inadequado]

   Eu só empresto meu livro a você se for realmente necessário. [Adequado]

   ...[termo regente: emprestar (o livro) a]

   ...[termo regido: você]

2. Essas homenagens são afetuosamente dedicadas à Vossa Excelência. [Inadequado]

   Essas homenagens são afetuosamente dedicadas a Vossa Excelência. [Adequado]

   ...[termo regente: dedicar a]

   ...[termo regido: Vossa Excelência]

Os pronomes de tratamento em geral não admitem determinantes (artigo, por exemplo). Dessa forma, não é apresentada na oração a contração entre artigo e preposição, mas tão somente a preposição. Porém, alguns pronomes de tratamento, admitindo o determinante, exigem o acento grave indicativo da crase quando o termo regente pede a preposição "a". São esses pronomes: *senhora*(*s*), *senhorita*(*s*), *dona*(*s*), *madame*(*s*)

Exemplos:

1. A correspondência é endereçada a madame. [Inadequado]

   A correspondência é endereçada à madame. [Adequado]

   ...[termo regente: endereçar a]

   ...[termo regido: (a) madame]

2. Alguém explicou a senhora o funcionamento do programa? [Inadequado]

   Alguém explicou à senhora o funcionamento do programa? [Adequado]

   ...[termo regente: explicar (o funcionamento...) a]

   ...[termo regido: (a) senhora]

A crase e os pronomes demonstrativos

A crase não deve ser empregada junto a alguns *pronomes demonstrativos*.

Os pronomes demonstrativos não admitem determinantes (artigo, por exemplo). Dessa forma, não é apresentada na oração a contração entre artigo e preposição, mas tão somente a preposição.

Exemplos:

1. Os estudos apontados levaram-nos à estas conclusões. [Inadequado]

   Os estudos apontados levaram-nos a estas conclusões. [Adequado]

2. Era exatamente à isso que a gente se referia. [Inadequado]

Era exatamente a isso que a gente se referia. [Adequado]

Outros demonstrativos (*aquele* – e suas flexões –, *mesmo*, *tal* e, *próprio*) admitem a crase quando o *termo regido* pela preposição "*a*" é uma palavra feminina determinada por esses pronomes.

Exemplos:

1. Voltei, então, aquela estalagem dos sonhos de abril! [Inadequado]

   Voltei, então, àquela estalagem dos sonhos de abril! [Adequado]

   ...[termo regente: voltar a]

   ...[termo regido: (a) estalagem]

   ...[estalagem: palavra feminina]

2. As glórias dos garimpeiros vinculavam-se a tal mobilização do governo. [Inadequado]

   As glórias dos garimpeiros vinculavam-se à tal mobilização do governo. [Adequado]

   ...[termo regente: vincular-se a]

   ...[termo regido: (a) mobilização]

   ...[mobilização: palavra feminina]

A crase e os pronomes indefinidos

A crase não deve ser empregada junto a alguns *pronomes indefinidos*.

Os pronomes indefinidos são aqueles que apresentam, de um modo vago, os seres em terceira pessoa. (ex.: *alguém* falou; *qualquer* lugar; *certas* questões...). Tais quais os artigos, os pronomes indefinidos funcionam como determinantes, ou seja, apresentam, mesmo que indeterminadamente, um nome. Desta forma, eles não admitem um artigo antecedendo a palavra a qual acompanham (ex.: *a alguém* falou; *um alguém* falou).

Nas orações em que aparece o *termo regido* pela preposição "a" introduzindo um termo determinado por pronome indefinido, o acento grave indicativo da crase é dispensado.

Exemplos:

1. Preocupado com as crianças, dirigia-se agora à toda escola que conhecia. [Inadequado]

   Preocupado com as crianças, dirigia-se agora a toda escola que conhecia. [Adequado]

   ...[termo regente: dirigir-se a]

   ...[toda: pronome indefinido]

2. Sempre perguntava à outra enfermeira sobre qual o leito que lhe pertencia... [Inadequado]

   Sempre perguntava a outra enfermeira sobre qual o leito que lhe pertencia. [Adequado]

   ...[termo regente: perguntar a]

   ...[outra: pronome indefinido]

A crase e os pronomes pessoais

A crase não deve ser empregada junto a pronomes pessoais.

Os pronomes pessoais são aqueles que apontam para as *pessoas do discurso* ou a elas se referem. Eles podem ser pessoais do caso reto (*eu*, *tu*, *ele* e etc.) ou pessoais do caso oblíquo (*me*, *te*, *o*, *lhe*, *mim*, *ti* e etc.). Como a crase é formada por uma preposição ("*a*") que indica movimento e não pessoas do discurso, o emprego do acento grave junto aos pronomes pessoais é dispensado.

Os pronomes oblíquos exercem a função sintática de objeto indireto; ou seja, estão ligados a uma preposição e formam com ela o complemento de um verbo transitivo indireto. Mesmo assim, sempre que a preposição "*a*" acompanhar um pronome pessoal oblíquo ou reto, não deve vir craseado.

Exemplos:

1. **Todos diziam à ela que os votos confirmariam a sua candidatura. [Inadequado]**

   Todos diziam a ela que os votos confirmariam a sua candidatura. [Adequado]

   ...[dizer (a): verbo transitivo direto E indireto]

   ...[a ela: objeto indireto]

2. **As flores, pesadas de orvalho, foram oferecidas à mim somente! [Inadequado]**

   As flores, pesadas de orvalho, foram oferecidas a mim somente! [Adequado]

   ...[oferecer (a): verbo transitivo direto E indireto]

   ...[a mim: objeto indireto]

A crase e a palavra *"terra"*

A crase não deve ser empregada junto à palavra "*terra*".

Diversas construções com a palavra "*terra*" demonstram duas significações distintas para o mesmo termo. Em (1) "*Apesar dos esforços, tudo caiu por terra*", temos a palavra "*terra*" indicando o sentido de terra firme, chão. Já em (2) "*Anos luz separam a lua da Terra*", a palavra "*terra*" aponta para o sentido de planeta do sistema solar.

Quando "*terra*" encerrar o sentido de (1), não é possível empregar o artigo definido feminino ("... tudo caiu *por a (pela)* terra"). Dessa forma, o emprego da crase não é admitido.

Ao contrário, quando "*terra*" indicar o sentido apontado em (2), o emprego do artigo definido feminino é permitido ("... separam a lua *de a (da)* terra"). Nesse caso, o emprego da crase é obrigatório.

Note, porém, que a crase só é utilizada se houver um *termo regente* da preposição "a". Assim, se a palavra "*terra*" anteceder a preposição "*a*" e carregar consigo o sentido de (2), a crase deve ser empregada.

Exemplos:

1. **Vários meteoritos desceram a terra depois de tantos anos de silêncio. [Inadequado]**

   Vários meteoritos desceram à terra depois de tantos anos de silêncio. [Adequado]

   ...[termo regente: descer a / "a" preposição]

   ...[terra: sentido de planeta do sistema solar]

2. **Lançaram à terra os grãos tão esperados da safra deste inverno. [Inadequado]**

   Lançaram a terra os grãos tão esperados da safra deste inverno. [Adequado]

   ...[termo regente: lançar a / "a" preposição]

   ...[terra: sentido de solo, chão]

Na língua escrita costuma-se anotar a palavra "*terra*", com sentido de planeta terrestre, com a inicial maiúscula. Assim, temos:

1. **Os astronautas voltam à Terra com novas conquistas científicas.**

A crase e a palavra *"casa"*

A palavra casa admite diversas acepções e, por causa disso, estabelecem-se regras específicas para o uso da crase.

Quando casa for empregada no sentido de *lar*, *residência*, não se usa a crase.

Exemplos:

1. Voltarei à casa quando a tiverem reformado. [Inadequado]

   Voltarei a casa quando a tiverem reformado. [Adequado]

Note que nos exemplos acima a palavra casa funciona como direção do movimento expresso pelos verbos "*ir*" e "*voltar*". Como os dois verbos exigem a preposição "*a*" (quem vai, vai a algum lugar, quem volta, volta a algum lugar), e como casa é uma palavra feminina, era de esperar que acontecesse a contração da preposição "*a*" (pedida pelo verbo) com o artigo "*a*" (exigido por "*casa*"), o que levaria à ocorrência da crase. No entanto, não é o que se observa. A palavra casa, na acepção de "*lar*", é entendida como um substantivo que não admite artigo, porque se pressupõe que já esteja definida. Por esse mesmo motivo, quando casa é sinônimo de "*lar*", não se diz "Eu volto para a casa" ou "Eu cheguei na casa", mas "Eu volto para casa" e "Eu cheguei em casa".

Vejamos um exemplo em que casa assume o sentido de *construção*, *edifício*, *prédio*, admitindo o emprego da crase.

1. Por favor, queiram se dirigir à casa ao lado!

É importante apontar, ainda, para a associação da palavra casa aos *adjuntos adnominais*. Quando a palavra casa for especificada de algum modo (adjunto adnominal), o emprego da crase é obrigatório, mesmo com o sentido de *lar* ou *residência.*

Exemplo:

1. A proposta é que voltemos à *casa* de Tiago.

   ...[casa: lar, residência]

   ...[de Tiago: adjunto adnominal]

A crase e a conjunção *"caso"*

O fenômeno da crase existe quando há uma fusão (ou *contração*) entre a preposição "*a*" e o artigo definido feminino "*a*".

A crase não deve ser aplicada ao "*a*" que segue qualquer conjunção. Apesar disso, freqüentemente se observa o emprego da crase depois da conjunção caso. Provavelmente, isso se dá por analogia a outros termos da língua, como as expressões *"devido à"*..., *"relativo à"* que admitem a crase.

Exemplos:

1. Muitos ingressos irão faltar, caso à estréia seja adiada. [Inadequado]

   Muitos ingressos irão faltar, caso a estréia seja adiada. [Adequado]

2. Caso às promessas sejam falsas, outras revoltas acontecerão. [Inadequado]

   Caso as promessas sejam falsas, outras revoltas acontecerão. [Adequado]

É interessante notar, porém, que em casos de inversão dos termos de uma oração que contenha a conjunção caso, pode-se verificar o "*à*" craseado após a conjunção. Mesmo nesse caso, não se trata de a conjunção caso reger a preposição "*a*", mas sim de inversão dos termos, em que um objeto indireto, por exemplo, é antecipado na oração.

Exemplo:

1. Caso as ordens eu não me refira, lembrem-me, por favor. [Inadequado]

   Caso às ordens eu não me refira, lembrem-me, por favor. [Adequado]

   ...[ordem linear: "Caso eu não me refira às ordens"]

   ...[*às ordens*: objeto indireto de "*referir-se*"]

A conjunção caso pode ser substituída pela conjunção "*se*", pois ambas têm valor condicional. Por essa operação de substituição é possível ter clara a função da palavra caso e, conseqüentemente, confirmar o emprego inadequado da crase junto a essa palavra.

A crase e os nomes próprios

A crase não deve ser empregada junto a ***nomes próprios***.

Os *nomes próprios* indicam um nome específico, em geral destinado a um ser em particular em oposição a um ser genérico – nome comum (ex: *cidade*: ser genérico = nome comum; *Campo Grande*: ser específico = nome próprio).

Os nomes próprios são empregados para designar, entre outros, pessoas (ex.: *Maria*), lugares (ex.: *Brasil*), instituições (*Senado*) e até nomes de santos (ex.: *São José*).

Quando houver um *termo regente* da preposição "*a*" antecedendo um nome próprio do tipo apontado acima o acento grave indicativo do fenômeno da crase não é admitido, exceto se houver alguma relação de proximidade como o mesmo.

O fato de não admitir o artigo como determinante é devido ao tipo de relação que se mantém com esses seres apontados através dos nomes próprios. O *artigo definido* estabelece uma relação de proximidade (ou intimidade) entre as *pessoas do discurso*. Dessa forma, entre um "tu" e "Maria", por exemplo, não há relação de intimidade se essa "Maria" for desconhecida daquele "tu", logo não empregamos o artigo definido ("*a* Maria veio aqui"), mas tão somente "Maria veio aqui".

Note, ainda, que a crase só deve ser empregada antes de palavras femininas. Desse modo, são os nomes próprios femininos que devem ser atentados quanto ao emprego do artigo feminino junto à preposição "*a*".

Exemplo:

1. Ele se referia à São Paulo quando falava daquela arquitetura. [Inadequado]

   Ele se referia a São Paulo quando falava daquela arquitetura. [Adequado]

   ...[termo regente: referir a / "a" preposição]

   ...[São Paulo: nome próprio]

Uma regra prática para se determinar o emprego correto da crase nesse caso é substituir o verbo utilizado na oração pelo verbo "voltar". Se o resultado da substituição for "voltar da" e não "voltar de", emprega-se a crase.

Exemplos:

1. Ele se referia a Espanha quando falava daquela arquitetura. [Inadequado]

   Ele se referia à Espanha quando falava daquela arquitetura. [Adequado]

   ...[voltar da Espanha e não de Espanha: emprego da crase]

2. As decisões eram destinadas à Presidência e não ao Congresso. [Inadequado]

   As decisões eram destinadas a Presidência e não ao Congresso. [Adequado]

   ...[termo regente: destinar a / "a" preposição]

   ...[Presidência: nome próprio feminino]

3. A carmelita rogava à Santa Bárbara um olhar mais sereno aos pobres. [Inadequado]

   A carmelita rogava a Santa Bárbara um olhar mais sereno aos pobres. [Adequado]

   ...[termo regente: rogar a / "a" preposição]

   ...[Santa Bárbara: nome próprio feminino]

A crase e as palavras masculinas

A crase não deve ser empregada junto a ***palavras masculinas***.

O fenômeno da crase existe quando há uma fusão (ou *contração*) entre a preposição "*a*" e o artigo definido feminino "*a*". Logo, se a palavra seguinte à preposição "*a*" for masculina, o acento grave indicativo da crase não é admitido.

Exemplos:

1. Os alunos seriam instruídos para escreverem à lápis. [Inadequado]

   Os alunos seriam instruídos para escreverem a lápis. [Adequado]

2. As bolas lançadas à gol foram rebatidas. [Inadequado]

   As bolas lançadas a gol foram rebatidas. [Adequado]

Note que no exemplo (1) estamos diante de uma *locução adverbial*, o que faz com que apenas o acento grave referente à crase seja dispensado. Já em (2) é obrigatória a representação da contração ***a + o*** (*ao*: ***a*** = preposição; ***o*** = artigo definido masculino).

Uma das regras práticas para se determinar o emprego adequado da crase em Língua Portuguesa é substituir a palavra feminina seguinte à preposição "*a*" por uma palavra masculina. Se o resultado for a ocorrência da contração "*ao*" o emprego da crase é confirmado.

Exemplo:

1. Todos os problemas se restringem à obtenção de verbos.

   Todos os problemas se restringem ao tipo de recurso disponível.

   ...[(a) obtenção: palavra feminina]

   ...[o tipo: palavra masculina]

É importante lembrar ainda que a crase deve ser empregada antes de palavra feminina mesmo se essa palavra for antecedida de numeral.

Exemplo:

1. Por enquanto a atleta se dedicava a primeira etapa do percurso. [Inadequado]

   Por enquanto a atleta se dedicava à primeira etapa do percurso. [Adequado]

   ...[termo regente: dedicar a]

   ...[primeira: numeral ordinal]

   ...[etapa: palavra feminina singular]

A crase e as palavras no plural

A crase no singular não deve ser empregada junto a ***palavras no plural***.

O fenômeno da crase existe quando há uma fusão (ou *contração*) entre a preposição "*a*" e o artigo definido feminino "*a*". Logo, se a palavra seguinte à preposição "*a*" for feminina, mas plural, o acento grave indicativo da crase é dispensado.

Outra opção de corretude da construção com a crase é apresentar a contração entre a preposição "*a*" e o artigo definido feminino plural "*as*" diante de palavras femininas no plural, resultando na forma "*às*".

Exemplos:

1. As mudanças propostas são pertinentes às caderneta de poupança. [Inadequado]

   As mudanças propostas são pertinentes a caderneta de poupança. [Adequado]

2. Na verdade, as histórias de bruxas pertenciam a fantasias infantis. [Inadequado]

Na verdade, as histórias de bruxas pertenciam às fantasias infantis. [Adequado]

Regência

- Regência Nominal
- Regência Verbal

Regência Nominal

Os substantivos, adjetivos e advérbios geralmente exigem que seus complementos venham precedidos por uma determinada preposição específica, prevista nos dicionários de regência. A utilização de outra preposição, não prevista, constitui erro de regência, e deve ser evitada.

À esquerda apresentamos alguns casos inadequados de regência nominal; à direita seguem as construções recomendadas:

"TV a cores"	"TV em cores"
"bacharel de direito"	"bacharel em direito"
"igual eu"	"igual a mim"
"alienado com"	"alienado de"
"curioso com"	"curioso de/por"

Regência verbal

- A regência e o verbo "assistir"
- A regência e o verbo "preferir"
- A regência e o verbo "visar"
- A regência e o verbo "aspirar"
- A regência e os verbos pronominais
- A regência e as orações subordinadas
- A regência e o uso de preposições
- A regência e o verbo "proceder"

A regência e o verbo *"assistir"*

O verbo "assistir" varia de significação conforme as relações que estabelece com as preposições. Trata-se da regência verbal, responsável, nesse caso, pela alteração de significado da expressão.

O verbo "assistir", dentre outras acepções, pode se apresentar como:

- verbo transitivo indireto: aponta para o sentido de *presenciar*, *ver*, *observar*; rege a preposição "*a*" e não admite a substituição do termo regido pelo pronome oblíquo "*lhe*", mas sim "*o*(*s*)" e "*a*(*s*)";
- verbo transitivo indireto: aponta para o sentido de *caber* (direito a alguém), *pertencer*; rege a preposição "*a*" e admite a substituição do termo regido pelo pronome oblíquo "*lhe*(*s*)";
- verbo transitivo direto: aponta para o sentido de *socorrer*, *prestar assistência* e não rege qualquer preposição.

A é determinante na construção correta de cada uma das expressões acima. Assim, quando o verbo "assistir" for empregado para indicar os sentidos apontados em (1) e (2), é obrigatória a presença da preposição regida.

Exemplos:

1. Os mais velhos insistiam em querer assistir o jogo em pé. [Inadequado]

   Os mais velhos insistiam em querer assistir ao jogo em pé. [Adequado]

   Os mais velhos insistiam em querer assisti-lo em pé. [Adequado]

   ...[termo regente: assistir a = ver, observar]

2. Assiste o médico o direito de solicitar as informações sobre seu cliente. [Inadequado]

Assiste ao médico o direito de solicitar as informações sobre seu cliente. [Adequado]

Assiste-lhe o direito de solicitar as informações sobre seu cliente. [Adequado]

...[termo regente: assistir a = caber, pertencer]

3. Tua equipe assistiu aos processos de forma brilhante e participativa. [Inadequado]

   Tua equipe assistiu os processos de forma brilhante e participativa. [Adequado]

   Tua equipe os assistiu de forma brilhante e participativa. [Adequado]

   ...[termo regente: assistir = prestar assistência, socorrer]

A regência e o verbo "preferir"

O verbo "preferir" é um *verbo transitivo direto e indireto*, portanto rege a preposição "*a*".

A regência verbal é determinante na construção correta de expressões formadas com o verbo "preferir". Embora na língua coloquial empregue-se o termo "*do que*" em lugar da preposição "*a*", quando há relação de comparação, a regência adequada da língua culta ainda exige a presença do "*a*" preposicional.

Exemplos:

1. Meus alunos preferem o brinquedo do que o livro. [Inadequado]

   Meus alunos preferem o brinquedo ao livro. [Adequado]

   ...[objeto direto: o brinquedo]

   ...[objeto indireto: ao livro]

2. O pequeno infante preferiu marchar do que esperar pelos ataques. [Inadequado]

   O pequeno infante preferiu marchar a esperar pelos ataques. [Adequado]

   ...[objeto direto: marchar]

   ...[objeto indireto: a esperar]

A razão do emprego inadequado do termo "*do que*" nesse tipo de construção se deve ao processo de assimilação de expressões comparativas do tipo:

1. Prefiro mais ler do que escrever!

A palavra "*mais*", nesse caso, caiu em desuso, porém o segundo termo da comparação ("*do que*") ainda permanece, gerando a confusão quanto à regência: o verbo preferir rege tão só a preposição "*a*" e não o termo "*do que*".

A regência e o verbo "visar"

O verbo "visar" varia de significação conforme as relações que estabelece com as preposições. Trata-se da regência verbal, responsável, nesse caso, pela alteração de significado da expressão.

O verbo "visar", dentre outras acepções, pode se apresentar como:

- verbo transitivo indireto: aponta para o sentido de *pretender*, *ter por objetivo*, *ter em vista*; rege a preposição "*a*" e não admite a substituição do termo regido pelo pronome oblíquo "*lhe*", mas sim "*o*(*s*)" e "*a*(*s*)";
- verbo transitivo direto: aponta para o sentido de *mirar*, *apontar* (arma de fogo) e não rege qualquer preposição.

A regência verbal é determinante na construção correta de cada uma das expressões acima. Assim, quando o verbo "visar" for empregado para indicar o sentido apontado em (1), é obrigatória a presença da preposição regida.

Exemplos:

1. Os estudantes visam uma melhor colocação profissional. [Inadequado]

   Os estudantes visam a uma melhor colocação profissional. [Adequado]

   Os estudantes visam-na. [Adequado]

   ...[termo regente: visar a = ter por objetivo]

2. Os combatentes visavam aos territórios ocupados recentemente. [Inadequado]

   Os combatentes visavam os territórios ocupados recentemente. [Adequado]

   Os combatentes visavam-nos. [Adequado]

   ...[termo regente: visar = mirar]

A regência e o verbo *"aspirar"*

O verbo "aspirar" varia de significação conforme as relações que estabelece com as preposições. Trata-se da regência verbal, responsável, nesse caso, pela alteração de significado da expressão.

O verbo "aspirar", dentre outras acepções, pode se apresentar como:

- verbo transitivo indireto: aponta para o sentido de *almejar*, *desejar*; rege a preposição "*a*" e não admite a substituição do termo regido pelo pronome oblíquo "*lhe*", mas sim "*o*(*s*)" e "*a*(*s*)";
- verbo transitivo direto: aponta para o sentido de *respirar, cheirar, inalar* e não rege qualquer preposição.

A regência verbal é determinante na construção correta de cada uma das expressões acima. Assim, quando o verbo "aspirar" for empregado para indicar o sentido apontado em (1) é obrigatória a presença da preposição regida.

Exemplos:

1. Os quase mil candidatos aspiravam a única vaga disponível. [Inadequado]

   Os quase mil candidatos aspiravam à única vaga disponível. [Adequado]

   Os quase mil candidatos aspiravam-na. [Adequado]

   ...[termo regente: aspirar a = desejar]

2. E eu era obrigado a aspirar ao mau cheiro dos canaviais... [Inadequado]

   E eu era obrigado a aspirar o mau cheiro dos canaviais... [Adequado]

   E eu era obrigado a aspirá-lo. [Adequado]

   ...[termo regente: aspirar = inalar]

A regência e os verbos pronominais

Os *verbos pronominais* são termos que, em geral, regem complementos preposicionados.

São considerados verbos pronominais aqueles que se apresentam sempre com um pronome oblíquo átono como parte integrante do verbo (ex.: *queixar-se*, *suicidar-se*). Alguns verbos pronominais, porém, podem requerer um complemento preposicionado. É o caso, por exemplo, do verbo "*queixar-se*" (queixar-se *de*) e não do verbo "*suicidar-se*".

Quando os verbos pronominais exigirem complemento, esse deve sempre vir acompanhado de preposição.

Exemplos:

1. Naquele momento os fiéis arrependeram-se os seus pecados. [Inadequado]

   Naquele momento os fiéis arrependeram-se dos seus pecados. [Adequado]

...[dos: de + os = dos / de = preposição]

...[dos seus pecados: objeto indireto]

2. Os biólogos do zoológico local dedicam-se as experiências genéticas. [Inadequado]

   Os biólogos do zoológico local dedicam-se às experiências genéticas. [Adequado]

   ...[às: a (preposição) + as (artigo) = às]

   ...[às experiências genéticas: objeto indireto]

Note que, no exemplo (2), o verbo "dedicar-se" não é essencialmente pronominal, mas sim acidentalmente pronominal. Isto é, esse verbo pode se apresentar sem o pronome oblíquo e, nesse caso, deixa de ser pronominal (ex.: *Ele dedicou sua vida ao pobres*). Casos como esse, porém, demonstram que, em princípio, qualquer verbo pode se tornar pronominal e, portanto, possuir um complemento preposicionado.

A regência e as orações subordinadas

Um período composto é aquele que apresenta uma *oração principal* e uma ou mais orações dependentes desta principal. As orações subordinadas são dependentes e, em geral, ligam-se à oração principal por meio de conectivos (pronomes, conjunções e etc.).

As *orações subordinadas adjetivas* e as *orações subordinadas adverbiais*, quando introduzidas por um *pronome relativo* (*que*, *qual*, *quem* e etc.), devem conservar a regência dos seus verbos.

Exemplo:

1. A vaga para o emprego o qual/que eu lhe falei continua aberta. [Inadequado]

   A vaga para o emprego do qual/de que eu lhe falei continua aberta. [Adequado]

   ...[A vaga para o emprego continua aberta: oração principal]

   ...[do qual eu lhe falei: oração subordinada]

   ...[falei de emprego a você = de que/do qual OU falei sobre o emprego a você = sobre o qual]

Notem que a preposição regida pelo verbo da oração subordinada vem antes do pronome relativo. Deve-se compreender, no entanto, que essa regência verbal é relativa ao verbo da oração subordinada (*falei de/ falei sobre*) e não ao verbo da oração principal (continua). Vejamos outro exemplo:

1. A pessoa que me casei é muito especial. [Inadequado]

   A pessoa com quem me casei é muito especial. [Adequado]

   ...[A pessoa é muito especial: oração principal]

   ...[com quem me casei: oração subordinada]

   ...[casei-me com a pessoa = com quem]

A regência e o uso de preposições

Na construção de uma unidade significativa, algumas palavras exigem o acompanhamento de outros elementos da língua. Essa relação de dependência com vistas à formação de um significado é chamada *regência*.

A regência pode ser direta, quando a relação de dependência é *imediata*, ou indireta, quando ela é *intermediada* por outros elementos da língua, como as preposições. A regência do substantivo sobre o adjetivo (como em "*a menina bonita*"), ou do *verbo transitivo direto* sobre seu complemento (ex.: "*Maria ama Pedro*") se dá de forma direta, enquanto a regência do substantivo sobre outro substantivo (como em "*a filha de Maria*") ou de um verbo transitivo indireto sobre seu complemento (ex.: "*Maria gosta de Pedro*") se faz necessariamente por meio de uma preposição.

Nos casos de regência indireta, é preciso observar que nem todas as preposições podem desempenhar o papel de ligar o regente ao regido. Além disso, o uso de uma ou outra preposição pode provocar alterações de significado bastante consideráveis (ex.: "*ir para casa*", "*ir de casa*", "*ir na casa*", etc.). Por isso, é preciso estar atento para o conjunto de preposições exigidas pelo regente, e para as implicações do seu uso.

A seguir alguns verbos da língua portuguesa que envolvem problemas freqüentes quanto à regência:

CONSTRUÇÃO INADEQUADA	CONSTRUÇÃO ADEQUADA
estar de (greve)	estar em (greve)
namorar com	namorar
arrasar com	arrasar
repetir de (ano)	repetir o (ano)

Exemplos:

1. Suzana continuava a dizer que <u>namorava</u> com Mário. [Inadequado]

   Suzana continuava a dizer que <u>namorava</u> Mário. [Adequado]

2. Meus pais não suportariam se eu <u>repetisse</u> de ano! [Inadequado]

   Meus pais não suportariam se eu <u>repetisse</u> o ano! [Adequado]

A regência e o verbo "proceder"

O verbo "proceder" é um verbo transitivo indireto, e rege a preposição "a".

Freqüentemente se observa na linguagem coloquial o emprego do verbo proceder sem a preposição. Essa é uma licença da língua falada que, por assimilar o sentido do verbo proceder ao sentido de outros verbos sinônimos como *realizar*, *efetuar*, etc., transfere para proceder a transitividade direta, ou seja, o não uso de preposição. No entanto, isso não deve ser aplicado na linguagem culta, que exige a presença da preposição "*a*" (ou a sua contração) junto ao verbo.

Exemplos:

1. Os apuradores <u>procederam</u> a contagem dos votos das escolas de samba. [Inadequado]

   Os apuradores <u>procederam</u> à contagem dos votos das escolas de samba. [Adequado]

   ...[objeto indireto: *à contagem*]

   ...[à: contração = a (artigo) + a (preposição) = crase]

2. O interrogatório que se <u>procedeu</u> foi decisivo. [Inadequado]

   O interrogatório a que se <u>procedeu</u> foi decisivo. [Adequado]

   ...[*a que se procedeu*: oração subordinada adjetiva]

No exemplo (2) temos a preposição regida pelo verbo proceder iniciando uma oração adjetiva, ou seja, uma oração que se relaciona a um termo da oração principal, indicando-lhe uma nova informação. Para ficar clara a regência do verbo, vamos inverter a ordem das orações:

1. "Procedeu-se ao interrogatório que foi decisivo."

   ...[*ao interrogatório*: objeto indireto]

   ...[*ao*: contração = a (preposição) + o (artigo)]

O verbo proceder também pode ser empregado na sua concepção de verbo intransitivo. Nesse caso ele tem sentido de *comportar-se*, *agir*. Como um verbo intransitivo, não há complemento ligado ao verbo, portanto, não há também o uso de preposição.

Exemplos:

1. De que maneira os turistas procederam?

2. Espantei-me com aquela mulher que procedeu com firmeza diante da acusação.

   ...[*procedeu*: verbo intransitivo = não exige complemento]

...[*com firmeza*: adjunto adverbial de modo]

...[*diante da acusação*: adjunto adverbial de tempo]

As funções do "se"

"se" (índice de indeterminação do sujeito) e a concordância

"se" (partícula apassivadora) e a concordância

"se" (partícula apassivadora) e o sujeito oracional

O "se" em início de sentença

"se" (índice de indeterminação do sujeito) e a concordância

A palavra "se", quando empregada junto a *verbos intransitivos ou transitivos indiretos*, não exerce qualquer função sintática na oração. A sua forma está sendo empregada tão somente para marcar um *sujeito indeterminado*.

Exemplos:

1. Morre-se de fome.

   ...[*morrer*: verbo intransitivo]

   ...[*se*: índice de indeterminação do sujeito = alguém morre]

2. Acreditava-se nas palavras do messias.

   ...[*acreditar*: verbo transitivo indireto]

   ...[*se*: índice de indeterminação do sujeito = alguém acreditava]

Nas orações em que aparece o índice de indeterminação do sujeito a concordância verbal é fixa: verbo na terceira pessoa do singular. Dessa forma, tem-se marcado o fato de não se poder identificar um sujeito exato.

1. Precisam-se de balconistas. [Inadequado]

   Precisa-se de balconistas. [Adequado]

2. Gritavam-se de dor! [Inadequado]

   Gritava-se de dor! [Adequado]

"se" (partícula apassivadora) e a concordância

A palavra "se", quando empregada junto a *verbo transitivo direto ou verbo transitivo direto e indireto*, não exerce qualquer função sintática na oração. A sua forma está sendo empregada tão somente para marcar uma *voz verbal*.

As vozes verbais são: voz ativa, voz passiva e voz reflexiva. A *voz passiva*, por sua vez, pode se apresentar ou na forma analítica (com verbo ser) ou na forma sintética (com a partícula apassivadora "se").

Exemplos:

1. Eles afiam alicates aqui. [voz ativa]

   ...[sujeito da oração: eles]

2. Alicates são afiados aqui. [voz passiva analítica]

   ...[sujeito da oração: alicates]

3. Afiam-se alicates aqui. [voz passiva sintética]

...[sujeito da oração: alicates]

Nas orações em que aparece a partícula apassivadora do verbo, o sujeito da oração está em posição posterior ao verbo. Mesmo assim, é obrigatória a concordância verbal (número e pessoa) entre o sujeito da oração e o verbo ao qual se liga.

Exemplos:

1. Embora seja inútil, pede-se as informações aos fabricantes. [Inadequado]

   Embora seja inútil, pedem-se as informações aos fabricantes. [Adequado]

2. Calculam-se o peso nessa máquina! [Inadequado]

   Calcula-se o peso nessa máquina! [Adequado]

3. Vende-se casas! [Inadequado]

   Vendem-se casas! [Adequado]

Uma regra prática para se identificar a palavra se como partícula apassivadora do verbo e, então, promover a concordância verbal adequada, é transformar a oração na voz passiva sintética em oração na voz passiva analítica.

Exemplos:

1. Embora seja inútil, pede-se as informações aos fabricantes. [voz passiva sintética]
2. Embora seja inútil, as informações são pedidas aos fabricantes. [voz passiva analítica]

"se" (partícula apassivadora) e o sujeito oracional

As *orações subordinadas* subjetivas exercem a função de sujeito do período. Trata-se de um sujeito formado por uma oração, portanto, sujeito oracional. As orações subjetivas podem ser introduzidas por algum conectivo (em geral uma conjunção, como "que", "se" e etc.) ou por um verbo no infinitivo.

Exemplos:

1. É importante que saibamos o valor da moeda comercial.

   ...[sujeito oracional: *que saibamos o valor da moeda comercial*]

   ...[conectivo: *que*]

2. Sabe-se que o valor da moeda comercial caiu.

   ...[sujeito oracional: *que o valor da moeda comercial caiu*]

   ...[conectivo: *que*]

As orações com sujeito oracional (oração subjetiva) podem se apresentar na *voz passiva sintética*. Ou seja, junto ao verbo emprega-se a palavra "se" (partícula apassivadora do verbo), como apontamos no exemplo (2).

Quando as orações subjetivas na voz passiva sintética são introduzidas por algum conectivo ou um verbo no infinitivo, o verbo da oração principal deve ser empregado sempre na terceira pessoa do singular.

Exemplos:

1. Costumam-se informar com antecedência os resultados. [Inadequado]

   Costuma-se informar com antecedência os resultados. [Adequado]

2. Cogitaram-se se os animais tentaram o ataque em sua própria defesa. [Inadequado]

   Cogitou-se se os animais tentaram o ataque em sua própria defesa. [Adequado]

3. Consideram-se que esses são os valores definitivos. [Inadequado]

Considera-se que esses são os valores definitivos. [Adequado]

O "se" em início de sentença

A palavra "se" desempenha diversas funções na língua portuguesa: partícula apassivadora, índice de indeterminação do sujeito, pronome, conjunção, palavra integrante, termo expletivo, etc.

Dentre essas várias funções do "se", a de *conjunção* é a única que permite o seu emprego em início de sentença. Enquanto conjunção, o "se" indica a idéia de *condição*, *possibilidade*; por isso, é uma *conjunção condicional*. É possível, portanto, iniciar uma sentença com uma oração condicional, ou seja, impondo-se uma condição para que um fato ocorra.

Por conseqüência dessas observações acima, é inaceitável o emprego da palavra "se" como pronome, por exemplo, em início de sentença. O pronome "se" é um pronome pessoal *reflexivo* ou *recíproco*. Dentre os *pronomes pessoais*, os únicos permitidos para figurarem em início de sentença são os pronomes pessoais do caso reto (*eu*, *tu*, *ele* e etc.). Os demais pronomes pessoais (os oblíquos: *me*, *te*, *o*, *a* e etc. e os reflexivos e recíprocos: *nos*, *se* e etc.), ocupam posição interna na sentença.

Exemplos:

1. Se ofendiam e se amavam compulsivamente. [Inadequado]

   Ofendiam-se e amavam-se compulsivamente. [Adequado]

2. Se aproximaram um do outro fingindo ignorarem-se. [Inadequado]

   Aproximaram-se um do outro fingindo ignorarem-se. [Adequado]

Como *partícula apassivadora,* o "se" mantém-se junto ao verbo, da mesma forma que o pronome. Sua ligação com o verbo é demonstrada pelo uso do hífen, que não permite que o "se" fique solto na sentença. É inadequado, portanto, o emprego do "se" - partícula apassivadora - em início de sentença.

Exemplos:

1. Se ouvem passos no corredor, aterrorizando a madrugada. [Inadequado]

   Ouvem-se passos no corredor, aterrorizando a madrugada. [Adequado]

2. Se calcula imposto de renda aqui. [Inadequado]

   Calcula-se imposto de renda aqui. [Adequado]

É interessante exemplificar, ainda, o emprego inadequado do "se" quando este exerce a função de *partícula integrante de verbos*. Nessa situação, o "se" é representado porque faz parte dos chamados *verbos pronominais* (ex.: *suicidar-se*, *arrepender-se*). Nesse caso, o "se" também é inaceitável em início de sentença, devendo se apresentar posterior ao verbo quando este verbo estiver em posição inicial.

Exemplos:

1. Se informe sobre as inscrições na secretaria da escola. [Inadequado]

   Informe-se sobre as inscrições na secretaria da escola. [Adequado]

2. Se comprometeu com a organização do baile, mas cometera um erro. [Inadequado]

   Comprometeu-se com a organização do baile, mas cometera um erro. [Adequado]

A seguir, algumas sentenças em que o "se" funciona como uma conjunção condicional e, por isso, pode se apresentar no início de sentenças:

Exemplos:

1. Se todos concordarem, faremos um novo sorteio.
2. Se você chegasse mais cedo, poderia assistir nosso show de mágica.
3. Se ele contar nosso segredo, jamais o perdoaremos.

Acentuação gráfica

Os acentos gráficos e os sinais diacríticos são utilizados para indicar, na escrita, a pronúncia correta de uma palavra. Em português, devem vir sobrepostos às vogais.

Para a colocação dos acentos gráficos, temos várias regras. Vejamos:

Palavras Oxítonas

São as palavras nas quais a sílaba tônica é a última.

Devemos acentuar graficamente as palavras oxítonas terminadas em: a(s), e(s), o(s), em, ens.

Exemplos: tupã, café, propôs, alguém, parabéns.

Incluem-se nesta regra também as formas verbais seguidas dos pronomes lo(s) e la(s)

Exemplo: entregá-lo, fá-lo-á, pô-lo.

Não são acentuadas graficamente as palavras oxítonas terminadas em i(s) e u(s): parti-lo (e não partí-lo), saci (e não sací), Bauru (e não Baurú).

Palavras Paroxítonas

São as palavras nas quais a sílaba tônica é a penúltima.

Devemos acentuar graficamente as palavras paroxítonas terminadas em: l, i(s), n, us, um, uns, r, x, ã(s), ão(s), ps e ditongo oral seguido ou não de s.

Exemplo: fácil, júri, pólen, bônus, álbum, flúor, ímã, órfão, fórceps, intoleráveis.

Não são acentuadas graficamente as palavras paroxítonas terminadas em ns: hífen, mas hifens; pólen, mas polens.

Palavras Proparoxítonas

São as palavras nas quais a sílaba tônica é a antepenúltima.

Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas.

Exemplo: óculos, psicológica.

Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos tônicos abertos éi, éu e ói, seguidos ou não de s

Exemplo: papéis, céu, esferóides

Hiatos

Acentuam-se o i e o u, quando segunda vogal tônica dos hiatos, se formarem sílabas sozinhos ou acompanhados de s, e não vierem seguidos de nh na sílaba seguinte.

Exemplo: juízes, baú, egoísta, balaústre

Coloca-se acento circunflexo na primeira vogal tônica dos hiatos ôo e êe.

Exemplo: vôo, lêem

Monossílabos

Acentuam-se graficamente os monossílabos tônicos terminados em a(s), e(s), o(s).

Exemplo: pá, pé, pó

Acento Diferencial

Em algumas palavras utiliza-se o acento gráfico para diferenciar formas homógrafas:

Exemplos:

1. **pára (verbo) – para (preposição)**
2. **pêlo (cabelo) – pelo (por +o) – pélo (verbo pelar)**
3. **têm (verbo no plural) – tem (verbo no singular)**
4. **pôde (verbo pretérito – som fechado) – pode (verbo presente – som aberto)**
5. **pôr (verbo) – por (preposição)**
6. **vêm (verbo no plural) – vem (verbo no singular)**

Grupos gu e qu

Acentua-se, com acento agudo, o u tônico dos grupos gu e qu, sempre que seguido de e ou i.

Exemplo: argúi, averigúe.

Emprega-se o trema no u átono pronunciado dos grupos gu e qu, sempre que seguido de e ou i.

Exemplo: agüentar, argüição, eloqüente, tranqüilo.

Acento Grave

Utiliza-se o acento grave, indicativo da crase, para assinalar a contração da preposição a com o artigo a e com os pronomes demonstrativos aquele(s), aquela(s) e aquilo.

Exemplo: à, às, àquele(s), àquela(s), àquilo.

Uso de Siglas e Abreviaturas

As abreviaturas são formas convencionais que respeitam regras rígidas de formação, não podendo ser confundidas com a abreviação, que é somente a redução de uma palavra.

Exemplos:

- **s. (substantivo) - abreviatura**
- **foto (fotografia) - abreviação**

É importante, portanto, conhecer outras particularidades das siglas e abreviaturas:

- **Uso de Abreviaturas**
- **Uso de Siglas**

Uso de Abreviaturas

Nos textos escritos, em especial formais, evite ao máximo o uso de abreviaturas. Prefira escrever as palavras por extenso.

Lembre-se de que os acentos existentes nas palavras originais são mantidos nas abreviaturas.

Nem todos os substantivos masculinos aceitam o "o" sobrescrito em seu processo de abreviatura.

O "o" sobrescrito deve ser utilizado:

apenas para a redução dos numerais ordinais ("1°")

opcionalmente, em alguns substantivos masculinos terminados em "o", como: "eng°" (engenheiro) ou "Col°" (colégio).

Substantivos masculinos terminados em consoante (professor, por exemplo) devem ser reduzidos sem referência ao gênero ("prof.").

O "a" sobrescrito, por sua vez, deve ser obrigatoriamente utilizado sempre que indicar gênero feminino, como em: "2ª" ou "prof.ª" (professora).

Uso de Abreviaturas de Logradouros, Títulos Honoríficos e Nomes Próprios:

Recomenda-se que as abreviaturas de títulos honoríficos, profissões, cargos e logradouros como:

"Dr.", "Dra.", "Sr.", "Sra.", "D.", "prof.", "eng.", "gen.", "cap.", "R.", "Av.", "Pç.", "Lgo." e "Trav."

sejam utilizadas, somente se necessário, diante dos substantivos próprios por elas modificados. Em outros casos, é indicada a escrita da palavra por extenso.

Exemplos:

1. A Dra. nos recomendou um bom remédio. [Inadequado]

   A Dra. Henriqueta nos deu uma ótima notícia. [Adequado]

2. O gen. viajou ontem. [Inadequado]

   A Pç. Coronel Sales foi destruida. [Adequado]

Uso de Abreviaturas de Tempo:

A maior parte das gramáticas do português recomenda que a abreviatura de horários seja feita por referência explícita à unidade de tempo ("h" e "min").

A forma HH:MM, consagrada pelo uso, é considerada *anglicismo*, por isso deve ser evitada.

A indicação das horas deve ser feita por meio da abreviatura invariável "h" (15 h), e a unidade dos minutos pode ser omitida (14h48) ou expressa pelas abreviaturas, também invariáveis, "m" (14h48m) ou "min" (14h48min).

A unidade das horas, sempre que não houver referência aos minutos, deve vir separada do algarismo que a precede por um espaço em branco. Caso contrário, as unidades devem vir imediatamente após os algarismos.

Exemplo:

1. São 2h, estou atrasada. [Inadequado]

   São 2 h, vamos! [Adequado]

2. Faltam 5hs34m para o início da prova. [Inadequado]

   Faltam 5h34min para o fim da viagem. [Adequado]

Uso de Abreviatura de Unidade de Medida:

As abreviaturas das unidades de volume são:

"l" (litro), "ml" (mililitro), "cl" (centilitro) e "dl" (decilitro).

As abreviaturas das unidades de massa são:

"g" (grama), "mg" (miligrama), "kg" (quilograma) e "dg" (decigrama).

Exemplo:

1. Comprou 3kgs de carne no mercado ontem. [Inadequado]

   Comprou 3 kg de carne no mercado ontem. [Adequado]

2. Um galão americano tem 3,785 ls. [Inadequado]

   Um galão americano tem 3,785 l. [Adequado]

Estas abreviaturas também são invariáveis, devem ser escritas com letras minúsculas e devem vir separadas do algarismo que as precede por um espaço em branco.

Uso de Abreviatura de Distância:

As abreviaturas das unidades de distância são invariáveis e, são escritas da seguinte forma:

"m" (metro), "cm" (centímetro), "mm" (milímetro) e "km" (quilômetro).

Exemplo:

1. O carro rodou 243kms em apenas uma hora. [Inadequado]

   O carro rodou 243 km em apenas uma hora. [Adequado]

Uso de Abreviatura de nomes de santos:

A abreviatura recomendada para Santo e Santa é "S.", e não "Sto." ou "Sta.".

Exemplos:

1. Sou muito devota de Sta. Luzia. [Inadequado]

   Sou muito devota de S. Luzia. [Adequado]

2. Sto. Antônio é considerado casamenteiro. [Inadequado]

   S. Antônio é considerado casamenteiro. [Adequado]

Uso de Siglas

As siglas são reduções de locuções compostas por substantivos próprios. São consideradas um tipo especial de *abreviatura*.

As siglas podem ser formadas:

- pelas letras iniciais maiúsculas das palavras que formam o nome como:

  FGTS = Fundo de Garantia de Tempo de Serviço.

  ONU = Organização das Nações Unidas

- pelas sílabas iniciais de cada uma das palavras que formam o nome, como:

  EMBRATEL = EMpresa BRAsileira de TELecomunicações.

Quando possuírem mais de quatro letras e forem pronunciáveis, as siglas devem trazer apenas a inicial em letra maiúscula; nos demais casos, todas as letras devem ser grafadas com caracteres maiúsculos:

Exemplos:

1. **Unicamp = Universidade de Campinas**
2. **Senac = Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial**
3. **CNBB = Conselho Nacional dos Bispos do Brasil**

As abreviaturas ("Av.", por exemplo), mas não as siglas ("FMI", por exemplo), devem ser seguidas de ponto final. Unidades de medida ("km", "MHz",etc.), elementos químicos ("K" (potássio),etc.) e pontos cardeais e colaterais ("E" (Leste), "NE" (Nordeste), etc.) também dispensam o uso do ponto final.

Exemplo:

1. **Eu moro na Av São Carlos [Inadequado]**

   Eu moro na Av. São Carlos. [Adequado]

Vírgula

Dá-se o nome de vírgula ao sinal que, na língua escrita, representa uma pausa bastante breve. Além disso, a vírgula funciona como um organizador textual, ou seja, um elemento que auxilia na coesão do texto.

Na língua falada há diversas formas de imprimir ritmos e melodias, dentre as quais se destaca a entonação. Ela é responsável ora pela ênfase que se emprega a determinado segmento da fala ora pela pausa entre um e outro desses segmentos. Já a língua escrita vale-se de alguns sinais para reproduzir, no papel, esses efeitos próprios da língua falada.

Há pausas longas e breves na língua (ponto final e vírgula, por exemplo). Essas pausas são empregadas para separar um e outro elementos da oração e até mesmo uma e outra oração no período. Assim separados, tem-se o efeito de um elemento novo sendo introduzido na oração (caso do vocativo e aposto) ou o efeito de destaque de um termo dentro da oração (por exemplo, o deslocamento dos adjuntos adverbias para o início da oração).

O emprego adequado da vírgula é importante para a compreensão do enunciado, bem como para identificar os elementos isolados ou não no período. É aconselhável, portanto, conhecer algumas particularidades sobre a vírgula:

- **Palavras e expressões entre vírgulas**
- **A vírgula e as conjunções**
- **A vírgula e as palavras partitivas**
- **A vírgula, o sujeito e o verbo**
- **A vírgula, o determinante e a palavra determinada**

Palavras e expressões entre vírgulas

Dentre os empregos da vírgula destacam-se os casos em que certas palavras ou expressões indicam, por si só, uma idéia completa e distinta dos outros termos da oração da qual participam. Para isolar essas palavras ou expressões utilizamos o recurso da vírgula, obrigatória nesse caso.

Uma das funções da vírgula é marcar, na língua escrita, a separação de termos da oração, imprimindo uma pausa no período. A vírgula, então, é aplicada uma única vez antes ou depois de alguma palavra ou expressão.

Algumas palavras ou *locuções*, por expressarem sozinhas um sentido que independe dos outros elementos da oração, devem ser apresentadas entre vírgulas. Em geral, essas palavras ou locuções encerram em si mesmas uma pausa. As duas vírgulas, então, reforçam não só a pausa, mas também o destaque de uma unidade significativa dentro da oração.

Essas palavras ou locuções expressam diversos sentidos, podendo ser compreendidas da seguinte maneira:

1. explicativas: quando retomam o que foi dito anteriormente, apresentando-o de outra maneira.

isto é	ou seja	a saber	por exemplo
por outra	por assim dizer	na verdade	

Exemplos:

1. **Quem quer faz quem não quer manda ou seja eu mesma vou conferir o estoque. (Inadequado)**

Quem quer faz quem não quer manda, ou seja, eu mesma vou conferir o estoque. (Adequado)

2. continuativas: quando provocam a continuação do enunciado, acrescentando-lhe nova informação.

além disso	aliás
demais	então

Exemplos:

1. O dinheiro dos empréstimos começava a aparecer aliás tarde demais. (Inadequado)

   O dinheiro dos empréstimos começava a aparecer, aliás, tarde demais. (Adequado)

3. *corretivas*: quando se prestam a alterar o que havia sido dito anteriormente.

ou melhor	ou antes
digo	minto

Exemplos:

1. Os chocolates estão chegando digo o dia da Páscoa está próximo. (Inadequado)

   Os chocolates estão chegando, digo, o dia da Páscoa está próximo. (Adequado)

4. *conclusivas*: quando apresentam a finalização [conclusão] de uma idéia.

então	a meu ver	com efeito
outrossim	portanto	enfim

Exemplos:

1. Essa questão a meu ver está encerrada. (Inadequado)

   Essa questão, a meu ver, está encerrada. (Adequado)

A vírgula e as conjunções

Dentre os empregos da vírgula destacam-se os casos em que ela é utilizada para separar orações de um período.

Poucos são os tipos de orações que, dentro de um período, unem-se a outras sem uma pausa. A vírgula, além de indicar essa pausa breve, presta-se a marcar, na língua escrita, a separação de segmentos de um período.

Alguns tipos de orações são introduzidos por conjunções que exigem a vírgula. Nesse caso, a vírgula é colocada antes da conjunção. Assim, a vírgula indica a separação, e a conjunção, a união de dois segmentos do período (as orações).

A seguir, as conjunções que devem ser antecedidas pela vírgula:

1. adversativas

mas	porém	todavia	
contudo	no entanto	entretanto	... etc

Exemplo:

1. A conversa estava agradável mas já demorava demais. [Inadequado]

   A conversa estava agradável, mas já demorava demais. [Adequado]

2. conclusivas

logo	portanto	
pois	por conseguinte	... etc

Exemplo:

1. Eu estudei matemática <u>logo</u> posso lhe ajudar a entender os números. [Inadequado]

   Eu estudei matemática, <u>logo</u> posso lhe ajudar a entender os números. [Adequado]

Com exceção da conjunção "mas", as demais conjunções, tanto adversativas como conclusivas, podem aparecer no interior da oração da qual participam. Nesse caso, as conjunções devem vir entre vírgulas.

Exemplo:

1. Queremos ver o mar. Não será, <u>porém</u> nesta viagem. [Inadequado]

   Queremos ver o mar. Não será, <u>porém</u>, nesta viagem. [Adequado].

Há, ainda, duas particularidades relativas às conjunções "mas" e "pois":

- *mas*: essa conjunção sempre encabeça a oração da qual participa (*oração coordenada sindética adversativa*). Dessa forma, ela exclui a possibilidade de se apresentar entre vírgulas.
- *pois*: essa conjunção pode ser causal ou conclusiva. Quando ela tiver valor *conclusivo* sempre aparecerá entre vírgulas, já que nunca encabeça a oração da qual participa .

Exemplos:

1. Não veremos os animais e as árvores do parque, <u>pois</u> foram sacrificados.

   ...[conjunção causal]

2. Os animais e as árvores do parque foram, <u>pois</u>, sacrificados.

   ...[conjunção conclusiva]

A vírgula e as palavras denotativas de realce

Uma das funções da vírgula é isolar determinados termos da oração, imprimindo uma pausa no período. A vírgula, então, é aplicada duplamente: antes e depois do termo que quer se destacar.

Algumas palavras da língua portuguesa são utilizadas para designar algumas idéias. Não se trata propriamente de um advérbio, embora em diversas situações cumpram o papel desempenhado por ele: um modificador. Assim chamadas de palavras denotativas, elas podem expressar ênfase: palavras denotativas de realce.

As palavras denotativas de realce, já que isolam um termo dentro da oração, devem se apresentar entre vírgulas.

Exemplos:

1. As crianças principalmente devem ser vacinadas com urgência. [Inadequado]

   As crianças, principalmente, devem ser vacinadas com urgência. [Adequado]

2. Os peixes e mariscos <u>especialmente</u> compunham seu cardápio tradicional. [Inadequado]

   Os peixes e mariscos, <u>especialmente</u>, compunham seu cardápio tradicional. [Adequado]

Algumas palavras denotativas, além de indicarem realce, também apontam para a idéia de partição. Elas indicam que, dentro de um conjunto de seres, alguns foram selecionados e é sobre esses que, em geral, recai a ênfase do enunciado. A vírgula, da mesma forma, deve ser empregada duplamente junto a essas palavras.

Exemplo:

1. Aquelas festas eram <u>sobretudo</u> o reencontro anual da família. [Inadequado]

Aquelas festas eram, sobretudo, o reencontro anual da família. [Adequado]

São outros exemplos de palavras denotativas de realce:

- maiormente
- mormente

A vírgula, o sujeito e o verbo

A vírgula representa uma breve pausa na língua escrita. Além disso, ela também é comumente utilizada para separar termos da oração ou orações de um período.

Há, porém, elementos da oração que estabelecem uma ligação direta entre si. É o caso do sujeito e o verbo. Entre esses dois elementos, a vírgula não deve ser empregada.

Exemplos:

1. Os pandeiros, repicavam ao sabor do carnaval. [Inadequado]

   Os pandeiros repicavam ao sabor do carnaval. [Adequado].

O fato de não se aplicar a vírgula entre o sujeito e o verbo não implica a impossibilidade de esses dois elementos manterem-se distantes. Vários elementos podem interpor-se entre o sujeito e o verbo, inclusive uma oração inteira (oração adjetiva, por exemplo).

Quando algum elemento novo for introduzido entre o sujeito e o verbo (aposto, vocativo, *oração adjetiva* e etc.), esse elemento deve vir entre vírgulas. Dessa forma, isola-se o elemento extra que se interpôs entre o sujeito e o verbo.

Exemplo:

1. A paciência, muito rara em Otávio, foi decisiva naquele momento.

   ...[*a paciência foi decisiva naquele momento*: oração principal]

   ...[*muito rara em Otávio*: oração subordinada adjetiva explicativa]

A vírgula, o determinante e a palavra determinada

A vírgula representa uma breve pausa na língua escrita. Além disso, ela também é comumente utilizada para separar termos da oração ou orações de um período.

Há, porém, elementos da oração que estabelecem uma ligação direta entre si. É o caso do determinante e a palavra determinada. Entre esses dois elementos, a vírgula não deve ser empregada.

Exemplos:

1. A caneta, vermelha estourou dentro da bolsa. [Inadequado]

   A caneta vermelha estourou dentro da bolsa. [Adequado]

2. Nossa, rua está sendo asfaltada! [Inadequado]

   Nossa rua está sendo asfaltada! [Adequado]

Essa orientação também é válida para todos os termos da oração que funcionem como determinantes (complemento nominal, por exemplo). A vírgula, nesse caso, não deve ser empregada entre o nome e o determinante ou mesmo entre a preposição e a palavra que ela rege.

Exemplos:

1. Vera nunca ocultou seu apego, às crianças abandonadas. [Inadequado]

   Vera nunca ocultou seu apego às crianças abandonadas. [Adequado]

2. A partida de, futebol de campo será interrompida. [Inadequado]

A partida de futebol de campo será interrompida. [Adequado]

O emprego inadequado da vírgula nesses casos pode gerar uma ambigüidade. Por isso, a importância de nos mantermos atentos para os elementos que estão ligados diretamente na oração.

Exemplo:

1. Um lavrador tinha um bezerro, e a mãe do lavrador era também o pai do bezerro.
2. Um lavrador tinha um bezerro e a mãe, do lavrador era também o pai do bezerro.

Observe que no exemplo (1) houve a separação de termos da oração ligados diretamente entre si. A aplicação inadequada da vírgula nessa oração provoca uma ambigüidade na palavra "mãe", entendida como *mãe do lavrador*.

Já no exemplo (2) a sentença passa a ter sentido quando a aplicação da vírgula é aplicada adequadamente. A posição que a vírgula ocupa permite compreender a palavra "mãe" sendo relativa a "bezerro" e não a "lavrador".

Hífen

Dá-se o nome de hífen ao sinal (-) utilizado na escrita em diversas situações: ora para marcar separação de elementos, ora para marcar união de palavras que, por questões fonéticas e morfológicas, devem se manter isoladas graficamente.

A presença do hífen somente é notada na escrita, ou seja, o fato de haver a sinalização com hífen não implica uma pausa fonética.

Em língua portuguesa o hífen é obrigatório na:

- *partição de palavras* quando há mudança de linha

Exemplo:

O lanche tinha sido preparado somente para colegas da *mi-nha* turma. Não havia jeito de atender outras pessoas!

- separação de sílabas

Exemplo:

mó-veis, co-ber-tor, car-ro, le-van-ta-men-to

- união de pronomes átonos a verbos

Exemplo:

impor-se, comprá-lo, revelar-te-ei, encontramo-nos

Há ainda outro emprego do hífen na nossa língua. Trata-se da utilização desse sinal gráfico para ligar os elementos de uma *palavra composta*. Nesse caso, o hífen não se apresenta como obrigatório. A utilização do hífen nas palavras compostas formadas por dois vocábulos (ex.: *banho-maria*) e nas palavras compostas formadas por prefixo + radical (ex: *supra-renal*). Portanto, é importante conhecer algumas particularidades do emprego do hífen:

- O hífen e os prefixos (I)
- O hífen e os prefixos (II)
- O hífen e os prefixos polissêmicos

O hífen e os prefixos I

O hífen (-) é um sinal que, entre outros empregos, utilizamos para unir *prefixos* às palavras. Devido aos acentos tônicos desses prefixos, quando eles se juntam a outras elementos formando uma única palavra, em alguns casos o hífen é necessário. Isso se dá porque com o hífen evita-se a ocorrência de alguns problemas fonéticos (perda do som forte do "r" quando em posição intervocálica, por exemplo, *semireta* > *semi-reta*).

Alguns prefixos da nossa língua sempre são acompanhados de hífen para a formação de uma palavra. São exemplos desses prefixos:

Exemplos:

EX	PÓS	PRÓ	VICE	PRÉ
ex-prefeito	pós-graduação	pró-análise	vice-diretor	pré-adolescente
ex-casamento	pós-meridiano	pró-socialista	vice-campeonato	pré-ajustar
ex-aluno	pós-operatório	pró-memória	vice-líder	pré-aviso

O hífen e os prefixos II

O hífen (-) é um sinal que, dentre outros empregos, utilizamos para unir *prefixos* às palavras. Em geral esses prefixos indicam uma significação própria, devendo, portanto, manter-se separados da palavra a qual se ligam (ex.: *contra*, *extra*). Porém, a união do prefixo a uma determinada palavra forma uma unidade significativa. O hífen, então, é empregado para marcar a individualidade fonética de seus elementos.

Devido à grafia de certos prefixos, é possível que o hífen seja dispensado, já que a individualidade fonética dos elementos que compõem a palavra composta é mantida sem provocar conflitos fonéticos (ex.: *autodestruição*, *antiimperialismo*).

Vejamos quais os prefixos da língua portuguesa que exigem o hífen:

1. EXTRA-INFRA-INTRA-NEO-PROTO-PSEUDO-SEMI-ULTRA

Exigem o hífen antes de palavras iniciadas com VOGAL, H, R ou S

Exemplos:

COM HÍFEN	SEM HÍFEN
extra-oficial	extraconjugal
extra-humano	extralingüístico
extra-regulamentar	extraterrestre
extra-sensorial	extracurricular
infra-estrutura	infravermelho
intra-sistema	intramuscular
neo-republicano	neopositivismo
proto-histórico	protoplasma
pseudo-álibe	pseudomolecular
semi-analfabeto	semicírculo
ultra-humano	ultravioleta

Note que a não utilização do hífen nesses casos provocaria um conflito fônico:

- **duas vogais juntas**
- **vogal + "h": como o "h" não é pronunciado, novamente teremos duas vogais juntas;**
- **"r" entre vogais deve ser grafado duplamente para manter o som forte (ex.: carro) . Em oposição, temos o "r" fraco entre vogais grafado com um "r" simples (ex.: caro)**
- **"s" entre vogais deve ser grafado duplamente para manter o som forte (ex.: assado) . Em oposição, temos o "s" fraco entre vogais grafado com um "s" simples (ex.: asa)**

2. ANTI, ANTE e ARQUI

Exigem o hífen antes de palavras iniciadas com H, R ou S

Exemplos:

COM HÍFEN	SEM HÍFEN
ante-histórico	antevéspera
ante-sala	anteontem
ante-rosto	anteprojeto
anti-horário	antioxidante
anti-revolução	anticárie

anti-social	antiséptico
arqui-hierarquia	arquimilionário
arqui-rabino	arquicélebre
arqui-sucessão	arquidiocesano

*As observações do item (1) valem para esses prefixos acima, com exceção do tratamento voltado para as vogais.

3. SUPER e INTER

Exigem o hífen antes de palavras iniciadas com H ou R

Exemplos:

COM HÍFEN	SEM HÍFEN
super-herói	supercondutor
super-resfriado	superabundância
inter-hemisférico	interligação
arqui-racial	intermunicipal

*As observações do item (1) valem para esses prefixos acima, com exceção do tratamento voltado para as vogais e para a letra "s".

4. PAN

Exige o hífen antes de palavras iniciadas com VOGAL ou H

Exemplos:

COM HÍFEN	SEM HÍFEN
pan-africano	pansexual
pan-helenismo	panteologia

*As observações do item (1) valem para esses prefixos acima, com exceção do tratamento voltado para as letras "*r*" e "*s*".

5. SUB

Exige o hífen antes de palavras iniciadas com B OU R

Exemplos:

COM HÍFEN	SEM HÍFEN
sub-base	subseção
sub-rogado	subterminal

Note que a não utilização do hífen nesses casos provocaria um conflito fônico:

- duas consoantes iguais juntas (bb)
- "b" + "r": este par forma um som único na língua, de onde, inclusive, tem-se o "r" vibrante (ex.: *broche*, *brasa*). Para manter o som do "r" forte neste grupo, é necessário a separação do encontro consonantal através do hífen.

O hífen e os prefixos polissêmicos

O hífen (-) é um sinal que, dentre outros empregos, utilizamos para unir *prefixos* às palavras. Em geral esses prefixos indicam uma significação própria, devendo manter-se separados da palavra a qual se ligam (ex.: *contra*, *extra*).

Certos prefixos, porém, possuem mais de um significado quando estão isolados (são os chamados prefixos polissêmicos). O emprego ou não do hífen depende da significação que o prefixo adquire em cada construção de palavra composta.

Vejamos cada um dos prefixos polissêmicos, cuja significação exige o emprego do hífen.

1. AUTO com sentido de "por si próprio", "de si próprio"

Exige o hífen antes de palavras iniciadas com VOGAL, H, R ou S

Exemplos:

COM HÍFEN	SEM HÍFEN
auto-afirmação	autobiográfico
auto-hemoterapia	autodomínio
auto-retrato	automedicar-se
auto-suficiente	autopromoção

2. SUPRA com sentido de "excesso", "aumento", "superioridade"

Exige o hífen antes de palavras iniciadas com VOGAL, H, R ou S

Exemplos:

COM HÍFEN	SEM HÍFEN
supra-excitação	supracondutividade
supra-hepático	supranacional
supra-renal	suprapartidário
supra-sumo	extracurricular

Uso de Letras Maiúsculas e Minúsculas

- Uso de Iniciais Maiúsculas
- Uso de Iniciais Minúsculas

Uso de Iniciais Maiúsculas

As letras iniciais maiúsculas devem ser utilizadas nas seguintes situações:

1. **No início de períodos, versos e citações diretas: "Tudo aqui no Brasil gira em torno dele, assim como em qualquer país capitalista.";**
2. **Nos *nomes próprios*, de pessoas e de lugares, inclusive o de figuras e localidades mitológicas: "Pedro", "Machado de Assis", "Rio de Janeiro", "Zeus", "Inferno".**
3. **Nos nomes de vias e lugares públicos: "Rua Marechal Deodoro da Fonseca", "Praça Getúlio Vargas";**
4. **Nos nomes dos pontos cardeais, quando indicam regiões: "o Nordeste", "o Sudeste", etc. No entanto, se indicarem direções ou limites geográficos, deverão ser iniciados por letra minúscula: "o nordeste de Goiás", "o sudeste da Europa", "o metrô avança no rumo sul";**
5. **Nos nomes de regiões: "Baixada Santista", "Região Norte", "Zona Sul", "Recôncavo Baiano", "Vale do Paraíba";**
6. **Nos nomes de corpos celestes: "Lua", "Júpiter", "Marte";**
7. **Nos *nomes próprios* de eras históricas ou épocas notáveis: "Idade Média", "Era Cristã";**
8. **Nos nomes de atos históricos importantes, atos solenes e grandes empreendimentos públicos: "Dia do Trabalho", "Revolução Francesa", "Guerra do Golfo";**
9. **Nos nomes que designam conceitos religiosos, políticos, nacionalistas ou filosóficos importantes: "Igreja", "Estado", "Império", "Nação";**

10. Nos nomes que designam artes, ciências, disciplinas e ramos do conhecimento humano, quando em sua dimensão mais ampla: "Ética", "Filosofia", "Cultura". Quando não houver necessidade de relevo especial, deve ser utilizada letra minúscula: "Estuda português", "Formou-se em agronomia";

11. Nos nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos: "Papa","Presidente da República", "Ministro da Educação", "Secretário de Estado";

12. Nos nomes de instituições, órgãos, corporações, repartições, agremiações e unidades administrativas: "Grupo de Estudos Lingüísticos", "Câmara dos Deputados", "Assembléia Legislativa";

13. Nos nomes de edifícios e estabelecimentos públicos ou particulares: "Aeroporto Santos Dummont", "Cemitério Nossa Senhora do Carmo";

14. Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas: "Jornal do Brasil", "Memórias Póstumas de Brás Cubas", "A Evolução das Espécies", "A Última Ceia";

15. Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência e suas respectivas abreviaturas: "Vossa Majestade", "Excelentíssimo", "Sr. Cosmo";

16. Nos qualificativos, epítetos, alcunhas ou apelidos de personalidades: "Ricardo Coração de Leão", "Ivã, o Terrível";

17. Nos nomes das leis ou normas econômicas e políticas que foram consagradas por sua importância: "Lei de Segurança Nacional", "Lei de Diretrizes e Bases";

18. Nos nomes das festas religiosas: "Natal", "Páscoa";

19. Nos nomes de entidades religiosas, santos, anjos e demônios: "Deus" e seus equivalentes de qualquer religião: "Santo Antônio", "Santa Clara";

20. Nos nomes de torneios e campeonatos: "Torneio Rio-São Paulo", "Campeonato Brasileiro", "Copa do Mundo".

21. Nos nomes comuns, quando personificados ou individualizados: "a Ira", "o Amor", "a Cigarra", "a Formiga".

Palavras compostas com hífen

No caso de nomes próprios compostos, ligados por hífen, todos os elementos deverão ser iniciados por letra maiúscula, à exceção dos artigos, preposições e partículas átonas:

"Grã-Bretanha";
"Trás-os-Montes";
"Avenida do Trabalhador São-Carlense".

Palavras compostas sem hífen

No caso de palavras compostas sem hífen, apenas os substantivos, adjetivos, pronomes, numerais e verbos devem ser escritos com inicial maiúscula. Artigos, preposições, locuções prepositivas, conjunções, locuções conjuncionais, advérbios e partículas átonas que ocorrerem no meio de expressões compostas deverão ser iniciados com letra minúscula, independentemente do número de sílabas que contenham:

"Retrato do Artista quando Jovem";
"Mulheres à beira de um Ataque de Nervos";
"Tudo que Você sempre Quis Saber sobre Medicina e Tinha Medo de Perguntar ao Seu Médico".

Uso de Iniciais Minúsculas

Devem ser usadas as letras iniciais minúsculas:

1. Nos nomes das estações do ano, dos meses e dos dias da semana: "primavera", "janeiro", "domingo";

2. Nos nomes de acidentes geográficos: "baía de Guanabara", "rio Amazonas", "ilha de Marajó";

3. Nos nomes de idioma: "português", "inglês";

4. Nos nomes das profissões, funções e cargos: "princesa", "diretor", "professor", "presidente". Nos nomes de altos cargos, devem ser usadas as iniciais maiúsculas: "o Presidente da República";

5. Nos nomes das festas pagãs: "carnaval", "bacanais", "saturnais";

6. Nos compostos em que o nome próprio é parte de um substantivo comum: "pau-brasil", "banho-maria", "castanha-do-pará";

7. Nos nomes próprios tratados como nomes comuns: "Foi escolhido para cristo", "Tornou-se um mecenas", "Sempre foi um caxias";

8. Nos adjetivos pátrios e gentílicos, e nos nomes de tribos indígenas: "astecas", "incas", "bretão", "catarinense";

9. Nos nomes de personagens ou entidades do folclore: "saci", "cuca", "mula-sem-cabeça";

10. Nas formas adjetivas que designam dinastias: "gales", "avis";

Uso de porquê, porque, por que e por quê

Uso do por que

Usa-se o por que nas perguntas.

Exemplos:

1. Por que você demorou?
2. Por que os países vivem em guerra, mas pregam a paz?

Usa-se por que quando as palavras "razão" e "motivo" estão expressas ou subtendidas.

Exemplos:

1. Não sei por que razão ele faltou.
2. Ninguém sabe por que motivo ele deixou o emprego.
3. Eis por que (razão) o trânsito está congestionado.
4. O Governo não explicou por que (motivo) construir Brasília.

Usa-se por que quando puder ser substituído por "para que", "pelo(a) qual", "pelos(as) quais".

Exemplos:

1. Eram os nomes de solteiras por que (pelos quais) as amigas sempre as haviam chamado.
2. Este é o caminho por que (pelo qual) seguiu.

Uso do por quê

Usa-se o por quê em perguntas, quando encerrar a frase.

Exemplos:

1. As torcidas nunca aceitam o resultado. Por quê?
2. Vocês brigaram? Mas por quê?

Usa-se o por quê quando este puder ser substituído pelas palavras "razão" e "motivo", em final de frase.

Exemplos:

1. Estava triste sem saber **por quê**. (motivo)
2. Muitos protestaram, mas não havia **por quê**. (motivo)
3. O diretor nos advertiu e perguntamos **por quê**. (razão)

Uso do porque

Usa-se o **porque** quando este equivale a: "pois", "porquanto", "uma vez que", "pelo fato de que" ou "pelo motivo de que".

Exemplos:

1. Não viajei **porque** perdi o avião.
2. O espetáculo foi cancelado **porque** não havia teatro disponível.

Usa-se o **porque** nas respostas ou em perguntas que proponham uma resposta.

Exemplos:

1. Por que você não foi à festa ontem? **Porque** estava doente.
2. Vamos reduzir o número de páginas da revista **porque** o papel está escasso?

Uso do porquê

Usa-se o **porquê** quando este, como substantivo, substitui as palavras: "motivo", "causa", "razão", "pergunta" ou "indagação".

Exemplos:

1. Não sei o **porquê** da sua recusa.
2. É uma criança cheia de **porquês**.
3. O diretor não quis explicar os **porquês** da decisão.

Inadequação Lexical

A língua portuguesa comporta um conjunto de locuções e expressões fixas que não admitem variação. Trata-se de expressões cujo sentido deriva, não das partes de que são feitas, mas do todo. Por este motivo, não poderiam sofrer alteração.

Não é de todo raro, porém, que os falantes, seja por efeito da analogia, seja pelo desconhecimento do significado ou da classe gramatical de suas componentes, introduzam, nessas expressões, alterações que são condenadas pelas autoridades gramaticais como vícios de linguagem.

Na tabela abaixo, na coluna da esquerda, temos formas que, embora muitas vezes consagradas pelo uso, são consideradas inadequadas por autoridades gramaticais da língua portuguesa. A coluna da direita traz a forma recomendada correspondente.

FORMA CONDENADA	FORMA RECOMENDADA
a dentro	adentro
a grosso modo	grosso modo
após + particípio passado: após realizado	depois de + particípio passado: depois de realizado
raio X	raios X
antes de mais nada	antes de tudo
antes que tudo	antes de tudo
departamento pessoal	departamento de pessoal
ou sejam	ou seja
enquanto a ele	quanto a ele
a nível de	em nível de
na surdina	à surdina
a longo prazo	em longo prazo
após ao	após o
para atrás	para trás

A palavra *"capaz"*

Freqüentemente observa-se o uso inadequado de determinadas palavras. Embora alcancem a compreensão do destinatário para aquilo que se pretende dizer, a inapropriação do sentido de uma palavra configura-se um caso de inadequação lexical.

A palavra "capaz" indica "que tem capacidade de" ou "que tem capacidade para". Quando usada para indicar a idéia que a palavra "provável" transmite, a palavra "capaz" torna-se inadequada e o seu emprego, um problema de linguagem.

Exemplos:

1. **É capaz que o leitor se surpreenda com isso! [Inadequado]**

   É provável que o leitor se surpreenda com isso! [Adequado]

Esse tipo de construção utilizando-se a palavra "capaz" evidencia, ainda, uma construção sintática inaceitável. O verbo "capaz" exige certa estrutura sintática (um objeto indireto, por exemplo: *ser capaz de alguma coisa*) que não se apresenta na sentença acima.

Em contrapartida, a estrutura em que o verbo "capaz" está inserido é justamente a estrutura da expressão "é provável que" / "é possível que", daí a adequação léxica de "provável" / "possível" e não de "capaz" nesse contexto.

Observe, agora, o emprego da palavra "capaz" em contexto adequado:

Exemplos:

1. **É muito capaz, este funcionário da portaria.**
2. **Você não seria capaz de repetir o que ouviu agora...**

Pleonasmo

Dá-se o nome de pleonasmo à figura de linguagem que caracteriza a superabundância de palavras para exprimir uma só idéia (ex: *sair para fora*, *ver com os olhos*).

Em geral, o pleonasmo ocorre movido por uma necessidade de enfatizar um elemento da oração. Quando a repetição presta-se a manter a *coesão gramatical* (*objeto pleonástico*, por exemplo) ou a valorizar uma idéia, o pleonasmo é aceitável em língua portuguesa.

Exemplos:

1. **Eu caminhava com meus próprios pés em busca da salvação.**

   ...[ênfase de uma idéia]

   ...[redundância: ninguém caminha com os pés alheios]

2. **Ao combatente deram-lhe a condecoração.**

   ...[objeto pleonástico]

   ...[redundância: repetição do objeto indireto]

Na nossa língua também é comum a repetição da negação, constituindo-se um caso de pleonasmo aceitável. Aconselha-se, porém, a negação simples, ou seja, nega-se apenas uma vez, geralmente com o emprego do "*não*". Se a palavra "*não*" foi empregada, a segunda negação pode ser substituída por uma palavra positiva (*qualquer*, *alguém*, *algo*/ *alguma coisa*) em vez de negativa (*nenhum(a)*, *ninguém*, *nada*).

Exemplos:

1. **Você não tem nada para me dizer? [construção comum e aceitável]**

   Você não tem algo para me dizer? [construção alternativa]

2. **Eu não encontrei ninguém em casa. [construção comum e aceitável]**

   Eu não encontrei qualquer pessoa em casa. [construção alternativa]

Ainda outro tipo de pleonasmo é aceitável em língua portuguesa. Trata-se dos epítetos da natureza, ou seja, expressões em que se atribui um adjetivo que naturalmente se vincularia ao substantivo ao qual se liga. É, portanto, um recurso literário que serve ou para dar destaque à expressão ou para conferir outro sentido a ela. Chama-se *epíteto da natureza* porque esses adjetivos estão ligados a palavras que representam os elementos da natureza. Exs.: *mar salgado*, *neve gelada*, *céu azul*.

Exemplos:

1. A noite escura refletia meu coração em flagelo!

   ...[*noite escura*: recurso literário]

2. Ela passeava pela noite escura relembrando os acontecimentos do dia.

   ...[*noite escura*: destaque para uma característica de noite]

3. Depois da noite escura viria o amanhecer.

   ...[*noite escura*: pleonasmo vicioso = redundância inaceitável]

Quando a repetição de idéias se transforma em redundância desnecessária constitui-se um desvio de linguagem. É o que chamamos de pleonasmo vicioso. Nesse caso, o pleonasmo é inaceitável na língua portuguesa. Convém, portanto, conhecer as especificidades do pleonasmo vicioso:

Pleonasmo vicioso em verbos e substantivos

Pleonasmo vicioso

Determinadas construções na língua são consideradas pleonasmo quando repetem, numa mesma expressão, uma só idéia. A redundância de sentido, quando não se presta a acentuar uma idéia dando-lhe ênfase, é considerada vício de linguagem.

Em geral a repetição de sentido é marcada por um complemento (nominal ou verbal). Por isso, diz-se que a redundância está na *periferia* da expressão, cujo núcleo já indicava todo o sentido que se pretendia apontar. É importante, então, atentarmos para a construção inadequada de certas expressões.

EMPREGO INADEQUADO	EMPREGO ADEQUADO
perante a	perante
após a	após
para a frente	para frente
cujo o / cuja a	cujo / cuja
antes de que	antes que

Nesses casos acima o pleonasmo está nas expressões formadas por preposições, advérbios e pronomes. Trata-se, pois, de um tipo de pleonasmo vicioso um tanto restrito na língua; mesmo assim é ainda uma construção inaceitável. Há casos, porém, que merecem atenção especial:

Pleonasmo vicioso em verbos e substantivos

Pleonasmo vicioso em verbos substantivos

O pleonasmo vicioso se dá quando a repetição da idéia não acrescenta qualquer informação nova à expressão.

Freqüentemente verificamos esse tipo de construção em expressões formadas por substantivos e verbos. Deve-se, no entanto, observar se há realmente redundância de sentido (pleonasmo vicioso), ou se a repetição serve à ênfase de uma idéia (construção aceitável na nossa língua e que não constitui vício de linguagem).

Exemplos:

1. Eles viram com os olhos aquela tragédia popular. [Inadequado]

   ...[ver já expressa a idéia de ação através dos olhos]

2. Eles viram com os olhos aquilo que nós víamos com as mãos. [Adequado]

   ...["ver" com os olhos está em oposição a "ver" com as mãos]

Apesar de existir essa possibilidade de destacar uma idéia por meio da repetição, é preciso estar alerta para os casos de redundância desnecessária. Vejamos alguns exemplos de pleonasmo vicioso:

EM SUBSTANTIVOS

CONSTRUÇÃO INADEQUADA	CONSTRUÇÃO ADEQUADA
Hemorragia de sangue	hemorragia
Monopólio exclusivo	monopólio

EM VERBOS

CONSTRUÇÃO INADEQUADA	CONSTRUÇÃO ADEQUADA
reincidir de novo	reincidir
subir para cima	subir
descer para baixo	descer
entrar para dentro	entrar
sair para fora	sair
subir para cima	subir
repetir outra vez / de novo	repetir
encarar de frente	encarar

Identificando problemas

Sobre adjetivos | Sobre adjuntos | Sobre advérbios
Sobre conjunções | Sobre preposições | Sobre pronomes
Sobre sujeito | Sobre verbos

Sobre adjetivos:

- Formas analíticas dos adjetivos anômalos

Sobre adjuntos:

- Os adjuntos adnominais e o núcleo composto
- O adjunto adnominal antes do núcleo composto
- O adjunto adnominal depois de núcleo composto
- O adjunto adnominal e expressões como "bancas de jornal"
- O adjunto adnominal e expressões como "caixa de fósforos"

Sobre advérbios

- Onde x Aonde
- Meio x Meia
- Mau x Mal
- O grau dos advérbios e os adjetivos particípios

Sobre conjunções

- Uso das locuções conjuncionais

Sobre preposições:

- A preposição e o objeto direto
- A preposição e o objeto indireto
- A preposição e o complemento nominal
- Saiba mais sobre a preposição e o complemento nominal
- Uso das locuções prepositivas

Sobre pronomes:

- Formas especiais do pronome oblíquo
- Saiba mais sobre as formas especiais do pronome oblíquo

- Os pronomes pessoais e algumas preposições

Sobre sujeito:

- O sujeito e as contrações
- O sujeito posposto em orações com verbos unipessoais
- O sujeito posposto em orações reduzidas

Sobre verbos:

- Tempo verbal e o emprego de pronomes
- O subjuntivo e as orações subordinadas
- O subjuntivo e os verbos modais
- Os auxiliares e certos verbos abundantes
- "a" x "há": a noção de tempo
- O verbo "haver" e a flexão
- O verbo "fazer" e a flexão
- O particípio e a expressão "haja vista"
- As preposições e formas verbais como "foi"
- As locuções verbais e o uso das preposições

Formas analíticas dos adjetivos anômalos

A forma dos *adjetivos anômalos* no grau comparativo é, por excelência, a forma sintética:

grande	maior	bom	melhor
pequeno	menor	mau	pior

Porém, quando a comparação é estabelecida entre atributos de um mesmo ser, não se emprega a forma sintética, mas sim a forma analítica do *grau dos adjetivos*:

mais *grande* que	menos *grande* que
mais *bom* que	menos *bom* que
mais *pequeno* que	menos *pequeno* que
mais *mau* que	menos *mau* que

Exemplos:

1. Em sua arte, combinavam-se linhas de proporções diferentes. Na verdade, essas proporções eram maiores do que menores. [Inadequado]

   Em sua arte, combinavam-se linhas de proporções diferentes. Na verdade, essas proporções eram mais grandes do que mais pequenas. [Adequado]

2. No fundo, meu avô era melhor do que ingênuo. [Inadequado]

   No fundo, meu avô era mais bom do que ingênuo. [Adequado]

Os graus dos adjetivos são organizados em *positivo*, *comparativo* e *superlativo*. No primeiro caso, a gradação do adjetivo não envolve mais que um único elemento (ex.: *Eu sou alto.*). No segundo caso, a gradação do adjetivo expressa inferioridade, igualdade ou superioridade através de uma relação de comparação (ex.: *Eu sou mais alto do que você.*). Finalmente, no terceiro caso, a gradação do adjetivo expressa aquelas mesmas idéias de igualdade, inferioridade ou superioridade, através de uma relação de supremacia (ex. *Eu sou altíssimo*; *Eu sou o aluno mais alto da turma.*).

Quanto ao grau, os adjetivos ainda podem ser considerados segundo suas formas *analítica* ou *sintética*. Na forma sintética, o grau é expressado pelas formas especiais de cada adjetivo (ex.: *menor*, *maior*, *preocupadíssimo*). Na forma analítica, o grau é formado pelo acréscimo de um advérbio que encabeça a expressão (ex.: ... *menos preocupado que*... / *menos* = advérbio de intensidade).

É interessante notar, ainda, certas construções inadequadas envolvendo os adjetivos anômalos. Não raro, confunde-se o adjetivo anômalo com parte de *palavras compostas* com adjetivo.

1. Este é realmente um bom vinho. [bom: adjetivo]
2. Hoje ela estava com bom-humor. [bom: parte de palavra composta]

Nesses casos, é importante ficar atento para a formação adequada do grau comparativo. Quando a gradação recair sobre o adjetivo, emprega-se a forma analítica. Do mesmo modo, quando se tratar de palavras compostas formadas por um adjetivo anômalo, é a forma analítica que deve ser empregada. Isso se dá porque não há possibilidade de somente uma parte da palavra composta isolar-se para formar o grau comparativo. Além disso, numa palavra composta é o grau comparativo do substantivo que está sendo formado (*bom-gosto*, por exemplo) e não do adjetivo que o compõe (*bom*).

Exemplos:

1. Célia tem melhor bom-gosto que seu marido. [Inadequado]

   Célia tem mais bom-gosto que seu marido [Adequado]

2. Queremos pessoas com maior boa-vontade do que você! [Inadequado]

   Queremos pessoas com mais boa-vontade do que você! [Adequado]

Os adjuntos adnominais e o núcleo composto

O *adjunto adnominal* (artigo, adjetivo, locução adjetiva, numeral, pronome adjetivo e oração adjetiva) sempre acompanha um nome, em geral um substantivo.

Independentemente da sua função (se sujeito ou objeto ou etc.) é obrigatória a concordância em gênero e número entre o adjunto adnominal e o substantivo a que se refere. Dessa forma, se a expressão contém mais de um elemento (núcleo composto) é importante verificar a concordância.

Há duas maneiras de se realizar a concordância entre um núcleo composto e os adjuntos adnominais: concordância com o substantivo mais próximo, e concordância com o gênero e número comum. Para isso é preciso observar a posição ocupada pelo adjunto adnominal, ou seja,

adjunto adnominal antes do núcleo composto

adjunto adnominal depois do núcleo composto

O adjunto adnominal antes do núcleo composto

A posição dos *adjuntos adnominais* é muito importante para se determinar o gênero e o número que eles devem assumir na oração. Como os adjuntos adnominais sempre acompanham um nome, em geral um substantivo, a concordância entre os dois elementos é obrigatória.

A concordância se dará de acordo com o gênero e o número do substantivo mais próximo se:

- adjunto adnominal estiver ligado a um núcleo composto (mais de um elemento)
- adjunto adnominal estiver antes do núcleo composto

Exemplos:

1. Extremos compaixão e vigor distinguia-o dentre os sacerdotes. [Inadequado]

   Extrema compaixão e vigor distinguia-o dentre os sacerdotes. [Adequado]

2. Minhas paciência e sonhos serão armas que usarei contra a vida. [Inadequado]

   Minha paciência e sonhos serão armas que usarei contra a vida. [Adequado]

O adjunto adnominal depois de núcleo composto

A posição dos *adjuntos adnominais* é muito importante para se determinar o gênero e o número que eles devem assumir na oração. Como os adjuntos adnominais sempre acompanham um nome, em geral um substantivo, a concordância entre os dois elementos é obrigatória.

Se o adjunto adnominal estiver ligado a um núcleo composto (mais de um elemento) e vier depois desse núcleo, há duas maneiras de se realizar a concordância:

COM O SUBSTANTIVO MAIS PRÓXIMO:

Exemplos:

1. Compaixão e *vigor* extrema distinguia-o dentre os sacerdotes. [Inadequado]

   Compaixão e *vigor* extremo distinguia-o dentre os sacerdotes. [Adequado]

2. Paciência e *sonhos* minhas serão armas que usarei contra a vida. [Inadequado]

   Paciência e *sonhos* meus serão armas que usarei contra a vida. [Adequado]

COM O GÊNERO E NÚMERO COMUM:

Exemplos:

1. Compaixão e *vigor* extrema distinguia-o dentre os sacerdotes. [Inadequado]

   Compaixão e vigor extremos distinguia-o dentre os sacerdotes. [Adequado]

2. Paciência e *sonho*s minhas serão armas que usarei contra a vida. [Inadequado]

   Paciência e sonhos meus serão armas que usarei contra a vida. [Adequado]

Observe, portanto, que quando a concordância se dá pelo gênero e número comum, o número será sempre plural. O gênero, por sua vez, vai ser determinado pelos substantivos que compõem o núcleo. O adjunto adnominal só será feminino plural se os substantivos do núcleo composto também forem femininos; do contrário, o gênero do adjunto adnominal ligado a um núcleo composto será masculino (ex.: casa e quarto pequenos; mesa e cadeira pequenas).

É aconselhável a repetição do adjunto adnominal para cada um dos elementos do núcleo composto quando eles forem de gênero ou número diferentes (ex.: *quadro escuro e gravuras escur*as ao invés de *quadro e gravuras escur*os).

O adjunto adnominal e expressões como "bancas de jornal"

Os *adjuntos adnominais* são termos que acompanham um nome, conferindo-lhe nova informação. Por atribuir essas informações adicionais sobre o nome, os adjuntos adnominais se caracterizam como modificadores em oposição aos determinantes, que restringem os nomes aos quais se referem.

Algumas expressões da língua portuguesa são formadas por um *substantivo comum* e um adjunto adnominal. É fácil identificá-las, pois entre ambos existe a preposição "*de*" unindo os dois elementos. Porém, nesse tipo de construção, a flexão de número é bastante particular.

Quando uma expressão desse tipo apresentar um adjunto adnominal genérico, a forma do plural deve ser marcada apenas no primeiro elemento, ou seja, no substantivo. O emprego do plural no adjunto adnominal resultaria entender a expressão como um conjunto de elementos *específicos*, ou mesmo um conjunto *contado* dos elementos da expressão. Por exemplo: em "*banca de jornal*", a palavra *jornal* expressa uma idéia genérica (não é este ou aquele jornal, mas uma banca que vende isso que nós chamamos "jornal"); o plural dessa expressão deve ser "*bancas de jornal*", mantendo, assim, o seu sentido de generalidade. A expressão "*bancas de jornais*" indicaria 1) um conjunto de *bancas* contendo determinados tipos *jornais,* ou 2) um conjunto de *bancas* contendo muitos *jornais*.

Vejamos outros exemplos:

1. As toalhas de mesas devem ser trocadas todos os dias. [Inadequado]

   As toalhas de mesa devem ser trocadas todos os dias. [Adequado]

É importante considerar as expressões cujo último elemento é um adjunto adnominal no plural. Mesmo nesse caso, o plural é marcado no primeiro elemento da expressão, mas mantém-se o plural do segundo elemento, pois trata-se de duas idéias distintas: no plural do primeiro elemento, é computado o número de seres, já no plural do segundo elemento é expressada a idéia de generalidade.

Exemplo:

1. **Tragam-me essas caixa de ferramentas, por favor! [Inadequado]**

   Tragam-me essas caixas de ferramentas, por favor! [Adequado]

A seguir, alguns exemplos de expressões formadas por substantivo + adjunto adnominal sendo empregadas no plural:

CONSTRUÇÃO INADEQUADA	CONSTRUÇÃO ADEQUADA
indústria de automóveis	indústrias de automóvel
página de jornais	páginas de jornal
casa de aluguéis	casas de aluguel
escova de dentes	escovas de dente
relógio de pulsos	relógios de pulso
cama de casais	camas de casal
casa de máquinas	casas de máquinas
banco de reservas	bancos de reservas

O adjunto adnominal e expressões como "caixa de fósforos"

Algumas expressões da língua portuguesa são formadas por um substantivo e um *adjunto adnominal*. É fácil identificá-las, pois entre ambos existe a preposição "*de*" unindo os dois elementos. Porém a ortografia dessas expressões obedece a um princípio ditado pelo tipo de substantivo que as compõe.

Quando uma expressão desse tipo tiver um substantivo que expresse coletividade ou mesmo abrigo ou recipiente de um conjunto de seres, o segundo elemento da expressão (adjunto adnominal) deve se apresentar no plural. É uma forma de expressar a existência de uma pluralidade de seres retidos numa idéia que é passível de ser contada. Por exemplo: escreve-se "par de meias", em vez de "par de meia". Dessa forma, estamos exprimindo o fato de "meias" ser um elemento coletivo ou genérico. Apesar disso, podemos contar mais de um "par de meias".

Vejamos outro exemplo:

1. **Você sabe onde está a caixa de fósforo?. [Inadequado]**

   Você sabe onde está a caixa de fósforos? [Adequado]

Deve-se atentar, ainda, para a formação do plural dessas expressões. Como o adjunto adnominal, na sua forma do singular, já se apresenta pluralizado, o plural da expressão deve ser marcado no substantivo. Assim, temos: "*pares de meias*", "*caixas de fósforos*".

A seguir, alguns exemplos de expressões formadas por substantivo genérico + adjunto adnominal:

CONSTRUÇÃO INADEQUADA	CONSTRUÇÃO ADEQUADA
maço de cigarro	maço de cigarros
carteira de cigarro	carteira de cigarros
porção de bala	porção de balas

Onde x Aonde

Freqüentemente se confunde o emprego correto das palavra *onde* e *aonde*. Embora signifique um preciosismo da gramática tradicional, na língua culta é aconselhável o emprego adequado de cada uma das formas.

A palavra onde, enquanto *advérbio de lugar*, é empregada para indicar o lugar em que ocorre a ação ou o estado verbal. Isso se dá, inclusive, em sentenças interrogativas:

Exemplos:

1. **Eu lhe contava onde passei minha infância.**

2. **Onde você passou a tua infância?**

A palavra **aonde**, enquanto advérbio de lugar, é empregada para indicar o lugar **para onde** aponta a ação verbal. Desse modo, o *aonde* sempre acompanha um **verbo de movimento** (ir, levar, entregar e etc.). Da mesma forma que o advérbio *onde*, o *aonde* também se apresenta em sentenças interrogativas:

Exemplos:

1. Eu vou **aonde** o trem me levar!

2. **Aonde** o trem pode me levar?

As palavras *onde* e *aonde* podem exercer a função de *pronome relativo*. O emprego de ambas as palavras deve respeitar essa noção verbal indicada acima. Além disso, deve ser observado o termo da oração ao qual o pronome relativo se refere. Os pronomes *onde/aonde* sempre substituem um termo indicativo de lugar.

Exemplos:

1. Essa é a piscina **onde** competi pela primeira vez.

2. Ela sabia o lugar **aonde** você iria mais tarde.

Meio x Meia

Uma regra prática para empregar corretamente o advérbio **meio** ou o adjetivo **meia** é tentar substituir esses termos pelas palavras *mais ou menos* e *metade*, respectivamente. Onde couber a palavra *mais ou menos*, emprega-se o termo **meio** (advérbio); onde couber a palavra *metade*, emprega-se o termo **meia** (adjetivo).

Exemplos:

1. Eles acrescentaram **meia** porção de frios ao pedido original. **[Adjetivo]**

   ...[meia porção = metade de uma porção]

2. Elas estavam **meio** preocupadas hoje. **[Advérbio]**

   ...[meio preocupadas = mais ou menos preocupadas]

Freqüentemente se confunde o emprego correto da palavra *meio* em sentenças indicativas de **período de tempo**. Vejamos, então, os exemplos:

1. São exatamente **meio-dia e meio**. **[Inadequado]**

2. São exatamente **meio-dia e meia**. **[Adequado]**

Nesse caso a palavra *meio* é empregada como **adjetivo** nos dois momentos: no primeiro caso está qualificando a palavra *dia* (metade de um dia; dia = substantivo masculino); no segundo caso está qualificando a palavra *hora*, (metade de uma hora = meia hora; hora = substantivo feminino).

Mau x Mal

Freqüentemente se confunde o **emprego correto** das palavras *mau* e *mal*. Embora na língua escrita haja uma distinção bastante clara entre essas duas palavras, na língua falada a pronúncia delas é a mesma, quando não se consideram certos regionalismos. Assim, costuma-se projetar na língua escrita essa semelhança entre *mau* e *mal*, não se observando, porém, o fato de se tratarem de termos distintos do vocabulário da língua portuguesa.

A palavra **mau** é um adjetivo. Como tal, flexiona-se em **gênero** e **número** (*má*: forma feminina singular; *más*: forma feminina plural; *mau*: forma masculina singular, e *maus*: forma masculina plural). Já a palavra **mal** é um advérbio. Enquanto advérbio, essa palavra **não se flexiona**, ou seja, ela possui a mesma forma seja qual for a sua relação com outros termos da oração.

Exemplos:

1. Eu tinha medo de estar fazendo um **mal** negócio. **[Inadequado]**

   Eu tinha medo de estar fazendo um **mau** negócio. **[Adequado]**

2. Sem dúvida, estávamos sendo muito **mau** representados! **[Inadequado]**

Sem dúvida, estávamos sendo muito **mal** representados! [Adequado]

Uma regra prática para se empregar corretamente as palavras **mau** e **mal** é guardar a distinção dos seus opostos. Opõe-se a **mau** a palavra **bom**, e a **mal**, a palavra **bem**. Ambas as palavras *bom* e *bem* obedecem aos mesmos princípios dos quais falamos a respeito de **mau** e **mal**. Isto é, *bom* é uma palavra variável, pois se trata de um adjetivo. *Bem*, por sua vez, é uma palavra invariável, já que se trata de um advérbio.

Exemplos:

1. Aquele **mal** cheiro constante já se tornara uma afronta. [Inadequado]

   Aquele **mau** cheiro constante já se tornara uma afronta. [Adequado]

   ...[mal cheiro > bem cheiro = inaceitável]

   ...[mau cheiro > bom cheiro = aceitável]

2. Sempre que podiam, aquelas senhoras falavam **mau** dos vizinhos. [Inadequado]

   Sempre que podiam, aquelas senhoras falavam **mal** dos vizinhos. [adequado]

   ...[falavam mau > falavam bom = inaceitável]

   ...[falavam mal > falavam bem = aceitável]

O grau dos advérbios e os adjetivos particípios

Em orações com adjetivos particípios, ou seja, adjetivos formados a partir da forma do *particípio* do verbo, os advérbios **bem** e **mal** são empregados na sua **forma analítica**. Isso implica dizer que as formas especiais desses advérbios são formadas não pelo acréscimo de sufixos, mas sim pela forma simples do advérbio acrescido do *advérbio de intensidade*: "*mais*" + *bem/mal*.

Exemplos:

1. Aquela rua era **melhor** iluminada que a rua central da cidade. [Inadequado]

   Aquela rua era **mais bem** iluminada que a rua central da cidade. [Adequado]

2. Os aparelhos de segurança eram **pior** fabricados por nós do que por eles. [Inadequado]

   Os aparelhos de segurança eram **mais mal** fabricados por nós do que por eles. [Adequado]

Em contraste com esse emprego, é **obrigatório** o uso da **forma sintética** desses advérbios quando eles estiverem em posição **posterior** ao adjetivo particípio.

Exemplos:

1. Aquela rua era iluminada **mais bem** que a rua central da cidade. [Inadequado]

   Aquela rua era iluminada **melhor** que a rua central da cidade. [Adequado]

2. Os aparelhos de segurança eram fabricados **mais mal** por nós do que por eles. [Inadequado]

   Os aparelhos de segurança eram fabricados **pior** por nós do que por eles. [Adequado]

Uso das locuções conjuncionais

As *conjunções subordinativas consecutivas* são empregadas em construções que indicam **conseqüência**. Essas conjunções se resumem unicamente à palavra ***que***. Porém, unidas a uma preposição e um certo grupo de palavras, formam uma *locução conjuncional*, de mesma função que a conjunção simples.

As locuções conjuncionais consecutivas são **expressões fixas** na língua portuguesa. Isto é, não se deve flexionar o interior das locuções de acordo com o termo que as antecedem.

Exemplos:

1. Eram tantos os ruídos, de maneiras que eu não consegui te ouvir. [Inadequado]

   Eram tantos os ruídos, de maneira que eu não consegui te ouvir. [Adequado]

2. Elas falavam de tais modos que nos sentimos constrangidos! [Inadequado]

   Elas falavam de tal modo que nos sentimos constrangidos! [Adequado]

Em geral, os problemas com esse tipo de construção ocorrem quando se emprega o plural das palavras que estão no interior das locuções. Como se trata de substantivos e esses podem ser pluralizados, é comum aplicar o mesmo princípio quando esses substantivos são utilizados para a construção de uma locução. Deve-se, porém, atentar para o fato de que numa locução conjuncional todos os componentes tornam-se invariáveis, independentemente do contexto em que é inserida.

A seguir, alguns exemplos de locuções conjuncionais:

- *ao passo que*
- *de modo que / de tal modo que*
- *de maneira que / da mesma maneira que*
- *de sorte que / de tal sorte que*

A preposição e o objeto direto

Dentre as características do *verbo transitivo direto* destaca-se a exigência de um complemento não preposicionado (objeto direto).

Salvo algumas exceções (objeto direto preposicionado, por exemplo), a regra geral é que a preposição não deve ser empregada junto a objetos diretos, já que o sentido da expressão (composta pelo verbo + objeto direto) é indicado sem a necessidade de um elemento intermediador - a preposição. O contrário, por exemplo, se dá com o objeto indireto.

Exemplos:

1. O pai ainda tentava encontrar à filha desaparecida. [Inadequado]

   O pai ainda tentava encontrar a filha desaparecida. [Adequado]

   ...[encontrar: verbo transitivo direto]

   ...[a filha: objeto direto]

   ...[a: determinante (artigo definido feminino)]

2. Este remédio abaixa à febre rapidamente. [Inadequado]

   Este remédio abaixa a febre rapidamente. [Adequado]

   ...[abaixar: verbo transitivo direto]

   ...[a febre: objeto direto]

   ...[a: determinante (artigo definido feminino)]

A preposição e o objeto indireto

Dentre as características do objeto indireto destaca-se a presença obrigatória da preposição.

Por ser um complemento do verbo que indica o destinatário da ação verbal, a preposição é o termo que exprime, no interior do objeto, essa relação de destino da ação verbal.

Exemplos:

1. Tu, camarada, arcas a despesa! [Inadequado]

   Tu, camarada, arcas com a despesa! [Adequado]

...[arcas = verbo transitivo indireto]

...[com a despesa = destino da ação verbal = objeto indireto]

2. A funcionária apenas obedecia as ordens do seu chefe. [Inadequado]

   A funcionária apenas obedecia às ordens do seu chefe. [Adequado]

   ...[obedecia = verbo transitivo indireto]

   ...[às ordens = destinatário da ação verbal = objeto indireto]

Em geral, os problemas relacionados ao emprego da preposição no objeto indireto dizem respeito à regência verbal, tal qual se apresenta no exemplo (2), em que se verifica o verbo *obedecer* regendo a preposição *a* (dado o substantivo feminino "ordens", emprega-se a crase).

A preposição e o complemento nominal

Dentre as características do complemento nominal destaca-se a presença obrigatória da preposição.

A preposição tem por função relacionar dois ou mais termos de uma oração. Como o complemento nominal realiza a integração com o nome ou advérbio ao qual está ligado, a preposição torna-se indispensável.

Exemplo:

1. A riqueza raciocínio é sempre presente nos teus trabalhos, Roberta. [Inadequado]

   A riqueza de raciocínio é sempre presente nos teus trabalhos, Roberta. [Adequado]

Em geral, os problemas relativos a esse tema ocorrem com a preposição *"a"*. É importante lembrar: sempre que o complemento nominal tiver como preposição a palavra "a", deve-se observar se é possível empregar a crase, obrigatória nessa posição.

Exemplos:

1. A boa notícia é: você está apto a pesquisa! [Inadequado]

   A boa notícia é: você está apto à pesquisa! [Adequado]

2. Quero lembrar que todos aqui devem obediência a administração geral. [Inadequado]

   Quero lembrar que todos aqui devem obediência à administração geral. [Adequado]

Saiba mais sobre a preposição e o complemento nominal

DEPOIS DO ADVÉRBIO

Casos há em que o advérbio necessita de informações adicionais para que o sentido da expressão seja completo. Assim, o complemento nominal une-se ao advérbio fornecendo esse tipo de informação e, nessa ligação, a presença da preposição é obrigatória.

Exemplos:

1. É dispensável a tua presença, relativamente a prestação de contas da loja. [Inadequado]

   É dispensável a tua presença, relativamente à prestação de contas da loja. [Adequado]

NA VOZ PASSIVA

Os verbos na *voz passiva* apresentam o verbo principal no *particípio*. O particípio também representa uma forma de nome, já que pode ser empregado com valor de adjetivo (ex.: *iluminado*, *autenticado*).

Sempre que o verbo, no particípio, apresentar um complemento que acrescente informações à expressão, este será um complemento nominal e deve vir acompanhado de preposição.

Exemplos:

1. **Esses meninos foram <u>acostumados</u> a desordem. [Inadequado]**

   Esses meninos foram <u>acostumados</u> à desordem. [Adequado]

Uso das locuções prepositivas

Certas construções da língua portuguesa constituem casos em que determinados termos se combinam de tal forma que não é permitida a variação seja qual for o contexto em que estão inseridas. Normalmente, trata-se de *locuções* (conjunto de palavras que formam uma unidade expressiva).

As *locuções prepositivas* são elementos que não variam em *gênero* (feminino ou masculino) e *número* (singular ou plural). São, por isso, expressões fixas na língua portuguesa. A forma fixa dessas locuções, porém, não se resume à variação de gênero e número. No decorrer da história da língua portuguesa, determinadas formas se consagraram. Muitos gramáticos postulam a adequação de uma forma e não outra para a língua escrita. Por isso, o emprego inadequado dessas construções configura-se um problema de linguagem.

Vejamos alguns exemplos freqüentes de uso inadequado de locuções prepositivas:

Exemplos:

1. **A nível de experiência, tudo é válido. [Inadequado]**

   Em nível de experiência, tudo é válido. [Adequado]

2. **Eles estavam em vias de cometer uma loucura. [Inadequado]**

   Eles estavam em via de cometer uma loucura. [Adequado]

A seguir, alguns exemplos de locuções em uso inadequado:

EMPREGO INADEQUADO	EMPREGO ADEQUADO
a nível de	em nível de
à medida em que	na medida em que
ao mesmo tempo que	ao mesmo tempo em que
apesar que	apesar de que
de modo a	de modo que
a longo prazo	em longo prazo
em vias de	em via de
ao ponto de	a ponto de
de vez que	uma vez que / portanto

Note que o uso corrente das inadequações promove substituição ou supressão das <u>preposições</u> que compõem a expressão.

Além disso, é importante ressaltar que, embora estejamos nos referindo apenas às locuções prepositivas, o mesmo princípio pode ser aplicado às *locuções conjuncionais* ou *locuções adverbiais*. Vejamos, por exemplo, um caso em que a inadequação recai sobre uma locução adverbial:

1. **Os amigos, na surdina, combinavam sobre tua festa. [Inadequado]**

   Os amigos, à surdina, combinavam sobre tua festa. [Adequado]

Formas especiais do pronome oblíquo

O <u>pronome oblíquo</u>, quando exerce a função de <u>objeto direto</u>, adquire formas especiais conforme a posição que ocupa na sentença. Isso, porém, só é válido para os pronomes oblíquos de terceira pessoa do singular e do plural.

Quando o pronome oblíquo estiver antes do verbo (<u>próclise</u>, as formas utilizadas são as padrões: *o, a, os, as*.

Quando o pronome oblíquo estiver depois do verbo (ênclise), as formas do pronome variam de acordo com o verbo que acompanham. São duas as terminações verbais que comandam a forma do pronome oblíquo enclítico:

1. verbos terminados em -r, -s ou –z acrescenta-se "-l" antes da forma do pronome (-lo, -la, -los, -las).

Exemplo:

1. Todos podiam fazer o exercício em casa.

   Todos podiam fazer-o em casa. [Inadequado]

   Todos podiam fazê-lo em casa. [Adequado]

2. verbos terminados em *ditongo nasal* (-am, -em, -ão e -õe) acrescenta-se "-n" antes da forma do pronome (-no, -na, -nos, -nas).

Exemplo:

1. Eles tinham aquela criança como filha rebelde.

   Eles tinham-a como filha rebelde. [Inadequado]

   Eles tinham-na como filha rebelde. [Adequado]

Saiba mais sobre as formas especiais do pronome oblíquo

O pronome oblíquo acrescido de "-l" é também utilizado em construções com o designativo *eis* e os pronomes *nos* e *vos*, já que essas três palavras terminam em *–s* e podem ser acompanhadas de pronome oblíquo posposto.

Exemplos:

1. Eis o documento aqui!

   Eis-o aqui! [Inadequado]

   Eis-lo aqui. [Adequado]

2. O sindicato deu a vós cartilhas como presente.

   O sindicato deu vos-as como presente. [Inadequado]

   O sindicato vo-las deu como presente. [Adequado]

As formas especiais do pronome oblíquo são fundamentais na construção adequada da *mesóclise* (pronome no interior do verbo). Nesse caso, a terminação do verbo também comandará a forma que o pronome oblíquo deve possuir.

Os pronomes pessoais e algumas preposições

Os pronomes pessoais são classificados na língua portugesa em pronome reto (*eu*, *tu*, *ele*, etc.), pronome oblíquo (*me*, *te*, *lhe*, etc.) e pronome reflexivo (me, nos, se, etc.). O emprego de cada um dos pronomes é determinado pela função que desempenham na sentença. O pronome reto, por exemplo, desempenha função de sujeito, ao passo que o pronome oblíquo exerce a função de objeto (complemento verbal).

Apesar de associarmos o emprego dos pronomes pessoais às funções que eles exercem na oração, certas construções são determinadas pela presença de preposições que antecedem os pronomes. Trata-se de uma convenção da Gramática Tradicional. Porém, o emprego inadequado desses pronomes torna-se um problema de linguagem.

A seguir apresentamos algumas preposições que exigem ora o pronome reto ora o pronome oblíquo como complemento:

1. AFORA, MENOS, EXCETO: emprega-se pronome reto

Exemplo:

1. Todos trouxeram o almoço de casa, menos mim. [Inadequado]

   Todos trouxeram o almoço de casa, menos eu. [Adequado]

2. ENTRE: emprega-se pronome oblíquo tônico

Exemplo:

1. Não há vínculo algum entre eu e ela. [Inadequado]

   Não há vínculo algum entre mim e ti. [Adequado]

É importante lembrar que as formas plurais dos pronomes oblíquos tônicos são idênticas às formas plurais do pronome reto: *nós*, *vós*, *eles/elas*. Portanto, quando empregado após a preposição "*entre*", deve-se ter claro o fato de que não se trata de uso do pronome reto, mas sim de uso do pronome oblíquo.

Exemplo:

1. Eu gostaria que houvesse um acordo entre elas.

3. ATÉ: emprega-se pronome oblíquo tônico, quando expressa *movimento*

Exemplos:

1. Cláudio levou até ele os documentos que deveria assinar. [Inadequado]

   Cláudio levou até si os documentos que deveria assinar. [Adequado]

2. Tragam até eu aquela planilha de custo. [Inadequado]

   Tragam até mim aquela planilha de custo. [Adequado]

Quando a palavra "*até*" indicar *inclusão*, deve-se empregar o pronome reto. É importante salientar que, nesse tipo de construção, "*até*" não mais funciona como preposição, mas sim como uma palavra denotativa.

Exemplos:

1. Ninguém gostava daquele doce; até mim que não recusava essas coisas. [Inadequado]

   Ninguém gostava daquele doce; até eu que não recusava essas coisas. [Adequado]

O sujeito e as contrações

Quando as *contrações* entre pronome e preposição, especialmente aquelas constituídas pelas preposições *de* e *em* seguidas dos pronomes pessoais de terceira pessoa [ele(s), ela(s)], estiverem se referindo não ao pronome em si, mas ao verbo, é obrigatório manter separado cada um dos elementos da contração. Isso se dá, no entanto, somente em *orações subordinadas reduzidas de infinitivo*.

As orações reduzidas não possuem qualquer conectivo (pronome relativo ou conjunção) ligando-as à *oração principal*. Dessa forma, como o pronome da oração reduzida exerce a função de sujeito, deve-se mantê-lo na sua forma simples. As contrações entre pronome e preposição ocupam sempre a posição de *complementos*, nunca a de sujeitos da oração.

Exemplos:

1. O fato dele trabalhar não muda minha decisão sobre seu futuro. [Inadequado]

   O fato de ele trabalhar não muda minha decisão sobre seu futuro. [Adequado]

2. A maneira dele falar impressionava a todos. [Inadequado]

   A maneira de ele falar impressionava a todos. [Adequado]

Em contraste com esse emprego, temos a contração empregada adequadamente, por exemplo, como complemento nominal:

1. Esse era o jeito dele. [Complemento Nominal]

2. Esse era o jeito de ele ver o mundo. [Sujeito de oração reduzida de infinitivo]

O sujeito posposto em orações com verbos unipessoais

Embora a Língua Portuguesa se apresente predominantemente pela ordem direta (sujeito + verbo + predicado), é comum encontrarmos alguns termos em posições variadas na oração. É o que se entende por ordem inversa, na qual alguns termos são encontrados em combinação contrária ao esperado (ex.: verbo + sujeito = sujeito posposto).

Nas orações formadas por *verbos unipessoais* geralmente se constrói a oração invertendo-se a ordem entre sujeito e verbo, de onde o verbo passa a ocupar a primeira posição enquanto o sujeito é apresentado posteriormente ao verbo. Trata-se de um recurso estilístico, pois se pretende valorizar a noção expressa pelo verbo.

Os verbos unipessoais sempre se apresentam na terceira pessoa, variando o número (singular/plural) conforme a natureza do sujeito ao qual está ligado. Se o verbo não exigir um sujeito *(oração sem sujeito*), o verbo unipessoal sempre aparecerá na terceira pessoa do singular.

Se o verbo contar com um sujeito explícito na oração, esse sujeito pode ser posposto e deve manter a concordância com o verbo ao qual está ligado. São exemplos de verbos unipessoais: *bastar*, *faltar*, *restar*, *acontecer* e etc.

Exemplos:

ORAÇÃO COM SUJEITO EXPLÍCITO:

1. Falta cinco dias para a Copa do Mundo! [Inadequado]

   Faltam cinco dias para a Copa do Mundo! [Adequado]

ORAÇÃO SEM SUJEITO:

1. Basta ao trabalho escravo!

Observe que não foi apontado o uso inadequado da ordem do sujeito e verbo. Isso se dá porque é perfeitamente possível e aceitável a colocação desses termos na ordem direta da oração (ex.: *Cinco dias faltam para a Copa do Mundo*.).

O sujeito posposto em orações reduzidas

Embora a Língua Portuguesa se apresente predominantemente pela ordem direta (sujeito + verbo + predicado), é comum encontrarmos alguns termos em posições variadas na oração. É o que se entende por ordem inversa, na qual alguns termos são encontrados em combinação contrária ao esperado (ex.: verbo + sujeito = sujeito posposto).

Nas *orações subordinadas reduzidas* de infinitivo, particípio ou gerúndio geralmente se constrói a oração invertendo-se a ordem entre sujeito e verbo, de onde o verbo passa a ocupar a primeira posição enquanto o sujeito é apresentado posteriormente ao verbo. Trata-se de um recurso estilístico, pois se pretende valorizar a noção expressa pelo verbo.

As orações reduzidas são de três tipos: *reduzidas de infinitivo* – formadas por verbos no infinitivo pessoal ou impessoal -, *reduzidas de particípio* – formadas por verbos no particípio – e *reduzidas de gerúndio* – formadas por verbos no gerúndio.

Exemplos:

ORAÇÃO REDUZIDA DE INFINITIVO:

1. É muito difícil acontecer isso.

ORAÇÃO REDUZIDA DE PARTICÍPIO:

1. **Semeadas as sementes, iniciaremos novo trabalho no sítio.**

ORAÇÃO REDUZIDA DE GERÚNDIO:

1. **Faremos enfim aquela festa, sendo nós os escolhidos para a medalha.**

Observe que em nenhum dos casos foi apontado o uso inadequado da ordem dos sujeito e verbo. Isso se dá porque é perfeitamente possível e aceitável a colocação desses termos na ordem direta da oração (ex.: *É muito difícil isso acontecer.*).

Tempo verbal e o emprego de pronomes

Quando o verbo estiver no futuro do presente do indicativo ou no futuro do pretérito do indicativo, pode-se optar pelo uso da próclise ou da *mesóclise*. Nunca, porém, é permitido o uso da ênclise.

Exemplos:

Próclise

1. **E os sábios diriam-me: "ides sem volta"!. [Inadequado]**

   E os sábios me diriam: "ides sem volta"!. [Adequado]

2. **Eles darão-lhe o primeiro prêmio. [Inadequado]**

   Eles lhe darão o primeiro prêmio. [Adequado]

Mesóclise

1. **E os sábios diriam-me: "ides sem volta"! [Inadequado]**

   E os sábios dir-me-iam: "ides sem volta"! [Adequado]

2. **Eles darão-lhe o primeiro prêmio. [Inadequado]**

   Eles dar-lhe-ão o primeiro prêmio. [Adequado]

O subjuntivo e as orações subordinadas

O subjuntivo é o *modo verbal* que expressa o desejo, a hipótese, a condição, o pedido, a ordem, a proibição, o fato imaginado. Trata-se, portanto, de uma ação inacabada ou que está para se realizar. Por isso, em geral, o modo subjuntivo está presente nos verbos de *orações subordinadas*, já que na *oração principal* será apresentado o fato exato ou o fato real.

Exemplo:

1. **Quando eu voltar, trarei flores para ti.**

   ...[Quando eu voltar: oração subordinada = hipótese/condição; ação por se realizar]

   ...[trarei flores para ti: oração principal = resultado da hipótese; fato preciso]

Dentre as orações subordinadas, a *oração adverbial temporal* e a *oração adverbial condicional* são aquelas que exprimem especialmente as noções do modo subjuntivo. Assim, é obrigatório que os verbos dessas orações sejam construídos no modo subjuntivo.

Exemplos:

1. **Quando ele ver o lugar, saberá do que estou falando. [Inadequado]**

   Quando ele vir o lugar, saberá do que estou falando. [Adequado]

2. **Se eu lhe peço antes, você iria comigo à festa? [Inadequado]**

Se eu lhe pedisse antes, você iria comigo à festa? [Adequado]

O subjuntivo e os verbos modais

O subjuntivo é o *modo verbal* que expressa o desejo, a hipótese, a condição, o pedido, a ordem, a proibição, o fato imaginado. Alguns dos verbos chamados *modais*, exprimem essas noções, mas pedem um complemento para que o sentido da expressão seja completo.

As *orações subordinadas objetivas diretas* são o complemento desses verbos. Quando elas seguem os modais "*querer*", "*pedir*", "*esperar*", "*proibir*" e etc., em geral são introduzidas pelo conectivo "*que*". Nessas orações subordinadas, é obrigatória a construção dos verbos no modo subjuntivo, pois através dele reforça-se a idéia expressada pelo verbo da oração principal.

Exemplos:

1. Peço que se retiram! [Inadequado]

   Peço que se retirem! [Adequado]

   ...[peço: verbo modal/oração principal = expressão de desejo/pedido]

   ...[que se retirem: oração subordinada objetiva direta]

   ...[retirem: modo subjuntivo = expressão de desejo/pedido]

2. Tua família espera que você manda notícias. [Inadequado]

   Tua família espera que você mande notícias. [Adequado]

   ...[espera: verbo modal/oração principal = expressão de desejo]

   ...[que você mande notícias: oração subordinada objetiva direta]

   ...[mande: modo subjuntivo = expressão de desejo]

Os auxiliares e certos verbos abundantes

Os *verbos auxiliares* (ser, estar, ter e haver) são empregados em construções determinadas:

- ser: forma a *voz passiva*
- estar: forma o *aspecto verbal*
- ter e haver: formam *tempos compostos*

Os *verbos abundantes* são aqueles que se apresentam com mais de uma forma, especialmente no *particípio*. Essas duas formas são as chamadas forma regular, em que se verifica a presença dos *sufixos* característicos do particípio (-ado, -ido), e forma reduzida, em que se verifica a ausência de sufixo. Exemplos: *expressar* – *expressado* (forma regular) – *expresso* (forma reduzida).

A escolha de uma das formas do particípio é vinculada ao verbo auxiliar pretendido pelo usuário da Língua. Ou seja:

- auxiliares ser e estar: forma reduzida
- auxiliares ter e haver: forma regular

Exemplos:

1. Nossos vizinhos têm pego encomendas estranhas toda manhã. [Inadequado]

   Nossos vizinhos têm pegado encomendas estranhas toda manhã. [Adequado]

2. Nossos vizinhos foram pegados pela polícia. [Inadequado]

Nossos vizinhos foram pegos pela polícia. [Adequado]

"a" x "há": a noção de tempo

Um dos empregos do verbo *haver* é aquele que aponta para a noção de tempo decorrido. Quando expressa esse sentido, o verbo *haver* torna-se um *verbo impessoal*.

É importante anotar a grafia correta do verbo *haver* na construção de orações com as quais se pretenda expressar essa noção de tempo decorrido. Não raro, confunde-se a grafia da forma verbal *HÁ* com a preposição ou artigo *A*. Emprega-se a preposição *"a"*, em oposição a *"há"*, quando quer-se expressar a noção de tempo futuro. Dessa forma, o *"a"* anuncia um acontecimento vindouro, ao passo que *"há"* remete a um acontecimento passado.

Exemplos:

1. O mensageiro procurava por seu endereço a meses. [Inadequado]

   O mensageiro procurava por seu endereço há meses. [Adequado]

2. Posto de serviços há vinte minutos. [Inadequado]

   Posto de serviços a vinte minutos. [Adequado]

O verbo "haver" e a flexão

Os *verbos impessoais* – aqueles que apresentam *sujeito nulo* na oração – não se flexionam em número e pessoa verbal.

O verbo haver torna-se impessoal quando exprime o sentido de:

- *existir*. Exemplo: Há momentos de solidão necessária.
- *acontecer/ocorrer*. Exemplo: Há inaugurações mensais nessa galeria.
- *fazer* (indicando tempo decorrido). Exemplo: Há *anos ambiciono essa vaga*.

Sempre que o verbo *haver* for empregado com algum dos sentidos apontados acima, não ocorrerá a flexão verbal, já que não existe um sujeito gramatical na oração. Nesse caso, o verbo *haver* deve ser empregado sempre na terceira pessoa do singular.

Exemplos:

1. Haverão surpresas na festa. [Inadequado]

   Haverá surpresas na festa. [Adequado]

2. Houveram brigas durante o carnaval. [Inadequado]

   Houve reclamações junto à secretaria. [Adequado]

3. Hão dias que não te vejo! [Inadequado]

   Há dias que não te vejo! [Adequado]

O verbo "fazer" e a flexão

Os *verbos impessoais* – aqueles que apresentam *sujeito nulo* na oração – não se flexionam em número e pessoa verbal.

O verbo fazer torna-se impessoal quando exprime o sentido de tempo decorrido. Assim, sempre que o verbo *fazer* for empregado com sentido de tempo decorrido, não ocorrerá a flexão verbal, já que não existe um sujeito gramatical na oração. Nesse caso, o verbo *fazer* deve ser empregado sempre na terceira pessoa do singular.

Exemplos:

1. **Fazem dias que você não dorme... [Inadequado]**

   Faz dias que você não dorme... [Adequado]

2. **Fizeram seis meses que o colegiado se reuniu. [Inadequado]**

   Fez seis meses que o colegiado se reuniu. [Adequado]

O particípio e a expressão "haja vista"

Os verbos podem se apresentar nas chamadas *formas nominais*, que são três: *infinitivo*, *gerúndio* e *particípio*. Elas são consideradas nominais, pois, em determinados empregos, exercem a função de um nome. Algumas dessas formas nominais do verbo, tal qual o particípio, podem variar em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural) concordando com o nome ao qual se relaciona.

Na expressão haja vista o verbo "*ver*" está no *particípio*, portanto, na forma nominal. Assim, poderíamos supor que ele devesse variar segundo o gênero e o número do nome ao qual se liga. No entanto, a gramática da língua portuguesa consagrou a construção haja vista, independentemente dos elementos aos quais ela estaria vinculada.

Em uma *locução verbal* da qual faça parte um verbo no particípio (ex.: *tenho esperado*, *está feito*), a forma nominal é fixa: masculino singular. Por um capricho da língua portuguesa, na locução haja vista fixou-se a forma do particípio no feminino singular. Portanto, o emprego

- **do verbo "*haver*" flexionado em número, e**
- **do verbo "*ver*" flexionado em gênero ou número**

na locução haja vista constitui uma inadequação gramatical.

Exemplos:

1. **Os problemas permaneceriam, hajam vistas as dúvidas que encontramos. [Inadequado]**

   Os problemas permaneceriam, haja vista as dúvidas que encontramos. [Adequado]

2. **Hoje sairei daqui mais tarde, haja visto o trabalho que ainda tenho de terminar. [Inadequado]**

   Hoje sairei daqui mais tarde, haja vista o trabalho que ainda tenho de terminar. [Adequado]

A locução haja vista, como se observa nos exemplos acima, é usada como *conjunção subordinativa*. O seu valor equivale ao das locuções conjuncionais "*devido a*", "*por conta de*", "*por causa de*".

As preposições e formas verbais como "foi"

Na língua portuguesa algumas formas verbais são representadas da mesma maneira, embora indiquem tempos diferentes ou mesmo verbos distintos. Nesse sentido, os verbos *ir* e *ser* são freqüentemente alvo de problemas gramaticais devido ao fato de que ambos possuem a mesma forma nos tempos *pretérito perfeito* e *pretérito mais-que-perfeito* do modo *indicativo*. Observe:

Pretérito Perfeito	Pretérito Mais-que-Perfeito
VERBO "*IR*"	VERBO "*IR*"
eu fui	eu fora
tu foste	tu foras
ele foi	ele fora
nós fomos	nós fôramos
vós fostes	vós fôreis
eles foram	eles foram
Pretérito Perfeito	Pretérito Mais-que-Perfeito
VERBO "*SER*"	VERBO "*SER*"
eu fui	eu fora
tu foste	tu foras

ele foi	ele fora
nós fomos	nós fôramos
vós fostes	vós fôreis
eles foram	eles foram

Um dos problemas gerado pela forma idêntica desses dois verbos, sobretudo no tempo pretérito perfeito, se refere à regência verbal. Isto é, que tipo de preposição é exigida por cada verbo e em cada acepção que este possua.

As preposições, isoladamente, não possuem qualquer significado, mas expressam algumas noções definidas (espaço, situação, movimento, etc.). Os verbos selecionam uma e outra preposição na relação de regência verbal que estabelecem com elas. Assim, o sentido do verbo é reforçado pela noção expressada pela preposição que o acompanha.

O verbo *ir* com sentido de movimento rege a preposição "*a*" ou "*para*" que reforçam a idéia de deslocamento. Já o verbo *ser* com sentido de acontecer, ocorrer exige a preposição "*em*", expressando o momento *em que* ocorreu a ação. Quando a construção do enunciado envolver qualquer desses dois verbos no pretérito perfeito ou mais-que-perfeito, deve-se, portanto, atentar para o emprego adequado das preposições regidas por eles, respeitando o sentido do verbo que está sendo utilizado.

Exemplos:

1. Eu não fui em baile algum! [Inadequado]

   Eu não fui a baile algum! [Adequado]

   Eu não fui para baile algum! [Adequado]

   ...[verbo ir com sentido de *movimento*]

1. O sorteio dos prêmios foi a 28 de setembro. [Inadequado]

   O sorteio dos prêmios foi em 28 de setembro. [Adequado]

   ...[verbo ser com sentido de *acontecer*]

É importante lembrar, ainda, que:

- a preposição "*em*" pode se contrair com os artigos (*a*, *as*, *o*, *os*, *um*, *uns*, *uma*, *umas*). Mesmo na forma contraída, ela só deve ser empregada junto ao verbo ir com sentido de "*ocorrer*". Exemplo:

  Aquela tranqüilidade foi só nas férias!

- verbo ir com sentido de movimento seguido de palavra feminina determinada exige que a preposição "*a*" seja acentuada (crase). Exemplo:

  Sem oportunidade de escolha, todos fomos à inauguração do departamento.

As locuções verbais e o uso das preposições

Locuções são grupos de palavras que, unidas, formam uma unidade com um sentido próprio. Na língua portuguesa há vários tipos de locução: *locução verbal*, *locução adverbial*, *locução prepositiva*, etc.

Uma *locução verbal* se compõe de dois ou mais verbos (ex.: *tenho estado fazendo*). Na locução verbal composta de dois verbos, o primeiro deles é considerado um *verbo auxiliar* (*ser*, *estar*, *ter* e *haver*) ou *modal* (*poder*, *querer*, *precisar*, *dever*, etc.). O segundo verbo da locução é considerado o *verbo principal*. Independentemente do tipo, porém, é sempre o primeiro verbo da locução o responsável pela flexão (de número, tempo, modo e aspecto). O segundo verbo da locução apresenta-se sempre no infinitivo, no gerúndio ou no particípio.

As preposições são exigidas pela relação de *regência* que se estabelece entre elas e o verbo. Numa locução verbal, é o segundo verbo que rege a preposição. Portanto, mesmo se o primeiro verbo da locução reger uma preposição, ela deve ser abandonada nesse tipo de construção.

Exemplos:

1. Se ela precisar de viajar, não vou me opor. [Inadequado]

   Se ela precisar viajar, não vou me opor. [Adequado]

2. Ele deve de ser inteligente. [Inadequado]

   Ele deve ser inteligente. [Adequado]

É importante, no entanto, atentar para duas particularidades:

- os *verbos transitivos indiretos* (aqueles que exigem complemento preposicionado) podem apresentar como complemento um verbo no infinitivo. Nesse caso, não se trata de uma locução verbal, já que o primeiro verbo não é um auxiliar ou modal. Portanto, o emprego da preposição é obrigatório. Exemplo:

1. Cecília gosta de trabalhar no shopping.

   ...[*gostar*: verbo transitivo indireto = rege a preposição "*de*"]

- verbo "*ter*" com sentido de "*precisar*", "*ser obrigado*", "*ser necessário*" é acompanhado pela preposição "de". Como se trata de uma restrição semântica, o emprego da preposição é obrigatório, mesmo se o complemento deste verbo for um verbo no infinitivo. Do mesmo modo que os verbos transitivos indiretos, não se trata aqui de uma locução verbal. Exemplo:

1. Ele tem de cumprir a sua promessa.

   ...[*ter*: verbo preposicionado = é acompanhado pela preposição "*de*"]

Uso de Parônimos

Parônimos são palavras de sentido diferente e forma semelhante, que provocam, com alguma freqüência, confusão. A lista das formas parônimas do português é extensa. Abaixo alguns exemplos:

1. "ovos estalados" (que sofreram estalo) -> "ovos estrelados" (em forma de estrela)
2. "afim de" (semelhante a) -> "a fim de" (para)
3. "deferir" (aprovar) -> "diferir" (adiar)
4. "descrição" (ato de descrever) -> "discrição" (qualidade de discreto)
5. "espinho" (órgão das plantas) -> "espinha" (osso de peixe)
6. "emigrar" (migrar de) -> "imigrar" (migrar para)
7. "a cerca de" (a respeito de) -> "cerca de" (aproximadamente)
8. "listada" (incluída em uma lista) -> "listrada" (com listras)
9. "germinada" (que germinou) -> "geminada" (duplicada)
10. "súbita honra" (honra repentina) -> "subida honra" (alta honra)

Vejamos a seguir alguns desses casos:

- OVOS "ESTALADOS"

O uso corrente dessa expressão costuma colocar a palavra "estalado" no lugar da palavra "estrelado". A forma adequada - ovo(s) estrelado(s) - irá surtir o efeito que se queria produzir: situação do ovo que é frito (e não mexido) em que este se assemelha a uma estrela - o centro da estrela (a gema) e a irradiação da sua luz (a clara).

Exemplos:

1. Por favor, eu quero ovos estalados para o café da manhã! [Inadequado]

   Por favor, eu quero ovos estrelados para o café da manhã! [Adequado]

- "ESPINHO" DE PEIXE

Nessa expressão, a língua falada consagrou ao peixe uma propriedade que não lhe é própria: a de ter espinhos. Diferente das flores, como a rosa, que sabidamente possui espinhos, o peixe possui espinha, proveniente da sua espinha dorsal, na qualidade de animal vertebrado que é. A expressão adequada, portanto, é espinha de peixe.

Exemplos:

1. **No prato só restaram os espinhos de peixe... [Inadequado]**

   No prato só restaram as espinhas de peixe... [Adequado]

- MAL E "PORCAMENTE"

Nessa expressão estão combinadas duas palavras de sentido negativo. É natural, portanto, que o falante, inadvertido, empregue de maneira equivocada a palavra "porcamente" para reforçar o atributo negativo já expresso por "mal". Porém a palavra adequada nessa expressão é "parcamente", um advérbio que vem do adjetivo "parca", significando "escasso", "simples", "reduzido". Vê-se que, na correta acepção da expressão, o sentido pejorativo desaparece quase que totalmente, sendo reduzido a "algo que se faz de forma errada e muito simples".

Exemplos:

1. **Mariana escreveu mal e porcamente sua redação sobre as férias. [Inadequado]**

   Mariana escreveu mal e parcamente sua redação sobre as férias. [Adequado]

Uso do Clichê

Clichês são frases que se banalizaram pela repetição excessiva, transformando-se em um tipo de estereótipo que merece ser evitado. A lista de clichês e chavões nos textos em língua portuguesa é extensa. Abaixo alguns exemplos.

1. **Fechar com chave de ouro**
2. **Ao apagar das luzes**
3. **Bater em retirada**
4. **Cair como uma luva**
5. **Chegar a um denominador comum**
6. **Colocar um ponto final na discussão**

Uso de Arcaísmos

Há, na língua portuguesa, várias expressões e construções sintáticas que, embora comuns no passado, deixaram de participar da norma atual. Essas expressões - por comprometerem a clareza e atribuírem, ao texto, um tom excessivamente precioso - devem ser evitadas, sempre que possível.A lista de expressões arcaicas é extensa. Abaixo alguns exemplos:

FORMA ARCAICA	FORMA ATUAL
Alcaide	Prefeito
Nosocômio	Hospital
Outrossim	Também
Hum	Um
Cincoenta	Cinqüenta

Uso de Estrangeirismos

A palavra estrangeira deve ser evitada sempre que já existir, em língua portuguesa, expressão equivalente.

Exemplo:

whisky -> uísque

cognac -> conhaque

karatê -> caratê

tarot -> tarô

poker -> pôquer

menu -> cardápio

gentleman -> cavalheiro

lady -> senhora

FONTE: http://www.nilc.icmc.usp.br/minigramatica/mini/usodeestrangeirismos.htm